

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Instituto de Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em História



Dissertação de Mestrado

Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande:
Facebook, memória fotográfica e História digital

Bruno dos Santos Bengochea

Pelotas, 2022

Bruno dos Santos Bengochea

Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande:
Facebook, memória fotográfica e História digital

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em História.

Orientador(a): Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B466f Bengochea, Bruno dos Santos

Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande : facebook, memória fotográfica e história digital / Bruno dos Santos Bengochea ; Fábio Vergara Cerqueira, orientador. — Pelotas, 2022.

154 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. História digital. 2. Redes sociais. 3. Memória fotográfica. I. Cerqueira, Fábio Vergara, orient. II. Título.

CDD : 981.658

Bruno dos Santos Bengochea

Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande:
Facebook, memória fotográfica e História digital

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do Título de Mestre em História.

Data da defesa: 27/04/2022

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Fábio Vergara Cerqueira (Orientador). Doutor e Ciência Social (Antropologia Social) pela Universidade Federal de São Paulo (USP).

Prof.^a. Dra. Anita Lucchesi. Doutora em História pela Universidade do Luxemburgo.

Prof.^a. Dra. Ana Maria Sosa González. Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Prof.^a. Dra. Raquel da Cunha Recuero. Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Resumo

BENGOCHEA, Bruno dos Santos. **Fatos e Coisas de Antanho: Facebook, memória fotográfica e História digital**. Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

Essa dissertação se propõe ao estudo de um dos campos mais promissores da ciência histórica no século XXI: a História Digital. Para isso, o trabalho utilizou-se de fontes digitais que foram produzidas dentro do site de rede social mais acessado do mundo: o Facebook. Através de uma ramificação específica do site, o grupo *Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande*, o presente texto faz um recorte para a cidade de Rio Grande – RS, e mais especificamente, um evento histórico popular dessa cidade chamado “Carnaval da Colombo”. Através dessas fontes – memórias compartilhadas através de postagens neste grupo - analisadas com recursos computacionais, foi possível aprender sobre as práticas deste evento e sobre o cotidiano das pessoas que participaram. Nesse sentido, pretende-se fazer uma reflexão sobre questões fundamentais do ambiente virtual como o seu funcionamento, regulação e problemas éticos ainda não resolvidos. Também busca-se evidenciar as possibilidades do digital enquanto um aliado da ciência histórica, tanto como ferramenta para pesquisa quanto para popularização do conhecimento histórico.

Palavras-chave: História Digital; Redes Sociais; Memória Fotográfica;

Abstract

BENGOCHEA, Bruno dos Santos. **Fatos e Coisas de Antanho: Facebook, photographic memory and Digital History**. Dissertation (Master Degree in History) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas 2022.

This dissertation is proposed to study one of the most promising fields of scientific history in 21st century: the digital history. For this, this work used digital fonts, that were produced in the most accessed social media website of the world: the Facebook. Through a specific branch of this website, the group *Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande*, this present text cut for de Rio Grande – RS city, and specifically for one popular historic event of this city called “Carnaval da Colombo”. Through these sources – memories shared in posts of this group – analyzed with compute resources, was possible to learn about practices in this event and about the daily of this people. In this away, we want to have a reflection of the fundamental’s questions in virtual environment like how it works, regulation and ethical problems no yet resolved. Also, we want to evidence the possibilities of the digital while one allied to scientific history, both as a tool for research and for the popularization of historical knowledge.

Key-Words: Digital History; social media; Photographic Memory;

Lista de Figuras

Figura 1: A página inicial do grupo Fatos e Coisas de Antanho.	16
Figura 2: Retrato de Demócrito e Tecla.	47
Figura 3: A diversidade dos assuntos do grupo Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande.	74
Figura 4: A diversidade de abordagens sobre os temas no grupo Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande.....	76
Figura 5 - Imagem da figura anterior que demonstra o formato dos comentários mais relevantes.....	78
Figura 6 - Debate entre o usuário e administração do grupo com relação à liberdade de publicação	81
Figura 7: Perímetro urbano da cidade de Rio Grande - 2014	86
Figura 8: Perímetro urbano da cidade de Rio Grande - 2014 - área central.....	87
Figura 9: Perímetro urbano da cidade de Rio Grande - 2014 - bairro Cidade Nova.	88
Figura 10: Postagem popular sobre o Carnaval da Colombo	92
Figura 11: Demonstração da pesquisa na página do Facebook.....	95
Figura 12: Informações da importação textual no software Iramuteq	102
Figura 13: Tela de definições do Iramuteq	103
Figura 14: Análise estatística no Iramuteq	104
Figura 15: Abas Perfis e AFC do Iramuteq	107
Figura 16: Dendograma do corpus textual Carnaval da Colombo no Iramuteq.....	108
Figura 17 - Homenagem à Maureci Mattos, o "Drácula" do carnaval entre 1969 e 2013.	109
Figura 18: Fotografia digitalizada, postada no grupo Fatos e Coisas de Antanho (2014) sobre o bloco "Don Patusco e Mariana (sem data da imagem original)".	110
Figura 19: Postagem no grupo Fatos e Coisas de Antanho (2020) sobre o bloco "Don Patusco e Mariana".	111
Figura 20- A presença de crianças no carnaval. (Final da década de 1950).....	112
Figura 21 - O desfile carnavalesco na década de 1950.....	113
Figura 22: Dendrograma no plano cartesiano no Iramuteq.....	115

Figura 23: Análise de Similitude feita através do Iramuteq	116
Figura 24: Nuvem de palavras gerada através do Iramuteq	117
Figura 25: Exemplo do painel do Voyant Tools após adição de um corpus textual sem tratamentos	144

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Relação dos Softwares\Necessidades.....	98
--	----

Lista de abreviaturas e siglas

AFC - Análise Fatorial por Correspondência

ARPA - Advanced Research Projects Agency

CERN - Laboratório Europeu para Física de Partículas

CHD - Classificação Hierárquica Descendente

FCARG – Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande

FURG – Universidade Federal do Rio Grande

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPTO - Information Processing Techniques Office

LERASS - Laboratório de Estudos e Pesquisas Aplicadas em Ciências Sociais

LGPD – Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais

IRAMUTEQ - Interface R para Análises Multidimensionais de textos e questionários

OCR - Reconhecimento Ótico de Caracteres

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

UCI - Unidades de Contexto Iniciais

UCE - Unidades de Contexto Elementares

UX – Experiência do Usuário

WWW - World Wide Web

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL E A FOTOGRAFIA	25
1.1 HISTÓRIA PÚBLICA: UMA DEMANDA DO HISTORIADOR DO SÉCULO XXI	25
1.2 HISTÓRIA DIGITAL: O SÉCULO DAS CONEXÕES MEDIADAS PELA COMPUTAÇÃO.....	35
1.3 FOTOGRAFIA: UMA TECNOLOGIA DA MEMÓRIA	44
CAPÍTULO 2 ENTRE O UNIVERSO DA INTERNET E DAS REDES SOCIAIS, UM ESPAÇO A SER OCUPADO PELA HISTORIOGRAFIA: O GRUPO FATOS E COISAS DE ANTANHO DO RIO GRANDE	54
2.1 A CULTURA DA INTERNET NO BRASIL	54
2.2 FACEBOOK: COMO A REDE SOCIAL MAIS BEM SUCEDIDA DA HISTÓRIA CRIOU UM MUNDO COM SOLUÇÕES E PROBLEMAS	60
2.3 O GRUPO FATOS E COISAS DE ANTANHO DO RIO GRANDE.....	69
CAPÍTULO 3 ESTUDO DE CASO: "O CARNAVAL DA COLOMBO"	83
3.1 CARNAVAL DA COLOMBO.....	83
3.2 FERRAMENTAS E UTILIZAÇÕES PARA COMPREENSÃO DO CONTEÚDO DAS POSTAGENS.....	92
3.2.1 UM POUCO MAIS SOBRE O IRAMUTEQ.....	98
3.3 ANÁLISES COM IRAMUTEQ.....	99
3.3.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ANÁLISES	118
CONCLUSÃO	121
FONTES:	128
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	131

ANEXO I – ANÁLISE DOS SOFTWARES PARA ANÁLISE DE CONTEÚDO TEXTUAL.....139

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM RONALDO MORGADO SEGUNDO.....145

INTRODUÇÃO

Talvez seja interessante iniciar essa dissertação sobre História Digital respondendo uma das perguntas mais populares do uso da internet brasileira, especificamente para os leitores que conheceram a famosa rede social chamada Orkut¹: “Quem sou eu?”. Essa pergunta marcou uma geração de utilizadores de uma das redes sociais mais bem sucedidas do início dos anos 2000 no Brasil, quando o uso da internet estava em exímio crescimento e alicerçando a que hoje utilizamos.

Sobre a pergunta é possível que alguém já tenha pensado sobre a variedade de formas que as pessoas se utilizaram para se apresentar (a maioria pela primeira vez) no espaço virtual. Eu não localizei pesquisa alguma. A produção de narrativas é sempre subjetiva e entrega pistas para compreender as intenções de quem escreve o conteúdo. Dessa forma, compartilho uma que vai ajudar o leitor a conhecer quem escreve essa dissertação e também as intenções do presente texto.

Eu sempre fui incentivado a ler e estudar pela minha madrinha. Ela foi professora e apesar de morar em outra cidade sempre fez questão de enviar livros, cadernos, folhetos e jornais a cada visita. Passei a infância inteira assim, com esse material. Mas não. Não usufruí ele. Fazia só o obrigatório escolar e não tocava nos livros, cadernos, folhetos e jornais. Enfim, não lia.

No início da adolescência conheci o skate. Nesse período, certa vez estava em uma loja de revistas e ela me deixou escolher. Fui direto na edição do mês da revista Cemporcento Skate². Depois de algumas investidas da minha madrinha no sentido de não comprar, falando que a revista era ruim porque tinha muita propaganda, que não ia agregar nada porque só tinha fotos, consegui levar a que escolhi.

¹ O Orkut foi um dos principais sites da primeira década do século XXI. Inicialmente uma rede social voltada ao público norte americano, foi no Brasil que ela se tornou popular, fazendo com que - em 2008 - passasse a ser administrada no Brasil, inclusive. Criada em 2004 e desativada em 2014, o Orkut é símbolo de um período em que o público brasileiro, das mais diversas camadas sociais, deu os primeiros passos na internet. Foi a febre para participar dessa rede social que levou a grande maioria dessas pessoas a terem contato com conceitos relacionados à computação como internet, sites, blogs, virtual, entre outros, atualmente totalmente difundidos.

² A revista “Cemporcento Skate” é a publicação sobre o esporte mais bem sucedida no Brasil. Ela existe desde 1995 e já passou por diversas frequências de publicação (mensal, bimestral, semestral). Atualmente a edição impressa é trimestral e a principal ferramenta utilizada para divulgação é o site: <<https://cemporcentoskate.com.br/>>.

De fato, a revista tinha muitas propagandas. Mas foi através dos poucos textos que estavam presentes no editorial, nas reportagens sobre viagens, nas entrevistas com skatistas que estavam se destacando, nas cartas dos leitores e, claro, das fotografias com as análises das manobras e do processo fotográfico que me identifiquei com a leitura e a escrita. Enfim, após muitas tentativas durante a infância, foi no início da adolescência que minha madrinha conseguiu ser a responsável - mesmo que de uma forma que ela não imaginou - por despertar em mim a busca por conhecimento através da leitura e da escrita.

Essa busca por conhecimento certamente possui relação direta com o ambiente em que cresci e estudei no ensino básico. Ao longo desse período estudei em escolas longes da minha casa que proporcionavam o conhecimento de um raio maior no perímetro urbano e uma maior variedade de pessoas a cada série que avançava. Escrevo da cidade de Rio Grande, no Rio Grande do Sul, no sul do Brasil. Uma cidade litorânea que deu nome ao estado ao qual faz parte.

Conhecida por "Noiva do mar", Rio Grande se apresenta ao mundo tradicionalmente como a cidade da "maior praia do mundo", do "primeiro time de futebol do Brasil", e, claro: "primeira cidade do Rio Grande do Sul". De fato, ela é a primeira cidade do Rio Grande do Sul. Ela compartilha com a cidade vizinha - São José do Norte - uma posição estratégica que faz a ligação da Lagoa dos Patos³ com o oceano Atlântico.

Essa posição estratégica foi a responsável pela sua fundação no ano de 1737. No século XVIII, a mando do rei de Portugal, foi delegada ao brigadeiro José da Silva Paes a coordenação da expedição que construiu a fortificação denominada Jesus, Maria, José no local onde se deu início à província de São Pedro. Inicialmente utilizada como presídio, a fortificação tinha um papel militar de proteção e sustentação do território português no sul da América do Sul, possibilitando maior segurança fluvial no fluxo entre Laguna (SC) e a Colônia do Sacramento (Uruguai), dois pontos importantes da colonização portuguesa. Essa "segurança" durou até 1763, quando

³ A Lagoa dos Patos é a maior laguna da América do Sul e se localiza no estado do Rio Grande do Sul. Faz margem com diversas cidades do estado, além de ser a ligação fluvial com importantes rios do interior do estado.

Rio Grande foi tomada de Portugal pela Espanha, que a ocupou pelos 13 anos que seguiram. Apenas em 1776 os portugueses conseguiram retomar o território, mas o período ocasionou uma grande desocupação territorial, deixando a cidade quase inabitada.

Após esses primeiros anos, Rio Grande se caracterizou por *booms* de migrações através de diferentes eventos. Ainda hoje a cidade possui o único porto oceânico do estado do Rio Grande do Sul, responsável pela principal parcela da economia rio-grandina e do estado. O que inicialmente era um ancoradouro (finais do século XVI) para recebimento de mantimentos, pequenas trocas comerciais e o comércio de escravizados na região sul, vai se desenvolver e receber embarcações de médio porte com a concepção do - hoje - chamado "Porto Velho" em 1823 (BITTENCOURT, 1999).

Após a construção do Porto Novo (1915), a cidade passou a movimentar cargas através de navios de grande porte, ocasionando a instalação de indústrias de diversos ramos durante todo o século XX. Um importante destaque do século XXI foi a construção e operação do que ficou conhecido como "Polo Naval"⁴. Entre os anos de 2006 e 2014, este empreendimento foi o responsável pelo último breve *boom* econômico/urbano na cidade.

Esse entendimento de Rio Grande através de *booms* migratórios considera que a pluralidade de culturas é um fator inevitável. Cidades são sempre plurais e as portuárias ainda mais. Ao fazer a minha leitura sobre a história de Rio Grande procuro dar pistas de que modo entendo a cidade que possui o adjetivo de "Noiva do mar".

Esse "casamento" gerou frutos de pessoas das mais diversas partes do Brasil e do mundo que aportaram aqui. Porém, a redução de Rio Grande como fruto de uma cultura hegemônica é bastante presente nos dias de hoje. A associação de Rio Grande à "cidade portuguesa", como ainda é muito comum, inclusive em propagandas

⁴ "Polo Naval" é o nome que ficou conhecido o Estaleiro Rio Grande. Construído entre os anos de 2006 e 2008, foi responsável por um grande boom econômico em toda região sul, principalmente em Rio Grande. Durante a sua operação, gerou mais de 20 mil empregos diretos. A sua operação interrompida após a empresa que possuía a concessão de operá-lo sofrer uma suspensão contratual por estar envolvida com casos de corrupção. Para mais informação ver (ZERO HORA, 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia/2019/12/dona-do-maior-estaleiro-do-polo-naval-do-rs-voltara-a-disputar-licitacoes-apos-acordo-de-leniencia-ck3q6c8ja027201rzqd5ds9a6.html>>).

institucionais, é uma forma de reproduzir apagamentos de pessoas de outros lugares do Brasil, e de outros continentes, que fizeram sua morada no espaço rio-grandino.

Também se faz necessária uma ponderação com relação aos dados que justificam essas reduções. A concepção de fonte, para materialização de uma informação sobre um determinado período, transforma-se ao longo do tempo e essa transformação abre leques de novas possibilidades aos pesquisadores. Podemos concordar que fontes mais tradicionais como documentos oficiais e paroquiais seriam a base que justifica uma maioria de registros de descendentes de portugueses. No entanto, faz-se necessária uma revisão nessa concepção sobre a ancestralidade da população rio-grandina com novas fontes ou releituras de fontes mais antigas em que possam ser dadas inovadoras interpretações a fim de colaborar historicamente com a diversidade de povos que construíram a cidade do Rio Grande⁵.

Para pensar a pluralidade, essa dissertação se utilizará de uma tecnologia que foi concebida no século XIX e se popularizou no século XX: a fotografia. Também será utilizada outra tecnologia, concebida no século XX e popularizada no XXI: a internet. Dado que a internet se tornou um universo, escolhemos uma das suas facetas mais difundidas entre a população mundial, brasileira e, por que não, rio-grandina: as redes sociais. Aqui especificamente o Facebook, a rede social mais popular do planeta. Dentro do Facebook, escolhemos o estudo de uma construção coletiva de informações históricas sobre a cidade do Rio Grande que se manifesta através de um grupo. Atualmente é a iniciativa mais popular de divulgação de história da cidade, chamada "Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande" (FCARG).

Criado em 18 de julho de 2014, pelo usuário Ronaldo Morgado Segundo, seus sete anos de existência contam com 38,9 mil membros. O nome "Fatos e Coisas de Antanho" faz homenagem à coluna diária de mesmo nome, escrita por Manoel Pinto Ferreira Júnior (M.P.F.J., como assinava), que foi publicada a partir do ano de 1941 no jornal impresso - já extinto - chamado "Rio Grande" (fundado na primeira década

⁵ Ao longo do texto, Rio Grande será referido pela proposição "do". O que pode deixar confuso quanto ao estado do Rio Grande do Sul. No site oficial da prefeitura da cidade (<https://www.riogrande.rs.gov.br/pagina/>) está acompanhado da preposição "do". Informamos a partir daqui que quando se referir ao estado, "Rio Grande" será sempre acompanhado com o "do Sul". Nos demais casos, a referência será para a cidade.

do século XX). O autor da coluna se utilizava de periódicos do século XIX (a partir de 1832 já circulavam jornais na cidade de Rio Grande). Ézio Bittencourt (1998) constata que, a partir de dezembro de 1950, o jornal passou a publicar na coluna as matérias mais antigas do próprio jornal (que já datam o século XX) através de outros autores, até 1992, quando o jornal findou.

Na data da escrita deste⁶, o grupo possui 77 álbuns de fotografias, 56 arquivos textuais - ambos de variados temas sobre a cidade - e uma média de 15 publicações diárias com o compartilhamento de fotografias e informações que são complementadas pela grande participação interativa através dos comentários. Em sua descrição, somos informados do objetivo do grupo: "*é para divulgarmos e mantermos vivo nosso folclore, nossas tradições, nossa história urbana. Relembrar de figuras quase míticas de nossa cidade. Postem à vontade, e vamos manter vivo um Rio Grande que poucos conhecem!*"⁷

O grupo FCARG é uma iniciativa leiga⁸ de História Pública digital. Utilizando-se de um espaço virtual popular (a rede social Facebook), o grupo está em constante crescimento e popularização. Qualquer usuário da rede social pode acessar o grupo e fazer postagens. Nas publicações é válido o compartilhamento de textos, ou qualquer formato de arquivo que a plataforma permite (fotografias, vídeos, documentos, entre outros), desde que tenham relação com a cidade de Rio Grande. As postagens são visualizadas por todos os membros, que podem interagir através de comentários ou utilizar as reações oferecidas pela rede social.

⁶Este trecho foi escrito no dia 29/09/2020 e revisado em 05/07/2021.

⁷Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/about>>. Acesso em 16 nov. 2020.

⁸ Aqui utilizamos leiga pois o grupo funciona sem a mediação de um historiador profissional.



Figura 1: A página inicial do grupo Fatos e Coisas de Antanho.

O grupo se posiciona no tempo presente e colabora para que o historiador faça uma reflexão do fazer historiográfico no século XXI. Promove muitas discussões sobre variados temas que tangenciam a história da cidade do Rio Grande através do processo de multi colaboração de postagens. Essa construção coletiva desenvolve a prática histórica não acadêmica e envolve as pessoas que participam a se enxergarem como sujeitos da história também. O campo da Historiografia é convidado a conhecer essa experiência e debater suas possibilidades e limites.

O grupo passou a tornar-se objeto de estudo desta dissertação por uma necessidade que colocou o mundo inteiro em isolamento social a partir de março de 2020: a pandemia do Covid-19. O projeto de pesquisa que resultou na presente dissertação iniciou no final de 2019, durante o último semestre da graduação em História na Universidade Federal de Rio Grande (FURG), e tinha como ambição

ocupar-se com a história da cidade do Rio Grande a partir das fotografias presentes no acervo da *Fototeca Municipal Ricardo Giovannini*⁹.

Fazendo uso deste acervo como objeto, a proposta tinha o objetivo de pensar a história da cidade que é contada por aquele espaço, procurando destacar seus discursos e seus silenciamentos. Era de interesse da pesquisa a sociedade rio-grandina, especialmente seus costumes culturais que moldaram - e moldam - a identidade urbana, a forma como o discurso da história oficial estava presente nas exposições e coleções, por isso a escolha desse espaço consagrado para propagação destes elementos de cultura cidadina.

Quando foi escrita a proposta de dissertação, as informações sobre os primeiros casos de Covid-19 eram apenas notas nos jornais de notícias de fora do Brasil¹⁰. Passados três meses, o que era uma notícia distante se tornou uma pandemia próxima. Em fevereiro de 2020, o primeiro caso foi diagnosticado no país, na cidade de São Paulo; e os dias que seguiram aumentaram exponencialmente o número de pessoas infectadas, chegando a outros estados rapidamente. No estado do Rio Grande do Sul, foi diagnosticado o primeiro caso na segunda semana de março¹¹ e na semana seguinte - 16 de março - iniciava o período que ficou conhecido como "isolamento social".

Essa situação findou o ano de 2020. O mundo passa por ondas de crescimento e decréscimo do número de casos que resultam em períodos de fechamento e de abertura dos locais de uso comum¹². Um desses foi a *Fototeca Municipal Ricardo Giovannini*, que até o momento da escrita deste¹³ se encontra com as atividades paralisadas. Por conta da situação, a pesquisa tomou um direcionamento de alteração do objeto que proporcionou novas leituras e influenciou nos modos de pensar as

⁹ A Fototeca Municipal Ricardo Giovannini é uma instituição pública, administrada pela prefeitura municipal do Rio Grande, vinculada à Secretaria de Cultura.

¹⁰ Os primeiros casos de Covid-19 são datados entre os meses de novembro e dezembro de 2019. A China foi o primeiro país a diagnosticar pacientes com o SARS-CoV-2, vírus causador da Covid-19.

¹¹ "Coronavírus chega no Rio Grande do Sul". Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/estado/2020/03/10/rio-grande-do-sul-tem-o-primeiro-caso-de-coronavirus.htm>>. Acesso 19 nov. 2020.

¹² Os lugares fechados foram classificados como "não essenciais" pois não estão relacionados à saúde e segurança.

¹³ Trecho escrito em 13 de julho de 2020.

fontes e o tema. Dessa forma, o que será apresentado é também um resultado da presente situação de tempo/espço da pesquisa historiográfica.

A dissertação passa a se chamar "*Fatos e Coisas de Antanho de Rio Grande: Facebook, memória fotográfica e História digital*". Apesar do formato diferente, o acervo do grupo virtual *Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande* (FCARG) é predominantemente de fotografias, assim como a Fototeca Municipal. Dessa forma, acabaram não se perdendo as discussões sobre imagens e cultura visual iniciadas ainda na fase de projeto de pesquisa.

O grupo FCARG possui uma mecânica bastante simples de funcionamento: qualquer usuário do Facebook pode compartilhar postagens dentro dele, que serão visualizadas por todos os usuários que acessarem o grupo. Na postagem é possível adicionar fotografias, vídeos, ou apenas um texto. Após concluída a publicação, todos os usuários podem visualizar e interagir com ela, sendo utilizadas as ferramentas de reações do Facebook (*emojis* que representam as ações "curtir", "amei", "força", "Haha", "Uau", "Triste" e "Grr"), publicando comentários para postagem (geralmente textuais, mas podem ser adicionados fotos e vídeos), ou então compartilhar ela em outras áreas do site. É o estudo do conteúdo dessas postagens que elegemos como fontes para um maior conhecimento sobre os aspectos históricos sobre a cidade do Rio Grande, como também para investigação de evidências sobre a pluralidade cidadina.

Por ser um entusiasta das histórias da cidade do Rio Grande, sou também participante do grupo há alguns anos, sempre que identifico a possibilidade de interagir de alguma forma (seja publicando algo, escrevendo comentários ou reagindo às postagens) para manter aquecida essa cultura contemporânea. A possibilidade de tornar o grupo objeto de estudo também já havia sido pensada, mas foi com o advento da pandemia que surgiu a oportunidade de discutir essa plataforma de forma científica e problematizar o seu funcionamento. Essa pesquisa é escrita por alguém que está imerso no grupo ao mesmo tempo que reflete seus efeitos.

Entendemos que o profissional da História tem muito a contribuir positivamente com o grupo através da divulgação das suas pesquisas para um público mais diverso do que o do ambiente acadêmico. Outro ponto positivo é a possibilidade de maior exposição do trabalho da historiografia, seus métodos e a divulgação de fontes. No

movimento inverso, como pesquisadores desses locais temos um grande leque de conhecimento sendo produzido diariamente, o que vai exigir um constante aprendizado de metodologias e teorias para produção historiográfica.

Atualmente tem se difundido o termo História Digital como um centralizador de ensino, pesquisa e extensão de uma Historiografia que busca se apropriar das tecnologias digitais. Os trabalhos que versam sobre o tema são recentes e notáveis: Serge Noiret (2015, p.28) inaugura o que ele chama de *virada digital*, quando o "domínio digital permite a criação de novas interconexões entre o passado, nosso presente e nosso futuro", promovendo, dessa forma, o desenvolvimento da História Digital.

No Brasil, destacam-se os trabalhos de Anita Lucchesi, que na sua dissertação de Mestrado (2014) trouxe para o país, através de um estudo comparado, a discussão das duas grandes escolas historiográficas digitais daquele momento (a Digital History e Storiografia Digitale, dos Estados Unidos e Itália, respectivamente), assim como do historiador Bruno Leal Pastor Carvalho. Ele é editor do *Café História*, definido pelo mesmo como uma "*rede social de história na internet*" (2016, p.46). Sobre a relação do trabalho historiográfico através das redes sociais, B.L.P. Carvalho (2014, p. 184) afirma que esse tipo de análise "só é possível porque já aprendemos uma lição valiosa: antes de serem redes de computadores, redes sociais são redes formadas por pessoas".

A revista eletrônica semestral do corpo discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS, *Aedos*, em sua edição de agosto de 2020, recebeu artigos sobre a temática *Humanidades Digitais*. Intitulada "*Digital Humanities e o fazer histórico na contemporaneidade*", a revista publicou artigos que incluem a História Digital em pesquisas de diferentes temáticas e abordagens. Vale o destaque aos textos *O uso da mídia social Twitter como fornecedora de fontes primárias e sua utilização em um caso específico*, de Bruno Erbe Constante, que aborda uma metodologia de captura das informações compartilhadas através de *tweets*, o texto *História digital em tempos de crise: as demandas do tempo imediato e suas implicações no trabalho dos historiadores*, de Ana Carolina Machado, abordando os desafios do fazer história no tempo presente, e *Grupo "História de Guaíba": uma iniciativa de História Pública Digital no Facebook*, de Karen Pereira da Silva. Esse

último, bastante próximo das discussões do presente trabalho, aborda o histórico e as possibilidades de divulgação histórica que o grupo do Facebook proporcionou à comunidade que participa dele. A qualidade da publicação deste volume da *Aedos* demonstra a presença do tema na atual Historiografia brasileira.

Nesse sentido, somos indicados que este campo - apesar de novo - tem um futuro promissor dado o avanço do digital no cotidiano das pessoas, levando historiadores e historiadoras à imersão neste universo, estudando a sua mecânica em prol do desenvolvimento de novas pesquisas. Movimento ocorrido também com outra tecnologia que transformou o cotidiano: a fotografia.

Por meio da fotografia, os seres humanos passaram a utilizar uma caixa preta a fim de "congelar" o tempo e rememorar sempre. A popularização dessa ideia de congelamento do momento se difundiu pelo mundo de forma que uma cultura nova germinou e revelou novos atores no contexto social: o dono da câmera fotográfica - aquele que sabe operar a câmera fotográfica -, e o que pode usufruir de uma fotografia. Além de revelar ao humano do presente o que esses atores optaram por "congelar" do seu tempo/espaço e preservar.

A cultura fotográfica fomenta boas possibilidades de pesquisa histórica. A historiadora Ana Maria Mauad (2016, p. 37), pensando as imagens e o historiador, propõe que:

A existência das imagens, em momentos diferentes da história humana, causa problemas ao historiador, provocando-o a explicar a existência delas por meio do estudo da sociedade que as produziu, consumiu e preservou, como também a abordar os modos de ver e de pensar a imagem. Essa tarefa implica superar a epistemologia da prova, quando o documento se impõe pela objetividade daquilo que apresenta e representa, deixando de lado a sua própria trajetória ao longo do tempo.

Atualmente cabe também a reflexão sobre a circulação dessas fotografias no ambiente digital, as formas como elas são utilizadas e o que é significado nelas dentro do ambiente virtual. O texto imagético é carregado com um discurso, uma intenção e uma escolha. A forma como ocorre ou ocorreu sua circulação também informa ao pesquisador seus usos. Logicamente, cada decisão propõe um apagamento, algo que não foi escolhido, um silenciamento, mesmo que não proposital. Diante disso, a ciência histórica entra na ação que cabe a ela: da promoção de uma discussão fundamentada sobre esses caminhos que os seres humanos trilharam e/ou deixaram de trilhar apoiados em imagens no ambiente físico ou digital.

O pensador estadunidense Clay Shirky (2009, s/p) aponta que "o momento que nossa geração histórica está vivendo é o maior crescimento na capacidade expressiva da história humana". Isso se torna possível graças aos avanços tecnológicos, a difusão das redes sociais e suas ferramentas de interação. Das inúmeras redes sociais, o Facebook se destaca por ser o site mais acessado¹⁴. Refletir sobre a difusão das imagens através dessas plataformas é um dos ofícios em que o historiador do século XXI precisa estar engajado.

O trabalho tem como **objetivos específicos** aprofundar as discussões nos seguintes eixos centrais: A História Pública, História Digital, as Fontes Fotográficas e as construções da História proporcionadas pelo compartilhamento multi participativo de fotografias no grupo FCARG a partir de análises feitas com o auxílio de ferramentas computacionais. Percebe-se, a partir destes eixos, o desenvolvimento do **objetivo geral**: identificar a experiência da História Pública digital sobre a cidade do Rio Grande por meio de uma análise dos elementos de fotografia e texto, presentes nas postagens que fazem parte do acervo do grupo FCARG, identificando e questionando possíveis silenciamentos e privilégios de setores da sociedade rio-grandina.

A justificativa da pesquisa parte da função da ciência histórica à luz da leitura de *Apologia da História*, de Marc Bloch. Nessa obra, a História passa a ser problema também. Surge a necessidade de uma ciência que questiona o passado e não apenas apresenta fatos encadeados em outros. Mais para o final, o autor estimula a busca de causas, das problemáticas: "as causas, em história, como outros domínios, não são postuladas. São buscadas." (BLOCH, 1997. p. 159). Ao trabalhar com o acervo do grupo FCARG, busca-se uma causa que seja ao mesmo tempo atual e fértil no contexto historiográfico em que ela se insere e justifique a pesquisa como um todo: a problematização do espaço virtual Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande como um promotor de história sobre a cidade do Rio Grande guiada pelas questões relacionadas à construção do conhecimento histórico no espaço virtual.

O problema de pesquisa parte do conhecimento de que o grupo é um importante meio para o acesso da história sobre a cidade. Disponibilizado de forma

¹⁴ Dado divulgado pelo Global Digital Report. Disponível em: <<https://wearesocial.com/digital-2020>>. Acesso em 16 nov. 2020.

virtual dentro da rede social mais popular do planeta, o FCARG acaba se tornando a fonte mais consultada pelas pessoas que procuram informações sobre o passado da cidade do Rio Grande no tempo presente. Isso se comprova pela quantidade de interações diárias que ocorrem no grupo por diferentes pessoas e a potencialidade de difusão que a internet proporciona (no caso do grupo, os participantes não precisam acessá-lo para ir atrás das informações, acabam recebendo atualizações sobre as publicações durante o seu uso do Facebook). Portanto, busca-se através deste trabalho uma análise sobre os discursos, as vozes e as histórias que estão presentes neste meio. Procurando identificar nelas se existe um movimento de pluralidade de histórias ou é a mesma manutenção do que está estabelecido.

Entende-se que por mais plural que seja a ideia da multi colaboração, fatores como o acesso ao conhecimento, às imagens para compartilhar e as vivências, são fundamentais para que os conteúdos sejam criados. São essas medidas que serão utilizadas para avaliar o potencial do grupo para produção de uma história sobre a cidade do Rio Grande que não seja elitista, branca e europeia, e nem reproduza a forma predominante com que a História da cidade se apresenta na historiografia oficial.

Disponibilizadas de forma pública e gratuita, as postagens do grupo FCARG passam a ser consideradas fontes nessa dissertação. Por conta do grande volume de postagens e da variedade de tópicos, foi necessário elencar apenas um assunto para que fosse possível analisar da forma mais abrangente. De uma forma geral, todas as postagens compartilham o grande tema que é a construção coletiva sobre a história do Rio Grande. Das postagens, serão analisadas as fotografias e os comentários relacionados através da utilização de ferramentas computacionais. Montando, assim, esquemas a fim de facilitar a compreensão dos resultados.

Os referenciais desta pesquisa se estabelecem através de um diálogo entre o Facebook, a Memória Fotográfica e a História Digital. Em separado, já possuem uma ampla utilização nos diferentes campos do conhecimento. Juntos, um rico conjunto de teorias e metodologias que se cruzam e neste trabalho são utilizados a fim de dissertar sobre a temática da história da cidade do Rio Grande - RS.

Para analisar o grupo *Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande*, separamos esse trabalho em 3 capítulos: 1. História Pública Digital e a Fotografia; 2. Entre o

universo da internet e das redes sociais, um espaço para "*manter vivo um Rio Grande que poucos conhecem*"; e, por fim, um estudo de caso: 3. "*O Carnaval da Colombo*".

No primeiro capítulo buscamos uma discussão através de pontos que são urgentes no ofício do historiador do século XXI: História Pública, História Digital e a Fotografia. A justificativa do capítulo deu-se pela necessidade da pesquisa de elucidar pontos ainda não consolidados na Historiografia e pela combinação que foi feita deles para construção teórica. É de interesse dessa parte pensar a utilização da História Pública pelos historiadores, de que forma ela se tornou urgente na agenda da profissão no século XXI. Também é de interesse pensar conceitos centrais da História Digital como a Cibercultura, a Web 2.0, a internet enquanto espaço público, os arquivos do século XXI e o letramento digital. Fechando os pontos, trabalhar com a fotografia, enquanto fonte histórica e enquanto memória fotográfica, enquadra-se nas ideias da História Pública digital, como ela é e pode ser utilizada pelos historiadores em uma das formas em que se apresenta no ambiente digital.

Também propusemo-nos dedicar um capítulo a pensar o grupo Fatos e Coisas de Antanho e todos os elementos constitutivos que ele carrega consigo, tais como o do Facebook, de redes sociais e da cultura da internet. Intitulamos *Entre o universo da internet e das redes sociais, um espaço para "manter vivo um Rio Grande que poucos conhecem"*, fazendo uma referência à última frase da apresentação do grupo que muito nos fala, enquanto historiadores, sobre a necessidade que nossa área tem de se comunicar com o público mais distante da academia.

O terceiro capítulo, intitulado *Estudo de Caso: "O Carnaval da Colombo"*, utiliza-se de um dos temas mais populares nas postagens do grupo, mas que aparece de forma tangencial na bibliografia consultada: o "Carnaval da Colombo". Ao trabalhá-lo, procuramos explorar esse processo histórico na cidade do Rio Grande utilizando de metodologias e de ferramentas que estão presentes na História Digital, na História Pública e na análise das fotografias com a finalidade de desenvolver a pesquisa das memórias compartilhadas nas postagens sobre este tema dentro do grupo.

Procura-se, também, com esse capítulo fazer uma contextualização e a crítica dos procedimentos computacionais utilizados, de forma a colaborar com o desenvolvimento dos trabalhos relacionados às fontes digitais, assim dando ênfase a questão metodológica que envolveu trabalho manual e automatizado para os

resultados. Para isso, foi feita uma imersão em alguns dos principais softwares para análise de conteúdo textual, selecionados a partir de textos e vídeos da área das Ciências Humanas.

As redes sociais e as fotografias são ferramentas de grande atração pública e com grande potencial didático. A memória social é construída do que o corpo social escolhe preservar, seja no espaço da sala de aula, no museu ou na rede social. A investigação na página do grupo, *Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande* é de grande valia dada a relevância dela no atual contexto social rio-grandino, como também o seu potencial como local de participação de um diverso leque de pessoas e conseqüentemente diversas narrativas sobre a cidade.

De forma a entregar à sociedade um trabalho historiográfico que pense qual a história da cidade do Rio Grande contada por um acervo público e disponível para qualquer pessoa com acesso à internet, composto pela multi colaboração que a *virada virtual* proporcionou aos diversos setores da sociedade, inclusive ao historiador, essa dissertação estima ser um convite para um trabalho multidisciplinar de História que utiliza do digital afim de colaborar com o conhecimento histórico que forma a cultura popular da cidade do Rio Grande.

CAPÍTULO 1

História Pública Digital e a Fotografia

Este capítulo propõe a abordagem dos principais eixos da dissertação: a História Pública, a História Digital e a Fotografia enquanto fonte e despertadora de memórias para o conhecimento histórico. Eles se justificam pela importância no nosso objeto, acreditamos que o desenvolvimento deles é fundamental ao conhecimento dos aspectos historiográficos que a pesquisa se desdobra.

Nesse sentido, procuramos fazer uma abordagem progressiva deles a fim de que o leitor conheça os pressupostos que justificam os rumos que a dissertação toma em proveito de si. Sabemos, desde já, que dado o amplo leque de autores e conceitos que envolvem os eixos foi necessário fazer escolhas que julgamos assertivas nesse texto que se apresenta.

1.1 História Pública: Uma demanda do historiador do século XXI

O início da História como um campo disciplinar tem como marco inicial os movimentos humanísticos do século XVIII que apresentaram ao mundo uma forma de visualizar os fenômenos da natureza à luz da razão. O seu desenvolvimento ao longo do século XIX e XX possui um histórico de sucesso, autores, descobertas e eventos.

O século XXI trouxe do século XX - e dessa vez, para ficar - o debate sobre a História Pública. No Brasil, a produção histórica e historiográfica acadêmica tem sua divulgação atrelada aos periódicos (jornais e revistas acadêmicas) consumidos predominantemente pelos pares.

A História tem seu público não acadêmico. Costuma ser bem recebida fora da academia. Alguns historiadores utilizam para divulgação de pesquisas meios que possam alcançar também a população como um todo. Isso requer do pesquisador não apenas o acesso aos meios de comunicação utilizados pela maioria como também exige que o conhecimento possua uma linguagem que possa ser compreendida por pessoas que não tiveram aulas de Historiografia.

Nos últimos anos, nota-se que mesmo com o crescente movimento de aumentar o diálogo entre a universidade e a comunidade em torno, ainda existe um certo isolamento da divulgação científica ao público específico e restrito das

universidades. Se fala dos muros invisíveis das universidades, do distanciamento entre o que é pesquisado pelos cientistas da disciplina História e o que é divulgado com destino às pessoas não acadêmicas, e mais, o que é ensinado pelos professores da disciplina História nos extramuros universitários.

Avançamos em direção a um colapso desse distanciamento: surgem questionamentos quanto ao trabalho executado no campus universitário e sobre qual é o retorno em favor da sociedade que a pesquisa acadêmica traz. Esse colapso é percebido de forma mais ativa no tempo atual com a ampliação das vozes e das audiências que as tecnologias atuais proporcionaram. Gerando aos profissionais da História, ao mesmo tempo, sentimentos de descrédito junto à população e a insatisfação com seu ofício.

Esse colapso também é (e deve) ser compreendido como uma provocação aos acadêmicos para que tornem a sua produção mais acessível aos diversos públicos que a sociedade possui. Ao historiador do século XXI, uma demanda ainda mais necessária, dado que é parte do seu campo de interesses o "estudo do homem no tempo", como muitas vezes é resumida a definição de Marc Bloch (1886 - 1944) acerca do campo da História.

Esse "homem" que a máxima de Marc Bloch fala - ampliada aos grupos de pessoas, suas associações e as múltiplas formas de sociedades que formaram - é também o objetivo final da sua ciência. Dessa forma, entendemos que as práticas de História Pública são indispensáveis ao fazer historiográfico (seja na escrita ou no ensino) do século XXI pois o seu fim é exatamente a sociedade a qual a História faz parte.

É recente a consideração da História Pública no debate e na prática historiográfica brasileira. Benito Schmidt (2018, p. 18) coloca que apesar do debate já existir no mundo anglo-saxão desde a década de 1970, no Brasil, apesar de se registrar um debate já em meados dos anos de 1960¹⁵, essa prática levou mais um tempo para gerar seus primeiros frutos. Ela se deu inicialmente através da publicação

¹⁵ B. Schmidt (2018) afirma que em 1961, quando foi criada a ANPUH (Associação Nacional dos Professores Universitários de História), já existia uma preocupação para que a divulgação da produção científica fosse um dos seus objetivos.

pela imprensa de narrativas sobre o passado através de livros e artigos em jornal, frutos de pesquisas em museus, arquivos e bibliotecas.

Ana Paula Tavares Teixeira e Bruno Leal Pastor de Carvalho (2019) colocam que o Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB) será, nesse período, a principal instituição responsável por pensar a divulgação histórica, através de seus concursos sobre História do Brasil, notas publicadas na imprensa, revista e reuniões. Essas ações ocorriam por partido dos próprios pesquisadores. Não existia uma academia ou algo do tipo a fim de que fosse feito um debate sobre a forma como essa divulgação ocorre e como ela poderia melhorar.

Em 1925 é fundada a editora Companhia Editora Nacional e começa a surgir o formato de coleções de livros sobre um determinado assunto. Em 1931 é lançada, pela editora, a "Brasíliana", que foi parte de um projeto maior chamado "Biblioteca Pedagógica Brasileira". A "Brasíliana" lançou mais de 400 obras e foi publicada até o ano de 1993. Nomes como Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Roberto C. Simonsen, Ernesto Ennes, Hélio Vianna, entre outros intelectuais, publicaram obras através dessa editora.

O *boom* editorial dominou o século XX e outras editoras também utilizaram o formato de coleções históricas com o objetivo de publicar estudos científicos. No entanto, Teixeira e Carvalho (2019, p. 12) lançam uma pergunta: "porque os historiadores não são os protagonistas da divulgação da história hoje?". Também colocam dois pontos fundamentais para pensar a resposta à pergunta: 1) "a divulgação da História para o grande público poucas vezes foi tomada como uma prioridade por historiadores, centros de pesquisa, departamentos e programas de pós-graduação em História"¹⁶; 2) "é preciso levar em conta os impactos do paradigma digital no meio historiográfico, que alterou radicalmente os mecanismos de consagração e autoridade".

¹⁶ Quanto a esse ponto, vale destacar o surgimento dos mestrados profissionais em História, que traz uma guinada nesse sentido, pois o Trabalho de Conclusão não é uma dissertação teórica, mas uma proposta de um trabalho aplicado, gerando potenciais aplicações de divulgação histórica para o grande público. No entanto, essa iniciativa tem pouco mais de dez anos.

Nesse sentido, apesar do debate sobre a divulgação científica não ser recente entre a área das Humanas¹⁷, é possível concluir que a História Pública é um campo de debate novo entre historiadores, e mais ainda para historiadores brasileiros. A dedicação da disciplina História enquanto uma prática de ensino, mais que uma prática de pesquisa, quando se pensa o público não acadêmico, soma-se à desatualização quanto aos meios de divulgação existentes no mundo que são diferentes do escolar.

Espaços como a televisão, o rádio e a internet, tiveram uma habitação tardia pelos cientistas históricos. Esses mesmos perderam seus espaços em meios já consagrados com a intenção da divulgação das suas pesquisas como os jornais e os livros. A linguagem não popular é um fator de desgaste dessa perda de espaço com relação aos outros profissionais como os jornalistas. O historiador José Murilo de Carvalho faz uma avaliação da situação no Brasil: "Jargões, erudição desnecessária ou descolada, ou pura obscuridade, afastam o grande público de nossos textos. Chegou-se ao ponto de identificar simplicidade com superficialidade" (CARVALHO, 2003, p.96).

Eventos que discutem a História Pública são novos no Brasil. Em 2011 uma iniciativa da Universidade de São Paulo (USP) levou a São Paulo um público relevante para o 1º Curso de Introdução à História Pública no Brasil. Esse curso é considerado o marco inicial dos debates públicos sobre os usos do passado. Foi o primeiro, também, a reunir as iniciativas já existentes no Brasil e fomentar esses projetos. Em 2012, também na USP, ocorreu o Simpósio Internacional de História Pública. Fruto desses primeiros encontros, surge a Rede Brasileira de História Pública (RBHP), que reúne professores, profissionais e estudantes para apresentar, debater e divulgar práticas e desafios sobre História Pública no Brasil. A RBHP foi a responsável por fazer, em 2021, o 2º Curso de Introdução à História Pública no Brasil, que reuniu durante uma semana, em encontros online, interessados pelo tema através de palestras, discussões e minicursos.

¹⁷A Arqueologia, por exemplo, há muito se ocupa com a Educação Patrimonial, que é uma das facetas da Arqueologia Pública. Matéria que acabou entrando para os currículos de História e foi uma das principais portas de entrada da História Pública nas universidades.

Atualmente, no Brasil, já são desenvolvidas práticas de História Pública que geram frutos. Práticas tanto no sentido da divulgação quanto para construção coletiva que se faz possível. Em Recife (PE), professores de História são criadores do projeto História ao Ar Livre, que proporciona aulas de História em lugares públicos. Qualquer interessado que estiver disponível para participar precisa apenas se informar sobre o dia que vai ocorrer e se aproximar gratuitamente. Com o objetivo de estimular o uso da cidade, Luiz Paulo Ferraz e Rodrigo Bione fazem encontros ao ar livre com interessados em ouvir sobre História nos lugares públicos. Iniciaram o projeto com "dois banquinhos, uma mesa e um violão". O sucesso foi grande e esse crescimento necessitou de uma ampliação na infraestrutura:

Compramos caixas de som que funcionam à base de bateria (não temos acesso à eletricidade na maioria dos locais em que apresentamos). [...] Hoje alugamos um sistema de som e um gerador. Fora isso, montamos o toldo para proteger o equipamento em caso de chuva. Mas o resto continua igual: banquinhos, mesa, violão, microfones. (FERRAZ; BIONE, 2019, p.134)

Compartilhar história no espaço público é também entrar em uma disputa com o senso comum das pessoas¹⁸. Em forma de aulas públicas que ocorrem em praças e ruas da cidade, os professores acabam estimulando o uso dela de uma maneira que se opõem à forma predominante da ocupação, em espaços fechados como as casas, os condomínios, os shoppings.

O nosso projeto valoriza muito a presença das pessoas nos espaços públicos. Ela ajuda a criar memórias afetivas que levam as pessoas a cuidar melhor da cidade, do seu patrimônio e de sua história. A presença das pessoas nesses espaços é tão importante quanto o conteúdo que estamos trabalhando. Acreditamos verdadeiramente que vivenciar os espaços públicos é um ato de cidadania, algo essencial para uma verdadeira democracia. (FERRAZ; BIONE, 2019, p.137)

A difusão da internet e suas diversas formas de conectar as pessoas também é uma grande aliada da História Pública. Sites, blogs, *Podcasts*, canais no YouTube,

¹⁸ A prática da História Pública sempre existiu, antes mesmo que fosse dado um nome a ela. Nas universidades muitas iniciativas como aulas e eventos públicos já fizeram parte de atividades acadêmicas. Os museus também praticam História Pública. A questão da adaptação da linguagem e a capacidade argumentativa são atributos já praticados por esses exemplos para divulgação do conhecimento científico.

páginas no Facebook, Instagram e Twitter, entre outros portais e plataformas digitais, potencializam a publicização da História no século XXI. A diversidade é imensa e com muitas opções. Aqui focamos em duas iniciativas de historiadores que são destaque pela longa existência dos seus meios de divulgação científica da História, pela qualidade dos conteúdos e pela amplitude de público que consome o seu conteúdo.

A primeira iniciativa foi o portal Café História, do historiador Bruno Leal Pastor de Carvalho. Iniciado em 2008 como uma rede social, o Café História pode ser considerado o maior portal de divulgação científica em Língua Portuguesa especializado em História na internet, alcançando até meio milhão de pessoas com suas publicações (CARVALHO, 2019, p.106).

Essa consolidação iniciou em 2006 quando Bruno ainda era estudante dos cursos de História e de Comunicação. Com o objetivo de divulgação do conhecimento histórico, o portal iniciou como uma rede social de historiadores, hospedada em uma plataforma de internet interativa, que facilitava a criação deste tipo de site para pessoas sem o conhecimento em computação, chamada Ning. Esse foi o primeiro formato, naquele período da primeira década dos anos 2000.

Carvalho (2019, p.109) informa que se utilizou de divulgação impressa e digital:

A divulgação do site foi feita por meio de flyers impressos, distribuídos em pontos culturais onde eu acreditava que encontraria um público interessado, como teatros, cinemas, livrarias, museus e universidades, e, depois, na internet, por meio de convites feitos através de mailing lists (listas de e-mails) e comunidades de História no Orkut. A primeira forma de divulgação, a imprensa, revelou-se pouco efetiva. Poucas pessoas chegaram ao site partindo das informações contidas no flyer - ao que tudo indica, projetos de internet são mais acessados quando sua divulgação é feita também pela internet. Os números de acesso do Café História só passaram a ser representativos quando a segunda forma de divulgação (online) passou a ser utilizada.

Esse formato de rede social durou até 2007 e proporcionou a interação entre os participantes através de grupos temáticos, debates e o compartilhamento de fotos e vídeos relacionados à História, quando foi migrado para a plataforma *WordPress*.

A migração vai se dar por três motivos distintos, mas que se contemplam e ajudam a compreender a rapidez com que os formatos e plataformas se transformam no mundo digital. Segundo Carvalho (2019, p.114), o primeiro motivo tem relação com à desatualização da plataforma Ning diante das necessidades que se colocavam: "os

editores não tinham recursos para fazer backup de conteúdo (o que incide no controle e segurança do trabalho), a customização dos ambientes era muito limitada".

A segunda motivação tem a ver com os meios digitais e suas transformações. O criador do Café História destaca que no período que foi projetado e lançado, o acesso à internet banda larga e móvel era algo bastante restrito no país, diferente do momento atual. Outro ponto foi a mudança de paradigma que o Facebook proporcionou. Em 2008, a rede social com maior presença no Brasil era o Orkut. Passados alguns anos, o Facebook dominou não apenas o mercado das redes sociais, como a forma que as pessoas pensam o uso da mesma na internet.

Isso contribuiu, inclusive, para fundamentar o terceiro motivo da migração: o desgaste do modelo de redes sociais. O destaque aqui é a crescente polarização político-ideológica que se faz bastante presente nelas. Esse domínio de ataques, de intolerância, de *fake news*, enfraqueceu os bons debates que outrora foram proporcionados por conta das redes.

Nesse sentido, em 2017 é lançado o portal Café História, pensado com foco na produção de conteúdos originais e com visual mais limpo, de forma a proporcionar um local comum ao consumo de conteúdo historiográfico pelas pessoas. Apesar de terem sido abandonadas as características que lembram as redes sociais (login, perfis), o público pode fazer comentários nos conteúdos postados ao preencher formulários com críticas e sugestões.

Essa forma mais autônoma e unidirecional que se tornou o Café História pode ser visualizada como um recuo a um dos pilares muito importantes da História Pública Digital: a multi colaboração. Por outro lado, esse "filtro" maior no conteúdo que é compartilhado dá legitimidade e seriedade ao projeto de divulgação da História.

Um dos diferenciais do Café História quando comparado a outros projetos de divulgação da ciência é que seus textos não são escritos por jornalistas, mas pelos próprios pesquisadores que produzem o conhecimento científico. Isso torna o texto do Café História diferente de reportagens, matérias e notícias que são comuns em veículos de jornalismo científico. Os textos do Café História são menos calcados na noção de novidade e de furo jornalístico. Em vez disso, o conteúdo publicado pelo portal está baseado em análise de problemas e contextualizações (CARVALHO, 2019, p. 112).

No Youtube há diversos tipos de conteúdo, desde vídeos caseiros até profissionais. Os conteúdos abordam uma infinidade de temas. Entre eles, os

educacionais, que objetivam públicos com interesse em conhecimentos escolares. A área da História é uma das mais utilizadas para esse tipo de divulgação. Diversos canais e vídeos, produzidos por historiadores, jornalistas, curiosos e estudantes do ensino básico, objetivam proporcionar conhecimento e reflexões históricas.

Aqui adentramos na segunda iniciativa, do historiador e pesquisador Icles Rodrigues, e seu canal "Leitura ObrigaHISTÓRIA". Criado em 2015, atualmente o canal possui mais de 300 mil pessoas inscritas, os vídeos do canal são apresentados pelo próprio Icles, que iniciou o projeto transportando para mídia audiovisual o seu blog, de mesmo nome do canal, com resenhas dos livros lidos durante a graduação em História.

A apresentação de resenhas de livros foi o conteúdo inicial do canal e ainda se mantém como o principal formato. Também fazem parte o quadro o "Rock & História", que tem como proposta trabalhar com músicas que possuem relação com eventos históricos (na letra ou na situação da sua criação), e o "Mulheres na História", que possui como proposta dar visibilidade à historiografia produzida por mulheres. A partir de 2017 o canal iniciou parcerias com editoras nacionais:

Gradativamente, o canal passou a focar em vídeos semanais de dicas de livros a partir de primeiras impressões e opiniões baseadas em leitura parcial e na leitura de eventuais resenhas e avaliações sobre as obras já publicadas (algo mais comum para livros trazidos do exterior), de modo a compreender e passar ao espectador uma noção de repercussão da obra. Contudo, o recebimento de livros da editora, vale dizer, não interferiu na autonomia do canal, que continuou completamente livre quanto à decisão do que divulgar ou não. Vale dizer que, às vezes, o canal recebe mais livros do que é possível apresentar ao público. (RODRIGUES, 2019, p.83)

Outras abordagens estão presentes. Até a escrita deste, o canal possuía também os seguintes quadros: "Documentários", "Segunda Guerra Mundial", "História FM" (este conectado a outro projeto, fruto do canal no YouTube, o podcast LeituraObrigaHISTÓRIA), "Luz, Câmera, História", "Listas", "História e Entretenimento", "Antropológica", "Fontes Históricas", "Histórias das Nações", "Quem é quem na História?", "Conceitos Históricos", "Entrevistas", "História Geral", "Meus livros", "Resenhas livros", e um quadro para responder perguntas chamado "FAQ - Respondendo perguntas frequentes". Esse conjunto faz parte do ofício do historiador

e tornar essas facetas publicizadas, aproxima os mais diversos públicos do profissional da História.

Pensando sobre a audiência, Icles Rodrigues (2019, p.86) destaca o sucesso dos vídeos sobre conceitos históricos e pondera com a situação social atual, colocando o perigo de popularização de mentiras históricas:

Os temas que mais interessam a um público mais amplo são aqueles que nós, acadêmicos, julgamos mais básicos e pouco merecedores de servirem como pauta para um vídeo completo. Conceitos como Anarquismo, Comunismo, Socialismo, Capitalismo, Direita, Esquerda, entre outros, são muitas vezes tomados como "óbvios". Nós, historiadores profissionais, nos esquecemos de que, para além dos muros da academia, não necessariamente as definições corretas desses conceitos são populares. Em tempos mais recentes, ideias equivocadas como as de que "nazismo é de esquerda", "capitalismo é definido por trocas voluntárias", "anarquismo é um sistema de direita porque rejeita o Estado, e estatismo é coisa de esquerda", entre tantas outras aberrações óbvias para pessoas com formação na área de História e Ciências Política se tornaram senso comum em muitos espaços virtuais, e tais percepções podem ser bastante nocivas à formação política de indivíduos e grupos sociais.

O raio de ação da História Pública abrange também os trabalhos que se utilizam de fontes ainda pouco consagradas na Historiografia: as construções coletivas. Através de iniciativas em grupos dos mais diversos interesses, trabalhos se utilizam de informações pouco ou não registradas nas fontes ditas "oficiais" (documentos governamentais, jornais, monumentos). Essa prática gerou uma oportunidade do conhecimento científico se aproximar ainda mais da sociedade à qual ele presta serviço.

A primeira metodologia que pode ser considerada uma prática de História Pública é a História Oral. O seu desenvolvimento se deu ao longo do século XX com trabalhos bastante relevantes baseados em informações captadas através dos relatos de personagens dos processos históricos estudados. As entrevistas, principal ferramenta da História Oral, possibilitaram o conhecimento de histórias que estavam presentes apenas na memória das pessoas e que iriam se perder após o seu falecimento.

Ao longo do tempo outras mecânicas de captura de informações sobre tempos passados foram aparecendo. Trabalhos em grupos de pessoas que exerceram determinado ofício, que moravam no mesmo local, que sentiram o impacto de grandes

eventos. Para isso, é comum a prática de reuniões periódicas, rodas de conversas e encontros eventuais. O extrato dessas atividades é registrado através de escritas, fotografias e vídeos, que se tornam fonte para a história.

São com as mesmas intenções das práticas consagradas e o aproveitamento das potencialidades da internet que a História Pública Digital vem fazendo, ao longo dos últimos anos, um trabalho totalmente inovador no que tange à busca, à prospecção e à utilização das fontes que nascem do digital. Iniciativas em sites e blogs servem como centralizadores de informações sobre os mais diversos temas. Trabalhos a partir da exploração das informações nas consolidadas redes sociais abrem um caminho novo e cheio de potenciais informações que podem ser capturadas na distância de um clique.

Importantes contribuições, seja para compreender o contemporâneo (CONSTANTE, 2020) ou buscar novas informações sobre um tempo passado (SILVA, 2020), levantam o debate sobre o quão rico se tornou o espaço digital para o fazer historiográfico público. Esta percepção é significativa, no sentido de que o historiador tem um compromisso com a ética das informações trabalhadas. Esse compromisso com o debate, a discussão da teoria e da metodologia, o conhecimento através das fontes, se torna fundamental, também, ao historiador público. Muitos divulgadores de informações históricas, assim como alguns pesquisadores, não possuem esse compromisso ético e acabam por reproduzir informações que prejudicam a credibilidade da História enquanto prática científica.

A crítica sobre a subjetividade da fonte digital também é presente. No entanto, dado que a produção dessa narrativa ainda é predominantemente humana¹⁹, é possível alicerçar-se em Paul Thompson (1992) e a sua defesa às fontes orais quando argumenta que nenhuma fonte está livre da subjetividade. Outra questão a se colocar é se a História Pública pode ser considerada uma renovação historiográfica. É apenas

¹⁹ Aqui fazemos um alerta para algo que certamente se tornará alvo de discussões nos próximos anos: a inteligência artificial. A partir dela, conteúdos (textos, imagens, vídeos) podem ser criados sem intervenção humana. Gerados por softwares que utilizam grandes massas de dados para produzir um conteúdo novo com as mesmas ideias e conceitos presentes nas entradas. Para mais informações, ver ALESSI, Lucie Menegon. **Inteligência Artificial na Economia Criativa e Direitos Autorais**. In: Os impactos das novas tecnologias no Direito e na Sociedade. Aline Mapelli, Marina Giongo, Rita Carnevale (orgs.). Erechim: Deviant, 2018.

uma aplicação do conhecimento científico produzido pelos pesquisadores? É uma abertura para uma História produzida por não profissionais? A historiadora Ana Maria Mauad (2021, s/p) propõe que "não se trata de afirmar que a História Pública se configura como um dos domínios da História ou como um campo de estudos, tão pouco em pensar que é uma escrita da história produzida por não acadêmicos, ou historiadores diletantes". A historiadora defende que a História Pública exercita diferentes formas comunicativas e estratégias de narrativas associadas à própria cultura histórica em cada tempo, que o saber histórico produzido no espaço público ou dentro da universidade pertencem à sociedade que os sustenta.

Nesse sentido, a pluralidade e a complexidade do diálogo tendem a deixá-lo mais rico. A forma de produção do conhecimento histórico no século XXI tem a ganhar com a inserção das iniciativas de História Pública. Ela é um dos caminhos para uma História mais popular e menos elitizada. Aberta às diferentes fontes de conhecimento, ela se inclui em um espectro já ocupado pela História Oral, que possibilita, através de entrevistas, dar protagonismos a personagens que não seriam protagonistas, seja pela falta de fontes específicas para contar sua história, seja pela escrita que tende a agrupar personagens em grupos genéricos de classes sociais, culturais ou laborais.

De todo modo, é preciso defender a prática da divulgação histórica aos públicos não acadêmicos. Só através dessas iniciativas, conversando com diferentes públicos, compartilhando a produção dos conhecimentos, o ofício do historiador estará seguro de ataques que tendem a minar sua legitimidade para assuntos relacionados aos acontecimentos do passado – do presente e do futuro – das sociedades.

1.2 História Digital: O século das conexões mediadas pela computação

A História Digital é fruto do tempo atual onde o virtual é condicionado e condiciona as relações humanas. Os meios digitais proporcionam novas questões aos historiadores. Essa mediação entre os campos computacional e da História proporciona não apenas uma maior divulgação do conhecimento científico e uma amplitude de públicos, mas também a possibilidade de que novas histórias possam ser contadas. Até aqui há um diálogo com a História Pública que, nesse caso, pode ser classificado também como História Pública Digital.

Esse movimento da História ao grande público e do grande público à História traz desafios como: pensar melhores ferramentas e abordagens com a intenção de divulgação; pensar como extrair o conhecimento que é compartilhado através da internet; como tornar ele científico e contribuindo à uma história mais popular, o que gera um debate sobre temas ainda pouco discutidos na Historiografia - ou quase sempre deixados em “segundo plano”.

É praticamente impossível pensar o século XXI sem a presença dos computadores. O seu uso se encontra nos mais diversos setores da sociedade e a existência de seus softwares modelou formas de pensar, transformou mercados e criou experiências culturais. É inevitável que o campo da História também se aproxime deles tanto como objeto de estudo quanto como ferramenta, que pense os seus efeitos culturais e utilize suas ferramentas para o desenvolvimento de uma pesquisa, de uma aula.

A "Era Google", como define Carlo Ginzburg (2015), convida todos a criar uma relação com a internet, inclusive para o aperfeiçoamento de soluções de problemas já resolvidos, como uma consulta bibliográfica, por exemplo. É preciso concordar que ela desenvolveu positivamente muitos setores, inclusive o campo das Humanidades. Com isso, impactou na difusão e na produção de conhecimento da História, tanto como um importante meio de divulgação como também um potencial tema de estudo do historiador.

Curiosamente a relação dos historiadores com os computadores não é nova. Data do final dos anos 1960 uma projeção do historiador francês Emmanuel Le Roy Ladurie que afirmava: "o historiador de amanhã será programador, ou não será historiador". Apesar da frase fazer relação a um período histórico em que qualquer operação nos computadores demandava o conhecimento de códigos de programação para que o computador realizasse operações úteis às pesquisas históricas, esse trecho acaba por ganhar sentido também no tempo atual.

Dado que se tornou bastante acessível a criação de conteúdo para internet direcionada a um público não técnico, há um incentivo para que os historiadores passem a se relacionar de forma mais próxima com os computadores, por meio da produção de conteúdos em plataformas digitais, da comunicação com o público e com os pares através da internet e, também - na medida do interesse -, se aventurar em

aprender linguagens de programação para construção de soluções próprias, para o desenvolvimento das suas pesquisas ou o entendimento de algoritmos que operam nas plataformas da internet.

O final dos anos 1960 e início da década de 1970 traz o crescimento da História Quantitativa, pois a utilização dos computadores como super calculadoras será produtiva aos historiadores com um volume considerável de dados. Entretanto, a dependência excessiva dos resultados dos cálculos computacionais, sem uma boa reflexão sobre eles, gerou uma certa desconfiança dos pares, além de críticas. A História Quantitativa perdeu espaço no campo da História por se distanciar do fator humano. Sem tantos recursos na época, o computador foi deixado de lado pela ciência histórica.

Essa relação será aproximada algumas décadas depois, com a grande transformação que a popularização da internet trouxe ao mundo. Desenvolvida desde a década de 1960, a internet é um sistema de transferência de pacotes de informações dentro de uma mesma rede de computadores. No Brasil a internet ficou popularizada em 1995, quando passou a ser comercializada ao grande público.

A internet é a grande responsável pela difusão dos computadores e, conseqüentemente, pela transformação cultural ocorrida em diversos setores. Com isso, surge o termo cibercultura, desenvolvido por Pierre Levy (1997), para a compreensão sobre o mundo conectado através da internet. O crescimento da cibercultura promoverá a existência de diferentes aparelhos como *smartphones*, *tablets*, smart televisões, *smartwatches*, entre outros, para o acesso às potencialidades da internet em diferentes plataformas.

Dessa forma, o historiador do século XXI tem o acesso à informação, faz leituras de textos, de livros, de fontes, frequenta e executa aulas, cursos e seminários de diferentes partes do mundo através da tela do seu aparelho computacional. Com o ofício inevitavelmente conectado, também se faz necessária a reflexão sobre o campo na cibercultura e as diferentes formas que a História se expressa dentro dela.

A forma como o conteúdo é consumido e produzido na internet também é de interesse da História Digital. Pensar nas plataformas, na questão do acesso a elas é de suma importância. No Brasil, por exemplo, mais da metade dos usuários de internet

utilizam exclusivamente o celular para acesso²⁰. Esse dado traz questionamentos culturais - ao pensar como as ferramentas são projetadas com o objetivo de que se tenha uma prática difundida - e questionamentos econômicos - ao se pensar o acesso da população à tecnologia, à internet, às câmeras digitais -, entre outras questões.

Nos últimos anos, o Brasil produziu muitos trabalhos que trouxeram diferentes aspectos da relação entre a História e os computadores. Pesquisadores como Anita Lucchesi, Bruno Carvalho, Dilton Maynard, Pedro Silveira e Thiago Nicodemo, entre outros nomes, são responsáveis pelo aumento do volume de produções brasileiras.

O historiador Dilton Maynard é um dos precursores das pesquisas que procuram pensar a cultura digital através da Historiografia. Em entrevista à revista *Espacialidades* (2018, p. 88), ele vai responder como iniciou o seu investimento em pesquisa do tempo presente, e conseqüentemente na potencialidade da internet:

Como atuei certo tempo como professor de Sociologia em instituições privadas (antes de ir para a UFS), reflexões sobre os usos da internet passaram a ser cada vez mais frequentes nas minhas aulas. Juntar a História era comum, necessário mesmo, para que aqueles fenômenos fossem estudados. Depois, quando fiz o meu concurso para professor de História Contemporânea da UFS, apresentei o projeto “Intolerância.com: Internet (1996-2008)”, numa abordagem típica do Tempo Presente. Lembro que ouvi de um dos integrantes da banca – numa arguição que ajudou muito a melhorar a proposta inicial – o seguinte comentário: “Professor, isto aí que o senhor propõe é estudar meia dúzia de gatos pingados”. E eu respondi: “No começo dos anos 1920, Adolf Hitler era um dos primeiros integrantes de um então inexpressivo Partido Nazista. Veja no que deu”.

Destacamos, também, a dissertação de mestrado de Anita Lucchesi (2014). Ela vai trazer ao debate da Historiografia brasileira os movimentos da Digital History e a Storiografia Digitale, respectivamente dos Estados Unidos (EUA) e da Itália. Essas experiências são precursoras quando se pensa na virada digital (NOIRET, 2015) do tempo presente. Nomes como Serge Noiret, Dario Ragazzini, Daniel J. Cohen e Roy Rosenzweig são apresentados ao leitor brasileiro e conseqüentemente as suas discussões sobre responsabilidade, usabilidade, legibilidade na web.

²⁰ Ver: IBGE, 2019; “Celular é o equipamento mais usado para internet no Brasil”. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html#subtitulo-1>> Acesso 2 de março de 2022.

O trabalho da historiadora aborda a urgência com as questões relacionadas à História Digital, sobre a ocorrência de mudanças no tipo de material disponível para os historiadores no mundo digital (LUCCHESI, 2014, p.18). Sobre essa urgência, Bruno Laitano (2020, p.173) pontua a desatualização da formação do historiador com relação às competências informacionais, "razão pela qual nos julgamos culpados pelo próprio sentimento de obsolescência que acomete a disciplina histórica".

A desatualização dos cursos de História com relação às competências digitais é uma realidade ainda distante de ser vencida²¹. Além de demandar estruturas de salas de aula com computadores e acesso à internet para os estudantes, faz-se necessário, também, capacitação do corpo docente atual e contratação de novos professores com a formação adequada para introduzir aos estudantes mecânicas fundamentais de computadores e internet.

É válido lembrar que o estudante de graduação do século XXI, em geral, possui mais habilidade com computadores e internet do que o próprio professor. Essa inversão da lógica da detenção do conhecimento - tradicionalmente o mais antigo tem maior conhecimento do que o mais novo - é uma das marcas da atualidade e também é uma oportunidade para que sejam estimulados mais diálogos do que monólogos durante as aulas.

Trabalhar com História Digital é uma oportunidade de a História conhecer e desenvolver ideias, processos, conceitos e ferramentas que antes eram utilizadas apenas por ciências próximas, como a Sociologia e a Antropologia, e outras utilizadas por ciências tradicionalmente mais distantes da História, como as computacionais. Esta pesquisa faz referência a algumas dessas ferramentas - mesmo sabendo que existem outras - que procuram enriquecer a discussão maior aqui proposta.

A ideia de cibercultura, mencionada anteriormente, foi popularizada por Pierre Levy em sua obra "*Cibercultura*" (1997). Mas outros autores abordaram discussões sobre o tema em diferentes perspectivas. Manuel Castells (2001, p.8) a denominou de "sociedade de rede", e adicionou que, além do desenvolvimento dos computadores, a sua consolidação resultou da necessidade de outros processos até

²¹Em 2008 foi criada a disciplina de História Digital na UFPEL. Porém, por falta de profissionais habilitados para ministrá-la, passou a ser optativa e atualmente não é mais oferecida.

então independentes, para que, unidos, emergisse essa nova cultura. Seriam estes processos a exigência da economia por flexibilidade administrativa e pela globalização do capital, da produção e do comércio. Como escreve Castells: "Valores da liberdade individual e da comunicação aberta tornaram-se supremos".

Ambos os autores indicam as desigualdades intrínsecas dessa formação cultural, ao apontar questões como o acesso à comunicação através dessa tecnologia pelas pessoas economicamente mais pobres e também a oposição dos mais ricos - quanto à utilização pelos mais pobres - no que tange à perda de seus privilégios culturais de acesso.

As redes têm vantagens extraordinárias como ferramentas de organização em virtude de sua flexibilidade e adaptabilidade inerentes, características essenciais para se sobreviver e prosperar num ambiente em rápida mutação. É por isso que as redes estão proliferando em todos os domínios da economia e da sociedade, desbancando corporações verticalmente organizadas e burocracias centralizadas e superando-as em desempenho. Contudo, apesar de suas vantagens em termos de flexibilidade, as redes tiveram tradicionalmente de lidar com um grande problema, em contraste com hierarquias centralizadas (CASTELLS, 2001, p.7).

Outra noção importante é o conceito de "Web 2.0". Como a própria estrutura do nome sugere (o termo "web" + a indicação da versão em números) é um termo herdado da Ciência da Computação. A Web 2.0 sugere uma transformação no mundo da internet que é a multi colaboração. Antes da Web 2.0 (que sugere a utilização do termo Web 1.0), a internet era estática, os usuários eram apenas consumidores de conteúdos disponíveis. Na Web 2.0, o usuário também é produtor de conteúdos disponibilizados na internet. Atualmente existem inúmeros *sites* que auxiliam o usuário na construção de sites de forma bastante intuitiva e sem necessidade de conhecimento de programação para web (um exemplo citado anteriormente foi o da plataforma *WordPress*, utilizado pelo portal *Café História*).

Além disso, vivemos em um momento de maior consolidação das redes sociais (especialmente o Facebook, Instagram e o Twitter). Todas as redes sociais pressupõem uma cultura participativa: a construção de um perfil a ser o meio para compartilhar mídias com outros usuários, que podem interagir das mais diferentes formas, conforme a rede social. A Web 2.0 está na possibilidade de personalização

de um espaço, no compartilhamento de conteúdo próprio e na interação com outros usuários, sem a necessidade de que o dono da rede social interfira.

A internet ampliou a noção de espaço público. Hoje não se fala mais "entrar na internet". Em razão da variedade de dispositivos para acesso, de aplicativos que entretêm, auxiliam e monitoram os humanos durante o dia e a noite, estamos sempre conectados. Dessa forma, a separação anteriormente demarcada entre o virtual e o não virtual diminuiu. Se faz necessário considerar, também, o virtual como um legítimo espaço público e aplicar a ele noções que anteriormente eram aplicadas apenas ao não virtual.

Ações legais já vêm sendo desenvolvidas nos últimos anos a fim de regulamentar o espaço cibernético no Brasil. Faz-se relevante falar sobre o Marco Civil da Internet, nome popular da lei de número 12.965²², aprovada no ano de 2014, que "estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil" (BRASIL, 2014). Outra medida importante foi a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), número 13.709 de 2018²³, que regulamenta o tratamento de dados pessoais dentro e fora dos ambientes virtuais. A LGPD segue um movimento mundial de preocupação pela preservação da privacidade na internet devido a uma série de casos que demonstraram a fragilidade desse direito humano nas redes.

A Ciência, e particularmente a História, devem se apropriar desse espaço a partir do princípio de que ele é construído e modificado por seres humanos, desenvolvem culturas e geram perguntas ao ofício do historiador.

A definição e a transformação da ideia de arquivo também é um ponto caro à História. Até o século XXI sempre se teve a noção dele como algo físico, palpável. Thiago Nicodemo, em entrevista para o *Podcast* "Tem profissional de História Aí?" (2021), relata que, a partir do século XXI, repositórios de internet passam também por um processo de lembrança e esquecimento, tal qual um arquivo. O ciclo de um arquivo pode ser entendido como algo que produziu um sentido inicial e ao longo do tempo

²² Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm. Acesso em 2 de março de 2022.

²³ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm. Acesso em 2 de março de 2022.

esse significado foi se transformando, sendo sobreposto, conforme o interesse de quem os manipula.

Com isso, surgem questões como: Quais os critérios utilizados para essa escolha no ambiente virtual? Quem é o responsável pela preservação dessas memórias que os usuários compartilham no ambiente virtual? De que forma essas memórias são utilizadas pelos responsáveis? Como lidar com a efemeridade com que as páginas e blog estão sujeitos?

Há uma série de pontos ainda não resolvidos que, muitas vezes, as pessoas não sabem ou deixam de lado em face de outros benefícios quando estão compartilhando dados na internet. A maioria dos usuários da internet nunca leu os famosos "termos de uso" que são apresentados quando se vai usufruir de algum aplicativo ou *site*. Geralmente, o que é popularizado é o lado do entretenimento que aquela aplicação promove. Isso tem relação com outro ponto bastante importante: o letramento digital.

Para além da pesquisa, os professores de História em sua maioria (inclusive os recém-formados) não possuem em sua formação disciplinas que abordam a utilização de ferramentas digitais, especialmente o computador²⁴. O resultado é a dificuldade que o professor tem de promover uma aula mais próxima da realidade social do próprio aluno do século XXI, cada vez mais conectado. A pandemia do Covid-19 potencializou esse problema, ao mesmo tempo em que acelerou a sua superação porque obrigou estudantes e professores a realizarem aulas de forma online.

O letramento digital é um tema bastante presente nos debates sobre História Digital, pois tão importante quanto se apropriar das ferramentas digitais é ter acesso a elas, saber como elas funcionam e poder adaptá-las para seus objetivos. Ferramentas digitais para colheita e análise de dados são pouco conhecidas pelos

²⁴ Algumas universidades já oferecem (ou ofereceram) disciplinas que tangenciam o mundo virtual. Na UFPEL, o curso de bacharelado em História já teve a disciplina de Arquivos Digitais. No curso de mestrado profissional em História da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), é oferecida a disciplina de Mídias Digitais. De qualquer forma, ainda há um déficit de profissionais para ministrar essas disciplinas, ainda que a demanda atual por profissionais do meio digital seja crescente, inclusive no ensino. Sobre a disciplina de Mídias Digitais da FURG, disponível em: <https://ppghistoria.furg.br/images/Disciplinas/ppgh_10157p_producao_de_material_didatico_e_o_universo_virtual.pdf>. Acesso em 2 de março de 2022.

historiadores²⁵, já que na formação universitária esse tipo de instrução é recente ou não existe.

A pesquisa nas fontes que estão sob o suporte digital demanda um conhecimento específico, uma alfabetização que vai possibilitar desenvolver os efeitos que a informação pesquisada possui ou que não possuiria caso estivesse disponível em outra plataforma. Uma postagem e seus desdobramentos entre um grupo dentro de uma rede social produzem efeitos totalmente distintos da mesma informação compartilhada em um salão com o mesmo grupo de pessoas. O que difere as duas situações é apenas o suporte utilizado para difusão da informação. Nesse sentido, é preciso ratificar a importância do conhecimento sobre ele para o trabalho com a História Digital.

Durante a segunda edição do Curso de Introdução à História Pública (2021), em um debate sobre "Quais os limites da história digital em um mundo marcado pela exclusão, pela desigualdade?", o historiador Pedro Telles desenvolveu o conceito de História Digital sob duas formas. A primeira mais relacionada às humanidades digitais, que consistem na utilização e criação de ferramentas digitais para extração e análise de dados produzidos em ambientes virtuais; a segunda, bastante vinculada à História Pública, constitui-se no emprego das ferramentas digitais a fim de proporcionar maior acesso às pessoas ao conteúdo de História. Dentro dessa ideia, os portais de internet, vídeos, redes sociais que se dedicam ao compartilhamento de histórias e memórias são exemplos da utilização.

A presente dissertação tem um compromisso com ambas as formas. Utiliza como objeto de análise uma página da internet de divulgação histórica que é multi colaborativa, pensando-a como um espaço de ampliação da audiência sobre a História, e trabalhando-a para minimizar a desigualdade existente no que toca ao conhecimento histórico e o acesso ao digital. Apesar do conteúdo não ser produzido por historiadores, a página possui debates que buscam a constituição e a preservação de histórias e memórias.

²⁵ No site institucional do curso de História da UFPel, fala sobre o domínio do uso de recursos tecnológicos como uma das competências do perfil do egresso. Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/cursos/cod/3000>>. Acesso em 2 de abril de 2022.

Também faz parte desta pesquisa a utilização de ferramentas de captura e análise dos dados, de forma a extrair conhecimento desses instrumentos produzidos, a fim de dar um sentido historiográfico para eles. Reafirma-se aqui o compromisso ético de que o conteúdo que interessa nas postagens são as histórias e as memórias compartilhadas em forma de comentários e os elementos constituintes das fotografias. Nomes dos usuários, entre outras informações de cunho pessoal²⁶ não fazem parte das análises.

Ao pesquisar os aspectos culturais da população rio-grandina nos deparamos com a necessidade de apresentar ao leitor uma metodologia que fosse aplicável por qualquer pesquisador da História, independente do nível de conhecimento sobre ferramentas digitais. Este fazer também justifica a forma como nos situamos na História Pública: colocando-a em prática, defendendo a sua busca por todos os historiadores de todas as áreas.

1.3 Fotografia: uma tecnologia da memória

A conhecida arte de "desenhar com a luz" que explica a etimologia da palavra – foto (luz), grafia (escrever) – é uma das invenções mais simbólicas da Modernidade. Ao possibilitar uma imagem fiel de um espaço/tempo, ela espanta e encanta um mundo que até então reproduzia o real através de pinturas e esculturas. Essa fidelidade da reprodução fotográfica transformou o mundo a partir da primeira metade do século XIX: foi de objeto custoso e luxuoso – até o início do século XX - para a capilarização das imagens fotográficas dos tempos atuais, o que as coloca como uma das grandes responsáveis para se chegar à sociedade de hoje, debruçada sobre a imagem.

Apreciar uma fotografia ativa diferentes reações nos seres humanos através da memória. Essa memória ativada pela fotografia - aqui definida como a memória fotográfica - não está enquadrada em um recorte espaço/tempo apenas, muito menos desbota, como o suporte dos retratos analógicos. São dispositivos que, desde os

²⁶ Como a sua imagem de perfil e sua titulação, que aparecem como uma assinatura do comentário em publicações

primeiros momentos em que o olhar captura os elementos da fotografia, revivem - ou seja, vivem novamente - os sentimentos para com os lugares, objetos e as pessoas que foram eternizadas no momento do clique. Nesse sentido, como nos explica Jöel Candau em entrevista para o canal do *Youtube* do projeto "Museu das Coisas Banais - UFPel" (2015): "as fotografias são grandes socio transmissoras entre as pessoas e agem de forma potencial sobre a memória individual e coletiva na sociedade".

Desde a sua concepção e popularização, no século XIX até os dias atuais, a fotografia é uma grande atração entre as pessoas. A reprodução exata de uma paisagem, de um momento ou de uma pessoa, fascina os humanos, desperta memórias e cria padrões sobre algo que foi colocado nas imagens fotográficas. Ela é uma tecnologia que ativa as memórias de quem desfruta delas, rememora lugares, pessoas e momentos de forma bastante eficiente.

Para os historiadores, a percepção da fotografia como fonte demorou um pouco mais a acontecer. Os fotógrafos, que eram apenas registradores, foram colocados em uma posição de autores e foi aceito que eles não apenas manejavam as lentes ou copiavam o que viam, mas também selecionavam, recortavam e colocavam um olhar específico a tudo aquilo que captavam com suas máquinas (SCHWARCZ, 2012, p.10). Sendo assim, elaboravam uma forma de visualizar a realidade.

Pensar o processo fotográfico que resultou no registro, na construção e nas utilizações que foram dadas pelas imagens fazem parte do ofício do historiador que se propõe trabalhar com esse tipo de fonte. Não apenas reduzir a uma fonte histórica ou objeto de estudo, mas, como afirma a historiadora Ana Maria Mauad ao *podcast* "Tem profissional de História Aí?" (2021), trabalhar como "resultado de uma experiência no mundo social" é uma operação que exige questionar o antes e o após da fotografia, as narrativas para as quais são utilizadas, independente do formato analógico ou digital.

Para este trabalho, optou-se por separar a fotografia analógica da digital. Elas possuem características específicas que valem ser elencadas, pois são importantes para pensar o próprio objeto. A separação também se deu porque as fotografias trabalhadas nessa dissertação transitam entre os dois formatos e criam um terceiro: a fotografia que nasceu analógica e foi digitalizada.

A fotografia analógica possui uma grande historicidade no que tange aos diferentes processos e máquinas para concepção. O seu consumo cresceu a partir do momento que as pessoas começaram a ter acesso por conta do barateamento das câmeras, dos filmes e das revelações. Aquela invenção artesanal foi ficando mais sofisticada à medida que o consumo cresceu, surgindo verdadeiros impérios industriais e comerciais (KOSSOY, 2014, p.30).

A fotografia analógica foi difundida ao mundo através de viagens dos fotógrafos que vendiam a novidade em cada cidade que aportavam. Segundo Tereza Lenzi e Flávia Menestrino (2011), na cidade do Rio Grande, durante o século XIX, chegaram artistas de diferentes nacionalidades (como Estados Unidos, França, Inglaterra) que passaram um tempo na cidade, divulgaram seus trabalhos em jornais, e depois partiram a outros destinos no país, como Pelotas e Porto Alegre, ou fora dele, como Montevideú e Buenos Aires.

O acesso ao registro analógico, até então novidade, foi bastante restrito à elite econômica, que utilizou o serviço com a finalidade de autorretratar suas famílias (prática que já ocorria nas pinturas) e muitas vezes ostentar seus bens. Pessoas escravizadas apareceram em muitos desses retratos que seus senhores costumavam fazer, para exibir suas propriedades humanas. Dessa forma, o pesquisador que se utiliza de um recorte da virada do século XIX para XX e vai às fotografias, encontrará material que abordará assuntos relacionados à elite da época e à sua forma de apropriação desta tecnologia. Algumas fotografias desta época também retratam paisagens das cidades a fim de gerar um produto a ser consumido por públicos genéricos em forma de *souvenirs*.

A imagem abaixo é de 1886. Foi publicada originalmente no jornal “Rio Grande” e republicada recentemente por Willy César (2016) no seu livro que aborda uma grande pesquisa jornalística sobre a cidade do Rio Grande. A fotografia foi feita em estúdio e aparecem Demócrito Lemos, filho de um bem-sucedido empresário na cidade e sua babá, Tecla.



Figura 2: Retrato de Demócrito e Tecla.

Esse acesso restrito vai, aos poucos, ficando popularizado conforme o barateamento das técnicas e das câmaras. Nas primeiras décadas do século XX já se tem um volume de fotografias de pessoas que não participavam da elite econômica,

(...) assim, a experiência fotográfica do Novecentos redefiniu as formas de acesso aos acontecimentos históricos e sua inscrição na memória pública, a ponto de podermos contar a história do século XX por meio de suas imagens (MAUAD, 2018, p. 125).

Isso vai favorecer a pesquisa histórica das culturas urbanas, do mundo do trabalho, dos acontecimentos públicos como festas, conflitos e discursos de autoridades. Ocorre a popularização da fotojornalismo, "o fotógrafo de rua ou fotógrafo social começaram a buscar um tema: consequências do mundo capitalista (a mundialização da economia, o abismo social mesmo com o mundo que cada vez enriquece mais) (GOULART, 2019, s/p).

A fotografia analógica vai reinar até o final do século XX. Mesmo com a limitação do número de poses por rolo de filme²⁷, do acesso às máquinas, aos filmes

²⁷ Aqui se faz necessária a explicação de que as câmeras analógicas gravam as fotografias em rolos de filmes inseridos nelas. Esses rolos possuem diversos tamanhos, sendo os mais comuns os que proporcionavam 12, 24 ou 36 usos (poses) da câmera. Com o advento das câmeras digitais essa limitação de poses praticamente acabou pois se teve a possibilidade de ver instantaneamente a imagem produzida e eliminá-la caso não fosse aprovada. Ademais, o local onde as poses ficam armazenadas passou a ser cartões de memórias com capacidade para muitas imagens. Somada à possibilidade de descarregar o cartão em computadores, proporcionando sua reutilização.

e à revelação, foi possível para grande parte da população desfrutá-la. O resultado desse *boom* para o campo historiográfico é a existência de acervos pessoais de fotografias na maioria das casas. Como qualquer outro acervo, essas imagens também passam por um processo de arquivamento, ainda que pautado mais pelo sentimento pessoal do que por escolhas técnicas.

As fotografias digitais vão começar a aparecer na década de 1990, mas ainda como uma tecnologia cara e com pouca usabilidade. O seu crescimento estará diretamente à utilização dos computadores pessoais, que será o principal destino do conteúdo produzido através das câmeras. Dado que o acesso aos computadores ainda era restrito a uma pequena parte da sociedade brasileira no final do século XX e os existentes não estavam preparados estruturalmente²⁸ e nem existia uma usabilidade (a prática popular de transferência de arquivos, softwares de edição de imagens, espaços que se utilizarem delas) atrativa entre as pessoas. Foram necessários mais alguns anos para que esse formato de fotografia se tornasse popular.

Já no início do século XXI iniciou-se o processo que tornará a fotografia digital o formato mais presente deste primeiro quarto de século. Já nos primeiros anos os computadores ganharam atualizações importantes nos itens de usabilidade supracitados e se tornaram acessíveis aos grandes públicos. Outro fator importante foi a popularização de sites e aplicativos que promoviam conversas entre usuários de forma online, com o compartilhamento de imagens. Nesse período, ter uma fotografia digitalizada era uma grande revolução tecnológica. Surgiu, então, a prática de digitalização das fotografias através dos aparelhos *scanners*. Aos poucos, as câmeras digitais se popularizaram²⁹ e ficou mais fácil fazer fotografias através delas, como também a prática de fotografar fotografias impressas a fim de fazer uma digitalização.

²⁸ Aqui falo de conexões necessárias às transferências dos arquivos e capacidade de armazenamento dos arquivos fotográficos produzidos digitalmente.

²⁹ O período entre os anos 2000 e 2010 é caracterizado pelo *boom* das câmeras digitais, sendo este um dos fatos mais marcantes desta década. Alterou um gesto já centenário: o de como tirar a foto, colocando o olho no visor, para ver o que a lente reproduz, e fechando o outro, levando a câmera em direção ao rosto. O uso da câmera digital deu origem a outro gesto e a posse da câmera digital foi o que alterou totalmente a relação com a geração da imagem. Retirou a fotografia de seu pedestal, de algo idealizado, até porque a foto revelada precisava de espera para verificar se ficou boa. Não era possível apagar foto ruim. A câmera digital modificou a revelação, tornando-a automática e possível de

Outro importante ocorrido que proporcionou a popularização da fotografia digital foi o desenvolvimento da internet e a existência de páginas da web com o objetivo de socialização. Chamadas de redes sociais, os usuários configuram espaços próprios dentro delas. Funcionam como um cartão de visitas a quem acessa, com informações sobre interesses pessoais e profissionais. Nesse formato de currículo se tornou fundamental ter uma foto no início da sua página. Prática que foi ampliada, em um segundo momento, com a criação de mais espaços para as fotografias digitais através da possibilidade de criar álbuns pessoais virtuais com o objetivo de que o usuário enriqueça o seu perfil com informações imagéticas.

A cultura da fotografia digital cresceu bastante nos anos que marcaram a popularização dos *chats* digitais e das informações pessoais, profissionais e culturais compartilhadas através - em maior parte - das redes sociais. Tudo isso sustentado pelo também desenvolvimento de componentes computacionais que aumentavam a capacidade de armazenamento e o poder de processamento dos computadores pessoais, e mais, com o barateamento destes, implicando assim, num maior número de pessoas que passaram a utilizar o computador. Com as questões de infraestrutura (computadores, internet) sustentando a prática, a fotografia digital logo se tornou uma demanda importante. Aos poucos, o acesso às câmeras digitais aumentou e conseguiu-se uma popularização ainda maior do que a bem-sucedida fotografia analógica, colaborando com a “sociedade de imagens” da atualidade.

Essa inclinação às imagens se desdobra em questões culturais: músicas raramente são lançadas sem um suporte imagético de clipe, livros de qualquer natureza se tornam mais atraentes após o lançamento do filme sobre eles, ver uma apresentação significa filmar uma parte dela. Não ter um registro imagético de alguma prática humana significa não a ter praticado. Essa capilarização tornou a prática fotográfica menos pensada e, conseqüentemente, muito descartável - algo jamais ocorrido com a analógica.

Essa descartabilidade se tornou um problema para pensar os arquivos digitais, dado que muitas vezes as pessoas não encontram as imagens por diferentes motivos,

descarte sem custo de limitação do filme. Assim, a fotografia tornou-se barata, prática e com ótima qualidade.

que vão desde a desorganização dos arquivos digitais - que acabam tomando uma proporção de tamanho jamais vista - até uma manutenção sem um processo de *backup* adequado³⁰.

Atualmente, o compartilhamento de imagens é uma prática comum. A concepção e popularização dos *smartphones* - que unem funções de celular, execução de música, fotografia e acesso à internet, dentro de um mesmo dispositivo - multiplicou o uso das fotografias através da internet. Outra prática que se tornou comum foi a digitalização de imagens analógicas.

Esse processo teve início a partir da existência dos chamados *scanners*, tecnologia que permite digitalizar materiais impressos. No Brasil, durante a primeira década dos anos 2000, tornou-se popular nas casas a existência de aparelhos chamados "multifuncionais", que possuem as funções de impressão, cópia e digitalização de papéis. O acesso a esses aparelhos foi um grande estimulante para uma cultura de digitalização de fotografias analógicas e o compartilhamento através de e-mails e blogs se tornou bastante grande. Aqui, essa década será definida como a primeira fase da digitalização analógica.

Nos anos que seguiram, já na década de 2010, o uso dos *smartphones* cresceu exponencialmente e conseqüentemente a prática de digitalização de papéis se deu através dele. Seja fazendo uma fotografia do impresso ou utilizando aplicativos específicos com recursos para digitalização, muitos documentos passaram a se tornar digitais e seu compartilhamento se tornou facilitado por meio da internet. Acervos pessoais de fotografias passaram a ser utilizados por diversos usuários a fim de compartilhar suas memórias nas mais diferentes plataformas de internet. Aqui vale o destaque às diferentes redes sociais que surgiram, com acesso direto por aplicativos próprios nos *smartphones*. O uso do *smartphone* como um mediador da digitalização e do compartilhamento caracteriza a segunda fase da digitalização analógica.

³⁰ Na feira do livro da FURG de 2019 comemorou-se o cinquentenário da universidade. Foram expostos 5 painéis com imagens que representavam cada década das atividades dela. O organizador do painel, o professor do curso de Direito da FURG, Me. Péricles Antonio Fernandes Gonçalves, em sua apresentação dos mesmos, marcou que a maior dificuldade para montagem deles foi encontrar fotografias das últimas duas décadas, dada a não existência delas no formato de papel e a falta de ação da universidade em uma arquivagem do conteúdo digital.

Trazendo a discussão para o tema da cidade do Rio Grande, já na primeira fase da digitalização analógica, destaca-se o surgimento do blog "Papareia". Fruto de uma troca de e-mails entre amigos de mais de 30 anos, esse espaço se tornou o primeiro e um dos mais ricos arquivos digitais de memórias fotográficas sobre a história do município.

Pois bem, depois de quase trinta anos de pouquíssimos contatos, voltamos a trocar algumas mensagens graças ao advento da internet. Descobri que o Polaco era aficionado das coisas e no lapso de alguns e-mails já tínhamos revisado quase que uma vida inteira. Locais, amigos, parceiros, histórias e personagens que marcaram, mancadas, acertos, enfim um mundo de coisas. Foi aí que, em determinado momento, ele me apresentou a ideia de criar um "blog", essa "coisa nova" estava ali para que, como na adolescência, fizéssemos planos para trazermos para junto de nós as velhas amizades, as velhas imagens, as velhas histórias. Tínhamos a certeza de que muita gente, especialmente os que conhecêssemos bem na nossa juventude, iria curtir muito. Bem, o resto foi uma sucessão de emocionantes surpresas. (PAPAREIA, 2002, s/p)

Já na segunda fase da digitalização analógica, o espaço com maior popularidade sobre o município é o grupo do Facebook "Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande". Com a pluralidade característica dessa fase - em pessoas, temas e formatos das imagens -, o grupo expande o debate sobre a cidade para diferentes vivências que possuem Rio Grande como plano de fundo, aumentando também a necessidade de pensar os diferentes aspectos da memória através da internet e, conseqüentemente, da construção da história local.

As memórias que temos de fotografias são sempre parte do olhar de um "outro", que pode ser entendido como aquele que possui o dispositivo fotográfico e que dotado de seu conhecimento de mundo registrou o que julgou necessário em um determinado tempo e espaço. Essa noção de recorte que o outro deu de um passado é importante, pois no momento do clique ele propôs um gatilho de memória que será ativado toda vez que alguém observar a imagem produzida.

A memória daquele que faz a leitura da imagem está condicionada ao recorte de tema e enquadramento dos elementos que a fotografia possui. Ampliando para o social, as memórias fotográficas de uma sociedade podem ser compreendidas não como aquilo que é lembrado, mas como aquilo que se recebeu para ser lembrado. Isso acaba sendo outra instância para a reflexão da produção de sentidos dessas

imagens, da sua historicidade e do conhecimento histórico que ela pode passar. Ela supera, muitas vezes, a experiência individual de quem viveu algum determinado fato histórico.

Por outro lado, apesar do recorte, na memória coletiva coexistem mundos que não estão nos elementos do resultado do registro fotográfico. Desse modo, as lembranças sugeridas a partir da leitura fotográfica sobressaem os elementos presentes na imagem. Isso explica a grande quantidade de informações produzidas através das discussões presentes nas publicações contidas no grupo Fatos e Coisas de Antanho.

Como fora visto, quando surgiu a fotografia estava mais ligada à pintura, à contemplação. No início do século XX, a começa a ser utilizada para registrar acontecimentos de relevância social: foi o início do uso da fotografia como documento. Essa nova função tem uma contribuição bastante importante na construção da memória fotográfica social.

A chegada do século XXI proporcionou o acesso à fotografia e ao seu compartilhamento de forma mais fácil que nos períodos anteriores. A internet se tornou um espaço usufruído por muitas pessoas e um palco aberto para a construção de narrativas fotográficas através do compartilhamento das mesmas. Quando alguém compartilha uma fotografia sobre um determinado assunto, comumente são ativadas áreas de memórias individuais que são pontos de vista sobre essa memória coletiva (HALBWACHS, 1990, p. 36), construída por uma educação imagética a que somos expostos desde a infância e é transformada ao longo do tempo.

A partir disso, é possível afirmar que a fotografia é um potente instrumento para a história, pois

entre as várias razões que se conhecem para o sucesso da prática da fotografia em todos os meios sociais está certamente a maneira cômoda com a qual essa "arte moderna", que é uma arte de memória, permite representar materialmente o tempo passado, registrá-lo e dispô-lo em ordem. Mantendo com seu passado tantos elos quanto fotos em seu álbum, o sujeito faz da fotografia o "suporte de uma narrativa possível" dele próprio ou de sua família. (CANDAU, 2012, p. 90)

Essa memória fotográfica é a base para construções coletivas como grupos de compartilhamento de fotografias³¹, sites e redes sociais que oferecem a possibilidade de interação dos usuários. Essa “plataforma de memória” guiada pelos posts da rede social é algo novo e instigante. Os humanos passaram a contar suas narrativas através de postagens na internet e isso produz memórias evocadas, aparentemente, de forma mais livre.

Essas memórias revisitadas são válidas ao ofício da História pois, quando trabalhadas de forma objetiva, podem ser valiosas para construção do conhecimento histórico. Isto se dá porque quando uma ação consegue, ao mesmo tempo, encontrar um ponto comum entre os interesses científicos e sociais - ou seja, conversar com dois campos que muitas vezes parecem distintos -, faz-se necessário explorar suas potencialidades e torná-la objeto de estudo.

É possível, então, pensar em diversas aplicações para a relação entre a História Pública digital e a fotografia. Um exemplo são as redes sociais, que possuem ferramentas possíveis de serem trabalhadas de maneira conectada entre si. Para demonstração, nesta pesquisa escolheu-se como objeto uma ferramenta de agrupamento de assuntos em uma rede social selecionada, o grupo de Facebook. Aqui, especificamente um grupo de compartilhamento de fotografias sobre o tema da história da cidade do Rio Grande, chamado *Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande*.

³¹ Durante a pesquisa se descobriu, por exemplo, que são comuns museus que se dedicam à salvaguarda de fotografias e fototecas e à prática de atividades junto a pessoas idosas, despertando memórias através de um gatilho inicial: a fotografia de um determinado período sobre algum tema comum às pessoas envolvidas.

CAPÍTULO 2

Entre o universo da internet e das redes sociais, um espaço a ser ocupado pela Historiografia: o grupo Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande

Em um tempo em que o digital está em todas as partes, não é estranho que a História também faça parte desse movimento. Neste capítulo, será analisado um dos mais bem-sucedidos espaços de compartilhamentos de memória sobre a história da cidade do Rio Grande no espaço digital, o grupo *Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande*, dado o grande número de membros e a sua grande quantidade de postagens e interações diárias.

Com este capítulo, pretende-se fazer uma abordagem que contemple uma compreensão sobre a influência da cultura digital e de uma rede social, como o Facebook, no mundo. Para isso, será realizado um aprofundamento no nosso objeto, a fim de discutir pontos relacionados à construção da história e da memória da cidade do Rio Grande que se dão através do digital e se apresentam de diferentes formas no grupo selecionado.

Não é preciso fazer muito esforço para perceber que estamos imersos na cultura do digital e conectados através da internet. Do início ao final do dia a grande maioria das pessoas é acompanhada por aparelhos que auxiliam nos mais variados momentos. Desde a atualização política, econômica e social que se faz na rolagem de feeds de informações até a comunicação e o compartilhamento de novidades com família, amigos e colegas, desenvolvemos uma cultura voltada para o digital.

2.1 A cultura da internet no Brasil

A chamada de cibercultura (LÉVY, 1999, se desenvolveu tanto ao longo dos últimos 40 anos que hoje é impossível pensar o presente sem a participação das ferramentas digitais e da internet nas diversas expressões da humanidade. A internet, matéria-prima do aspecto cultural discutido, é o resultado de uma fórmula improvável: *big science*, pesquisa militar e a cultura da liberdade (CASTELLS, 2001, s/p).

Desenvolvida a partir da década de 1960, a internet é fruto de um conjunto de investimentos públicos em pesquisas que possuem a Guerra Fria como contexto histórico. Em 1958 foi criada a *Advanced Research Projects Agency (ARPA)*, dentro do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, com o objetivo de promover o desenvolvimento de pesquisas tecnológicas, fortalecendo o país na corrida com a União Soviética. Em 1962, o *Information Processing Techniques Office (IPTO)*, um dos departamentos da ARPA, vai lançar o Arpanet, um software que vai permitir centros de pesquisa que possuíam convênio com a ARPA fizessem interações e, com isso, compartilhassem informações e tempo de computação (CASTELLS, 2001, p.15).

No mesmo período, uma arquitetura revolucionária foi desenvolvida por Paul Baran, através da Rand Corporation e por Donald Davies, através da British National Physical Laboratory: a comutação de pacotes. Esta é a base da internet, que tem como mecânica a quebra das informações em pacotes de dados para possibilitar o envio de forma ágil entre computadores que estão interligados através de uma rede.

Essa nova tecnologia possibilita uma descentralização das informações, através da troca recíproca de informações entre os computadores possibilitando uma maior segurança de armazenamento de dados que agora podem estar distribuídos entre computadores em diferentes localizações geográficas. O Arpanet vai utilizar a comutação por pacote, possibilitando que três universidades compartilhassem informações em uma mesma rede em 1969. Dois anos depois (1971) o número subiu para 15.

O projeto da Arpanet foi implementado por Bolt, Beranek e Newman (BBN), uma firma de engenharia acústica de Boston que passou a realizar trabalhos em ciência da computação aplicada; fundada por professores do MIT era integrada em geral por cientistas e engenheiros dessa instituição e de Harvard. Em 1972, a primeira demonstração bem-sucedida da Arpanet teve lugar numa conferência internacional em Washington. (CASTELLS, 2001, p.16)

Além da comutação de pacotes, outras inovações foram fundamentais para a consolidação da internet como conhecemos hoje. As pesquisas e o desenvolvimento sobre a comutação de pacotes não aconteceram apenas nos Estados Unidos e no projeto Arpanet. A França e a Inglaterra são países que também trabalharam para o desenvolvimento dessa tecnologia, além de centros de pesquisas de outras universidades dentro do próprio Estados Unidos. Com isso, tornou-se necessário

pensar em uma forma de comunicação comum, que interligasse uma rede com outra, aumentando assim a malha de computadores interconectados. Foi com o intuito de resolver esse problema que foi criado, em 1973, o protocolo de controle de transmissão (TCP).

Mais tarde, em 1978, o documento foi atualizado com uma importante definição do protocolo de internet (TCP/IP). Essa atualização exige que o computador possua um endereço único (um endereço IP). Utilizado até o presente, ele é a regra padrão que o computador deve obedecer para se conectar à internet e acessar o conteúdo de outros computadores que compõem dessa padronização. Sistemas operacionais abstraem ao usuário essas informações em computadores, smartphones, ou qualquer dispositivo que permite a conexão à internet.

A última inovação fundamental com relação à história da internet antes de ela se popularizar mundialmente foi a definição do *World Wide Web* (WWW). Em 1989, as redes entre computadores já estavam bastante difundidas nas universidades e se praticava uma cultura colaborativa de troca aberta de informações, a partir da consolidação do sistema operacional UNIX integrado com a Arpanet, o que possibilitava a comunicação de um grupo maior de usuários através da rede e – consequentemente - o avanço do desenvolvimento. Um problema a ser resolvido, no entanto, foi a grande variedade de informações diferentes em computadores diferentes.

Dessa forma, Tim Berners-Lee, engenheiro de software do Laboratório Europeu para Física de Partículas (CERN) desenvolveu o primeiro servidor web (chamado "httpd"), e a primeira página da web aberta a todos os usuários da internet (a "WorldWideWeb.app"). Com esse marco, foram definidos padrões de tecnologias que já estavam se desenvolvendo no mesmo período e que ainda ditam a forma como as informações funcionam na internet: o HTML (*HyperText Markup Language*) como o formato em que as informações vão aparecer na web; a URI (*Uniform Resource Identifier*) como o endereço único de uma informação na web; o HTTP (*Hypertext Transfer Protocol*) como o protocolo que o HTML vai transitar na web.

Em 1991, T. Berners-Lee junto com Robert Cailliau lançaram o primeiro software que hoje conhecemos como navegador da web. Dessa primeira experiência, o desenvolvimento de outros navegadores ocorreu e, como resultado, a popularização

da web cresceu. As definições da WWW, junto com a consolidação do protocolo comum para acesso à internet (TCP/IP) fizeram uma grande revolução naquela teoria da comutação de pacotes de informações (CASTELLS, 2001, p. 20). Os avanços de componentes de informática como os processadores, memórias e armazenamento possibilitaram sistemas operacionais e programas de computador mais robustos e com maior usabilidade para o público sem formação em computação, ampliando consideravelmente o número de usuários da internet na década de 1990.

Nos anos 2000 os computadores e a internet já eram uma realidade na sociedade, que dá a eles desde um uso empresarial, a partir de ferramentas de e-mail e sistemas personalizados ao ofício, até o uso pessoal, com os computadores se tornando cada vez mais comuns no ambiente doméstico. Até o início do século XXI, o consumo das páginas de internet através dos navegadores ocorria de forma arbitrária, dependendo de quem tinha acesso ao conhecimento para desenvolver uma página web e disponibilizar na internet. O usuário seria apenas um espectador do conteúdo disponibilizado. Esse formato estático de comunicação na internet se convencionou chamar de Web 1.0.

A geração seguinte da Web, a 2.0, foi a que possibilitou a existência das redes sociais e a transformação cultural como conhecemos hoje³². Uma web multi colaborativa, um lugar onde o usuário pode também ser o gerador de conteúdo, mesmo sem o conhecimento de protocolos da web e códigos de programação. Essa concepção de web vai se desenvolver nos primeiros anos do século XXI e será popularizada através de sites, como os blogs e as redes sociais. Atualmente a gama de tipos de conteúdo que podem ser gerados através da web é muito grande, o consumidor de textos, músicas, vídeos e produtos também pode ser o criador de textos, músicas, vídeos e produtos.

O surgimento da web 2.0 transformou o consumidor passivo de conteúdo em produtor ativo de informação. A esfera pública se expandiu, incluindo novas vozes, novas perspectivas e novas visões.

³² Apesar do presente texto explorar mais a Web 2.0, atualmente existe a Web 3.0. A versão 3.0 pressupõem a internet como uma aliada das pessoas para tomada de decisões. Essa capacidade de ser assertiva para o usuário é baseada em um conhecimento construído o tempo inteiro através dos inúmeros dispositivos eletrônicos e conectados entre si que uma pessoa utiliza (e conseqüentemente gera informações).

Os jornais, as emissoras de televisão e rádio perderam o monopólio do acesso à opinião pública. A lógica do broadcast (de um para muitos) foi suplantada pela lógica do *multicast* (de muitos para muitos). (PIAÚÍ, 2020, s/p)

Um ponto importante a se pensar nas experiências supracitadas é uma espécie de tradição de ideias e projetos técnicos que buscam a possibilidade de associar fontes de informação através de computação interativa (CASTELLS, 2001, pg. 20). Esse pensamento norteia também a prática da História Digital que, no presente, está em crescimento na área da História.

Outro fator importante para pensar a cultura da internet, especialmente no Brasil, é a forma como ela é mediada. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, 8 a cada 10 pessoas possuíam acesso à internet no país³³. E das que acessaram, 98,6% informaram que fizeram através de um aparelho de celular. Esse percentual se destaca pois no mesmo ano o uso através de um microcomputador foi feito pela metade (46,2%) dos usuários do telefone móvel. A Fundação Getúlio Vargas (FGV) publicou no relatório da Pesquisa Anual do Uso de TI (2021)³⁴ que mesmo com a situação da pandemia que demandou um aumento de compra de computadores por conta do home office, o número de smartphones ativos ainda é superior (53%) ao de computadores (47%).

Ainda sobre os dados do IBGE, foi publicado que a principal finalidade do acesso à internet é enviar ou receber mensagens de texto, voz ou imagens por aplicativos diferentes do e-mail (95,7%). Em segundo lugar, ficam as conversas por chamadas de voz e vídeo (91,2%), e em terceiro assistir vídeos, inclusive programas, séries e filmes (88,4%). O tradicional envio e recebimento de e-mails será utilizado por apenas 61,5% dos usuários. Que é pouco se comparado aos 3 anteriores que tangenciam 90% do uso da internet. Esse dado demonstra a potência que sites como Facebook, Instagram, WhatsApp, Youtube, entre outras plataformas que se utilizam da arquitetura da web 2.0, são para o público brasileiro que utiliza a internet.

³³ Ver IBGE (2019); Uso da internet, televisão e celular no Brasil. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil.html#subtitulo-0>>. Acesso em 4 de março de 2022.

³⁴ Ver FGV (2021); Pesquisa Anual do Uso da TI. Disponível em: < <https://eaesp.fgv.br/producao-intelectual/pesquisa-anual-uso-ti> >. Acesso em 4 de março de 2022.

As informações demonstram que a internet chegou ao acesso de usuários das mais diferentes rendas. No Brasil, é o resultado de uma política de acesso ao crédito que permitiu que pessoas de baixa renda se tornassem consumidores dos produtos projetados e desenvolvidos no Vale do Silício, nos Estados Unidos. A telefonia móvel também recebeu incentivos para possibilitar a conexão de todos esses aparelhos à internet, mesmo que muitas vezes através de planos de dados que permitem apenas uma atualização na página de algum site.

De qualquer forma, pode-se constatar que o Brasil possui uma cultura da internet que está potencialmente associada ao uso das redes sociais. O que acaba por tornar essa cultura brasileira bastante limitada, dado o vasto universo que é a internet. É nesse sentido que a questão do letramento digital foi um dos pontos levantados pelo grupo de trabalho que discutiu os limites da História Digital em um país marcado pela exclusão e pela desigualdade social no 2º Curso de Introdução à História Pública (2021). Em sua fala durante o evento, Giliard Prado (2021, p. 70) pontuou que

Essas condições limitadoras do uso das tecnologias digitais e da conectividade com a internet pela população economicamente mais vulnerável evidenciam que a inclusão digital vai muito além da questão do acesso à internet, passando pelo necessário letramento digital e por uma apropriação crítica das tecnologias. Restritas a aplicativos como WhatsApp, no qual é frequente o uso de robôs para disparos de mensagens em massa, e a redes sociais como Facebook, cujos algoritmos de recomendação de conteúdo contribuem para o isolamento das pessoas em bolhas que funcionam como uma espécie de câmara de eco ideológica, as classes sociais de baixa renda ficam mais suscetíveis às *fake news*, aos discursos de ódio e ao negacionismo histórico, uma vez que são limitadas ou inexistentes suas possibilidades de checagem dos fatos.

É de extrema necessidade o pesquisador considerar o público que consome e produz informações que serão analisadas de diferentes formas para os fins da sua pesquisa. Apesar do país possuir bastante acesso - já responsável por grandes influências políticas, econômicas e sociais internas - o que se percebe é um uso descompromissado, sem crítica dos efeitos colaterais. O uso é visto com a inocência de um passatempo que, na maioria das vezes, mascara para os usuários as regras e os conteúdos que as plataformas das redes sociais ditam.

2.2 Facebook: como a rede social mais bem sucedida da história criou um mundo com soluções e problemas

O cientista da computação e escritor Jaron Lanier, em sua obra "*10 argumentos para você deletar agora suas redes sociais*" (2018), fala sobre a dopamina do *like*. Segundo Lanier, é uma das formas mais antiéticas de viciar seres humanos nas redes sociais, pois explora uma vulnerabilidade da psicologia humana ao criar mecanismos de validação social como as reações presentes nas redes. Ele traz depoimentos de responsáveis pela criação dos respectivos mecanismos, como por exemplo Sean Parker - um dos criadores do Facebook - que afirma que "Só Deus sabe o que as redes sociais estão fazendo com o cérebro de nossos filhos", admitindo o grande potencial de modificação do comportamento que as redes sociais possuem nos seus algoritmos.

A cultura da internet gera uma importante matéria-prima para os profissionais que lidam com a informação: os dados. Eles estão dispostos de diferentes formas nos diversos sites que estão armazenados. Também se faz importante colocar que nem todos são públicos ou que estão disponibilizados abertamente em sites privados. Os dados são associados ao petróleo, dado a riqueza de possibilidades que o seu tratamento pode trazer nos mais diferentes meios da sociedade.

Economistas interpretam cada vez mais a economia como um sistema de processamento de dados. Leigos acreditam que a economia consiste em camponeses cultivando trigo, operários fabricando roupas e consumidores comprando pão e roupa íntima. Especialistas, porém, a veem como um mecanismo que reúne dados sobre desejos e aptidões e que os transforma em decisões. (HARARI, 2016, p. 371)

No Brasil, dada a potência que as redes sociais possuem para o público consumidor da internet, torna-se quase um imperativo que uma pesquisa em internet, cujo objeto seja a relação entre pessoas, culturas e memórias passe por algum desses sites a fim de se ter, pelo menos, um termômetro do grande filão de interações sociais na internet do país.

As redes sociais emergem da Web 2.0. Ao utilizar essa arquitetura para implementação de páginas de internet que possibilitaram aos usuários comuns interagirem entre si, através de comentários e reações, o desenvolvedor

automaticamente criou um espaço social dentro do espaço virtual. Por volta do início dos anos 2000 esse formato de site vai ter um crescimento bastante notável, o que vai promover a existência de portais, blogs e fóruns. Os fóruns, por exemplo, ajudaram toda uma comunidade de trabalhadores em diferentes áreas a trocar entre si informações que antes estavam apenas em livros de difícil acesso, o que promoveu um rápido desenvolvimento de técnicas e linguagens em áreas como o desenvolvimento de software e a cultura de RPG³⁵.

As redes sociais virtuais vão surgir nesse ritmo de agrupar em um portal os blogs pessoais. Seguindo os padrões da web 2.0, possibilitará aos usuários seguir e reagir a postagens dos blogs dos outros usuários e discutir variados temas em fóruns que permitem a interação dos participantes do mesmo portal. Essa fórmula dá tão certo que, atualmente, os perfis das redes sociais são utilizados como cartões de visita em currículos e palestras. Nessa dissertação, como já fora informado no título, dedicamos a atenção para a rede social com maior número de usuários no Brasil e no mundo: o Facebook.

Em 2004, a rede social virtual Facebook iniciou a sua operação apenas voltada ao público estudantil universitário. O sucesso foi tão rápido que antes da virada para o ano de 2005 já possuía 1 milhão de usuários, oferecendo apenas a construção de um perfil pessoal de interesses gerais em forma textual, o carregamento de uma fotografia e a possibilidade de acessar e ser acessado pelos outros usuários.

Os próximos 2 anos (2005 a 2006) serão de expansão de usuários com a abertura para o público geral e a implantação de uma mecânica de conexões de trabalho, onde era possível agrupar, compartilhar e ver atualizações de um grupo específico. É nesse período que será disponibilizado aos usuários um feed de notícias, mudando toda uma mecânica de acesso ao portal. Essa atualização foi fundamental para manter os usuários interessados em acessar o Facebook. Antes do feed era necessário ir até o perfil de algum usuário. Após essa mudança, as atualizações dos usuários seguidos apareciam na página inicial, sem a necessidade de buscar o perfil

³⁵ A sigla RPG nada mais é que “*Role Playing Game*”, ou seja, um jogo onde as pessoas interpretam seus personagens e criam narrativas que giram em torno de um enredo. Cada uma dessas histórias é criada por uma pessoa que leva o nome de “mestre do jogo”.

específico. Essa praticidade teve um efeito bastante positivo ao engajamento dos usuários, que passaram a ficar mais tempo conectados ao portal. A consequência é o saldo de 12 milhões de usuários no final de 2006.

A experiência do Facebook com o *feed*³⁶ engajou uma mudança brusca na cultura da internet nesse período. Em pouco tempo, os principais portais e sites adequaram o seu layout ao modelo de feed de notícias, diminuindo o número de cliques em links com a finalidade do acesso à informação, fazendo com que a mecânica de consumo de uma página seja rolando o mouse para baixo ou arrastando para cima quando o dispositivo de acesso é um smartphone. Essa alteração é tão significativa que, atualmente, se o usuário tiver que fazer muitos cliques no acesso à informação na internet, em pouco tempo ele já desiste de acessá-la.

Em 2007, o Facebook segue em crescimento vertical e apresenta ao público ferramentas (páginas de pessoas e empresas, *marketplace*) que são muito comuns nos portais atuais. Em 2008, duas grandes atualizações que têm efeito direto na captação de usuários em nível global: 1) o Connect, que vai possibilitar o usuário linkar sua conta no Facebook com serviços de diferentes sites, centralizando o login do Facebook como uma importante chave para cadastro em diferentes portais; e 2) o lançamento de uma versão em língua espanhola e língua portuguesa da rede social.

Cabe fazer uma observação aqui: que em 2008 a rede social virtual mais acessada pelo público brasileiro foi o Orkut. Após o Facebook disponibilizar o recurso do idioma, será notado um grande crescimento do número de usuários do Brasil que, apenas em 2011, ultrapassará os usuários do Orkut. Apesar de não ser objeto dessa dissertação, faz-se necessário informar ao leitor que o Orkut foi um importante portal para popularização da internet no Brasil. Também lançado em 2004, o Brasil foi o seu principal consumidor e o seu funcionamento lapidou a cultura da internet no Brasil. O seu término foi em 2014. Entre outros fatores, esta rede não conseguiu acompanhar

³⁶ O *feed* tem como finalidade o mesmo sentido da palavra em inglês: alimentação. Quando falamos de web feed, ampliamos para alimentação de informações aos usuários. Portanto, os sites passaram a “alimentar” os usuários com conteúdos novos de tempo em tempo, pois constatou-se que essa seria uma forma de mantê-lo dentro do site por mais tempo. Para mais informações, acessar Tech Mundo, **O que são feeds?** Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/rss/252-o-que-sao-feeds-.htm>> Acesso em 2 de jun. de 2022.

os diversos recursos e nem montar um formato para o grande público, que foi exatamente no que o Facebook se tornou protagonista.

Em 2009 foi criado o botão "Curtir". Essa investida é considerada a principal transformação que o Facebook deu ao uso da internet. Com a concepção de um botão para que o usuário manifeste sua satisfação diante de alguma atualização que aparece no seu feed - além de servir como uma notificação ao usuário que criou o conteúdo, informando que alguém reagiu positivamente à publicação -, criou-se um gatilho que desenvolveu um novo vício nos usuários: postar cada vez mais com o objetivo de receber as pequenas doses de alegria através dos pequenos *feedbacks* virtuais.

A criação do botão foi intencionalmente com o intuito de manter os usuários mais tempo utilizando a rede social. Sabia-se que, mais do que a reação, a notificação da reação de uma publicação ativa no cérebro humano um sentimento de aprovação social. Por outro lado, o não recebimento dessa pílula de aprovação está gerando problemas de saúde mental e depressão entre as pessoas de todas as idades³⁷.

Assim como o feed, o botão de manifestação de reação sobre algum conteúdo se tornou uma exigência nas redes sociais virtuais dos mais diferentes nichos³⁸. Alguns blogs e sites dos mais variados interesses também possuem esse recurso, que é utilizado para impulsionar uma publicação, sendo uma forma de medir a aprovação das mesmas.

No final do ano de 2009, o Facebook chegou a 300 milhões de usuários registrados e segue o crescimento exponencial em 2010, 2011, chegando à marca de 1 bilhão de usuários no final de 2012. Esse intervalo entre o botão Curtir e o primeiro bilhão de usuários (2009 - 2012) será um período de muita popularidade mundial do Facebook principalmente pelo lançamento do filme *A Rede Social* (2010), que conta a história da criação e primeiros anos do portal, a inauguração do primeiro espaço

³⁷ NETFLIX. *O Dilema das Redes*. 2020. Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/81254224>> Acesso em: 27 jan. 2022.

³⁸O Instagram, rede social de compartilhamento de imagens e vídeos, utiliza reações de coração. O Strava, rede social voltada ao público esportivo, utiliza reações chamadas *kudos*, palavra que significa dar o mérito a alguém. Algumas redes sociais possibilitam uma variedade de reações que podem ser utilizadas pelo usuário para se manifestar diante do conteúdo que aparece no feed. O LinkedIn, rede social voltada ao mundo do trabalho, e o próprio Facebook - que vai adicionar múltiplas reações em 2016 -, são exemplos disso.

físico com servidores para processar dados da rede social, bem como pela Primavera Árabe (ano de 2011), episódio que tem o Facebook como uma das principais ferramentas utilizadas para o ciberativismo do processo através da organização entre os partícipes, e divulgação de informações sobre a situação em escala mundial. A entrada na bolsa de valores (ano de 2012) e a compra do Instagram (ano de 2012) evidenciam a força econômica da rede social.

Nos últimos anos, o Facebook ainda mantém o desenvolvimento de novos recursos como a caixa de pesquisa inteligente (2013) - que possibilita uma busca textual que permite o cruzamento de dados de usuários, lugares, páginas e conteúdo da publicação; a versão mobile (2013), a ferramenta "Amigos próximos" - que incentiva o usuário a fazer novas conexões baseado na posição geográfica em que se encontra (2014); e a possibilidade de fazer transmissões ao vivo (2015), entre outras menores que não estão em destaque aqui mas que fazem parte do leque de funcionalidades que o usuário do Facebook dispõe.

Em 2018, o Facebook vai conquistar o segundo bilhão de usuários registrados. Junto com esse grande número de usuários, que representa quase um terço da população mundial, grandes problemas acompanharam a rede social e trouxeram para a pauta da sociedade o tema sobre a privacidade dos dados que são armazenados nos seus servidores. O evento que marca mundialmente esse ponto foi o que ficou conhecido como "Escândalo da Cambridge Analytica".

Até 2018, o Facebook não controlava suficientemente a privacidade dos dados que eram coletados dos usuários através das aplicações desenvolvidas utilizando a sua plataforma Facebook App, uma plataforma para confecção de aplicações através da rede social.

Uma delas tinha a pretensão de calcular a personalidade política do usuário. Para quem optava por utilizar a aplicação, perguntas e opções sobre situações que tangenciam temas do espectro político dos Estados Unidos eram apresentadas e as respostas armazenadas em um grande banco de dados. Outra operação que a aplicação fazia era coletar dados de todos os contatos do usuário que aceitou utilizar a aplicação de personalidade política. Tudo isso sem a fiscalização do Facebook e sem o consentimento dos usuários.

O caso se tornou um escândalo e tomou proporção mundial pois descobriu-se que a empresa de marketing Cambridge Analytica teve acesso a esses dados e os utilizou para apoiar a campanha da eleição presidencial de Donald Trump³⁹. Utilizando técnicas de cruzamento dos dados coletados de forma não ética, foram mapeadas as prováveis tendências políticas de grupos de pessoas por região dos Estados Unidos. Com isso, identificaram-se os estados onde havia mais pessoas indecisas sobre em quem votar. Com essas informações refinadas, foi feita uma grande campanha de marketing no sentido de danificar a imagem da principal oponente de Trump na eleição, a candidata Hillary Clinton.

O caso da eleição presidencial dos Estados Unidos de 2018 foi o estopim para investigações em eleições em que a mesma empresa de marketing foi contratada mundo afora. Verificou-se que a empresa teria relações estreitas com políticos a favor do Brexit, a saída do Reino Unido da União Europeia. Em vista disso, muito se questiona se a violência bastante presente entre pessoas que são contra e a favor do Brexit possuem relação com o conteúdo consumido por eles nas redes sociais, especificamente o Facebook, instigando o ódio ao pensamento diferente.

No ano de 2021, outro escândalo veio a público. A ex-funcionária do Facebook, Frances Haugen, denunciou o Facebook pela deterioração à integridade física e psicológica que a rede social causa na sociedade só pelo dinheiro⁴⁰. Munida de documentos que comprovam suas denúncias, ela também se apresentou ao Senado norte-americano para solicitar uma regulamentação mais efetiva não apenas no Facebook, mas nas empresas do Vale do Silício como um todo. Em reportagem de Iker Seisdedos para o jornal El País (2021, s/p), Haugen

começou a coletar material do Workspace, uma rede social dentro da rede social, acessível para os 60.000 funcionários da empresa. Ela ficou surpresa com a quantidade de informações sensíveis ao alcance de qualquer um deles. Quando ficou claro que não continuaria em seu cargo, deixou uma última mensagem nesse foro: “Não odeio o Facebook, eu o amo e quero salvá-lo”.

³⁹ O documentário "Privacidade Hackeada" (2019) se dedica ao tema em específico Disponível em <<https://www.netflix.com/title/80117542>> . Acesso em 27 jan. 2022.

⁴⁰ Ver "A informante que levou o Facebook a sua pior crise existencial. EL País Set. 2021. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/tecnologia/2021-10-10/a-informante-que-levou-o-facebook-a-sua-pior-crise-existencial.html>>. Acesso em 12 nov. 2021.

O seu depoimento ao Senado norte-americano é bastante incisivo em comunicar que o Facebook é o responsável por propagar o ódio entre as pessoas dentro da rede social, as notícias falsas e causar prejuízos na saúde mental das pessoas. Outro momento importante do seu depoimento é a comparação do Facebook com o acordo que ficou conhecido como "*Big Tobacco Moment*", em que as empresas de tabaco foram obrigadas a financiar tratamentos de saúde relacionados com o uso do tabaco, dado a falta de alerta aos riscos que o uso da substância causa no organismo.

A discussão sobre privacidade e a sua extensão no que tange os dados pessoais retoma à Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948⁴¹. Especificamente no seu artigo 12, a declaração coloca a privacidade como uma proteção aos ataques à honra e à reputação. A partir dela, em 1953 vai existir a Convenção Europeia dos Direitos Humanos⁴² que vai adicionar que, salvo permitido por lei, a autoridade pública não pode ter ingerência sobre a vida privada. Na década de 1970, novas contribuições, como as resoluções das Convenções Europeias de 1973 e 1974, protegeram pessoas físicas diante de bancos eletrônicos de dados, respectivamente públicos e privados. Em 1979, países europeus como França, Alemanha e Dinamarca terão suas legislações próprias sobre o direito à privacidade. Nos anos 1980, vai se pensar em organizar a proteção de forma transfronteiriça, por meio da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (1981). Em 1995, a Diretiva de Proteção de Dados Pessoais⁴³ foi um marco na exigência de proteção de informações pessoais para todas as pessoas jurídicas que operem no espaço econômico europeu.

A diretiva de 1995 atravessou o século XXI como a principal legislação de proteção à privacidade e aos dados pessoais que poderiam transitar em espaço

⁴¹ Ver: Declaração Universal dos Direitos Humanos. Disponível em: < <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em 4 de abril de 2022.

⁴² Ver: Convenção Europeia dos Direitos Humanos. Disponível em: < <https://www.oas.org/es/cidh/expresion/showarticle.asp?artID=536&IID=4>>. Acesso em 4 de abril de 2022.

⁴³ Ver: Diretiva de Proteção de Dados Pessoais. Disponível em: < <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/EN/TXT/HTML/?uri=CELEX:31995L0046>>. Acesso em 4 de abril de 2022.

mundial através de empresas que operassem em espaço europeu. Contudo, orientava-se que cada país criasse sua legislação específica para chegar ao fim da diretiva. Com o objetivo de atualizar a legislação em razão dos avanços tecnológicos ocorridos de 1995 até o presente, com legítimos espaços públicos mundiais criados através da consolidação da internet, somados a escândalos envolvendo a falta de privacidade no espaço cibernético, criou-se em 2018 o Regulamento Geral sobre a Proteção de Dados da União Europeia⁴⁴. Esse regulamento se estende ao espaço econômico europeu e, conseqüentemente, às empresas de diferentes países que operam nesse espaço. O Facebook é um exemplo, uma empresa norte-americana que atua em diversos países da União Europeia.

Como efeito, esse regulamento pressionou os países que, de alguma forma, possuem trocas de informações com empresas que operam no mercado da União Europeia. Uma pressão no sentido de implantar legislação que garanta a proteção de dados pessoais, garantindo o direito à privacidade no espaço jurídico do país. O Brasil foi um deles e, em 2018, foi promulgada a lei nº 13.709, chamada de Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD).

O país já possui a discussão sobre a internet e as formas de regulamentação desde os primeiros anos da década de 2010. Em 2014 foi aprovado o Marco Civil da Internet (lei nº 12.965/2014). A LGPD é uma ampliação dessa discussão, abrange especificamente um tema bastante sensível que é o tratamento dos dados pessoais que transitam por meio da internet. Por tratamento, no artigo X da LGPD se entende:

X - tratamento: toda operação realizada com dados pessoais, como as que se referem a coleta, produção, recepção, classificação, utilização, acesso, reprodução, transmissão, distribuição, processamento, arquivamento, armazenamento, eliminação, avaliação ou controle da informação, modificação, comunicação, transferência, difusão ou extração; (BRASIL, 2018, s/p)

A presença da internet no cotidiano das pessoas já possui bons anos. Contudo, nota-se que juridicamente é um tema bastante novo e carente de ferramentas para se obter justiça. Muitas vezes a internet é associada à "terra sem lei", na expressão

⁴⁴ Ver: Regulação Geral sobre a Proteção de Dados da União Europeia. Disponível em: < <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/HTML/?uri=OJ:L:2016:119:FULL&from=PT>>. Acesso em 4 de abril de 2022.

popular. Aos poucos, as leis são atualizadas e alcançam o espaço cibernético, o que torna possível a responsabilização das pessoas por atos praticados em frente a uma tela. Avanços jurídicos relacionados à proteção da saúde mental das pessoas que estão expostas na internet ainda estão no campo das ideias, apesar de ser um tema que possui ampla discussão através de livros, documentários e notícias da contemporaneidade.

Não só o Facebook ou as redes sociais, mas a internet como um todo carece de pautas sobre ética que sirvam de base para a formulação de boas legislações. Uma das grandes discussões no momento da escrita deste texto são os limites da liberdade de expressão dentro da internet. Atualmente, qualquer pessoa consegue publicar das mais diferentes formas (escrita, áudio, imagens, vídeos) informações falsas e discursos de ódio. Consegue cometer crimes virtuais tão (ou mais) desprezíveis quanto os não virtuais. Esse estímulo à violência tem na falta da regulação da internet um ambiente fértil para pessoas mal-intencionadas.

É importante que denúncias como a da Frances Haugen tomem proporção mundial e que sejam feitas em instituições responsáveis por zelar pela sociedade como o Senado norte-americano. Também é muito representativo que essa denúncia verse sobre um dos sites mais acessados do mundo em todos os tempos. Com certeza isso vai priorizar as discussões mundiais sobre o tema e encurtar ações que tornem a internet um local mais saudável para estar.

O Facebook criou um mundo incompleto, e essa incompletude gera conflitos que afetam outros mundos: o da vida real. A última mensagem escrita por Haugen no Facebook Workspace⁴⁵ - "Não odeio o Facebook, eu amo e quero salvá-lo" - é de uma habitante que reconhece os benefícios que a rede social trouxe para sociedade, mas entende que, há algum tempo, o número de malefícios cresce sem que alguma providência seja tomada.

⁴⁵ O Facebook Workspace é um recurso voltado para empresas, onde é possível criar um Facebook privado, apenas com pessoas selecionadas. Denominado como "espaço de trabalho", o objetivo é que empresas tenham um espaço com mecânica de utilização exatamente igual ao do Facebook (com publicações, reações, comentários, feed de informações) mas - por ser um grupo selecionado (geralmente pessoas que trabalham na mesma empresa) - garantindo que os assuntos do espaço se voltem em torno de uma empresa do local de trabalho ou algum outro tipo de agrupamento através da mediação do espaço. Muitas empresas utilizam o Facebook Workspace como um canal mais "social" entre os empregados, dada a facilidade de utilização ser exatamente igual à do Facebook.

Esse mundo criado é fruto e símbolo da web 2.0. Ele virtualizou as relações entre as pessoas, agrupou-as por interesses comuns de trabalho, entretenimento, religião, entre outros; criou formas de se mitificar pessoas e coisas através das páginas com seguidores; adicionou recursos de compras e vendas, atuando no desenvolvimento do comércio eletrônico; encorajou as conexões entre usuários baseando-se na posição geográfica e transformou o perfil pessoal em um cartão de visitas para apresentações, currículos e acesso a sites que precisam de uma identificação através da ferramenta do Connect. Além disso, criou conceitos de consumo de informações na internet através do *feed* de notícias e de um botão virtual para o usuário expressar a sua reação com relação ao que consumiu nesse mundo.

Ao historiador cabe reconhecer e registrar a sua importância na trajetória da humanidade. Por estar disponível através de um navegador e ter a possibilidade de acesso através de um simples cadastro, o Facebook possui em si uma variedade de dados que podem se transformar em fontes aos olhos do historiador. Aqui nesta dissertação - como já fora anunciado - vamos nos dedicar ao recurso dos grupos dos usuários - especificamente ao grupo Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande que, em linhas gerais, produz através das suas publicações uma narrativa coletiva sobre a história da cidade do Rio Grande - RS.

2.3 O grupo Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande

O recurso dos grupos dentro do Facebook é um dos mais populares entre os usuários. Na concepção da rede social, existe uma percepção dos grupos enquanto ferramentas de negócios, como espaços para centralizar e potencializar conversas entre marcas e clientes. No entanto, os usuários da rede social deram usos diferenciados para esta ferramenta.

Entre as características de um grupo estão a de reunir membros com interesses similares dentro de um espaço na rede social e potencializar o conhecimento sobre algum tema entre os partícipes. Essa centralidade fomenta a produtividade de informações, a transparência delas e potencializa o seu compartilhamento. É por esses aspectos que a existência de grupos que tangenciam temas relacionados à memória e à história de alguma cidade são tão exitosos.

A partir de um espaço específico para compartilhar e consumir conteúdos relacionados a um determinado tema, os grupos possuem, geralmente, uma grande quantidade de postagens dos usuários que acabam por ser tópicos sobre um determinado assunto. Essa postagem pode conter todos os recursos que atualmente o Facebook disponibiliza para alguém se expressar: entradas com texto, emojis, imagens e vídeos. Acabam sendo boas ferramentas para que alguém inicie um tópico que convide as pessoas a rememorar fatos, situações, emoções ou qualquer outro tipo de lembrança nos grupos de conteúdo histórico.

No momento da escrita deste texto⁴⁶, o acesso à página do grupo Fatos e Coisas de Antanho registra 41.200 usuários participantes. Esse número vai ao encontro de grupos similares como o "Olhares sobre Pelotas"⁴⁷, com 34 mil usuários e o grupo "História de Guaíba"⁴⁸, com 32.300 usuários. Todas recebem diariamente novas publicações e uma grande quantidade de interações, que acabam por movimentar a curiosidade e o conhecimento de um número grande de pessoas sobre a história e a memória dessas localidades.

Ronaldo Morgado Segundo, criador e administrador da página Fatos e Coisas de Antanho, aceitou participar de uma entrevista para esta dissertação, transcrita no Apêndice A. Ele conta que o grupo surgiu por acaso, no ano de 2014, após um mal-entendido relacionado a uma postagem dele na própria rede social:

A página, na realidade, surgiu a partir de uma brincadeira, a partir de uma sacanagem. Porque em um outro grupo daqui de Rio Grande, eu fiz um comentário em que eu fazia uma comparação com uma coisa que aconteceu em Porto Alegre no século XIX. Depois passei o que aconteceu em Porto Alegre para a cidade de Rio Grande atual. Só que o moderador do grupo leu só a primeira parte, viu que era Porto Alegre, retirou o comentário. Reclamei: "Oh cara, porque que tu tiraste o comentário? Afinal de contas, meu comentário tinha a ver com a cidade." E aí o cara resolveu ler, viu que tinha relação, e aí a postagem foi feita. A partir daí começaram a surgir outras pessoas comentando "Ah, porque você não faz uma página só com as lendas de Rio Grande, lendas urbanas de Rio Grande". Eu disse: "bah, que legal. Vamos fazer uma página". Acabei pegando o nome da coluna do jornal Rio Grande, que era uma coluna que eu gostava muito de ler, que era o "Fatos e Coisas de Antanho". E aí o grupo começou com as lendas urbanas.

⁴⁶ Esse trecho foi escrito em 20 de novembro de 2021.

⁴⁷ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/178846336535923>>

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/141716009496748>>

Mas depois eu peguei e disse: "tchê, as lendas urbanas não. Vamos fazer um grupo de história". Isso na minha cabeça, né? Não comentei com os outros que queriam as lendas urbanas. Estava dentro da minha cabeça. Me cerquei de historiadores de Rio Grande, que já faziam parte dos meus amigos no Facebook. Comecei a convidar eles para o grupo e comecei a fazer as pesquisas. Claro que, primeiro, foi o Google. Do Google, passou para livros. De livros, junto com comentários das pessoas que me cercavam ali. E assim o grupo foi evoluindo. (Segundo, 2021) [Trecho foi adequado à escrita acadêmica]

O administrador atribui o sucesso do grupo à existência das regras:

(...) o grupo decolou rápido, principalmente por causa das regras. Ali é proibido falar de política, é proibido agredir as pessoas. Tem uma série de proibições. Tem mais proibições do que concessões. Isso aí fez um diferencial. O pessoal que já tá cansado, de saco cheio de estar entrando em grupos que o pessoal se pega a pau e fala mal um do outro. Ali eles encontraram um grupo que eles podiam passar o seu conhecimento e opinião sem que fossem agredidos. E aí o grupo começou a decolar. (Segundo, 2021) [Trecho foi adequado à escrita acadêmica]

As regras são apresentadas a todos os usuários que entram no grupo e o administrador é bastante empenhado em manter o que elas propõem através da moderação. As regras estão em um espaço que os administradores do grupo utilizam para dar maior visibilidade e facilitar o acesso a publicações específicas chamadas de "publicações em destaque".

O grupo FCARG possui seis regras. Elas procuram colocar o grupo como um espaço de respeito entre os usuários, incentivar a publicação de postagens e proibir manifestações políticas, religiosas e o compartilhamento das discussões em ambientes fora do grupo. Estão escritas da seguinte forma:

1. Seja simpático(a) e gentil: Precisamos nos unir para criar um ambiente acolhedor. Vamos tratar todos com respeito. Discussões saudáveis são naturais, mas seja gentil e educado(a).
2. O grupo não tem cunho político: Não são permitidas discussões políticas no grupo, tampouco comparações entre administrações passadas e atuais.
3. Nenhuma promoção, *lives* ou spam: Proporcione às outras pessoas deste grupo mais do que você obtém dele. Autopromoção, spam e links irrelevantes não são permitidos, assim como *lives* de qualquer natureza.

4. O grupo não tem cunho religioso: Fotos de igrejas, templos, casas espíritas e casas espiritualistas, serão permitidas, desde que tenham o objetivo de mostrar a história do desenvolvimento espiritual da cidade.
5. Sua participação é fundamental: Todos os participantes do grupo podem postar fotos e contarem a sua história vivida no Rio Grande de outrora!
6. Respeite a privacidade de todos: A participação no grupo requer confiança mútua. É ótimo ter discussões autênticas e expressivas no grupo, mas elas podem ser sensíveis e privadas. O que é compartilhado no grupo deve permanecer nele.

A sexta regra versa sobre o entendimento de privacidade que os administradores entendem ser praticada pelos partícipes do grupo. Concordamos sobre a importância da preservação dos dados pessoais. Não apenas pela questão ética que envolve a manipulação sem autorização dessas informações, mas também pela sensibilidade de alguns assuntos que muitas vezes adentram situações da vida privada dos usuários, que atrás dos seus *smartphones* ou computadores são pessoas da própria comunidade rio-grandina. Entretanto, discordamos do sentido elitista que essa regra dá ao orientar que a construção coletiva que ocorre nesse ambiente público fique disponibilizada apenas como leitura no próprio grupo.

Essa dissertação se debruça sobre a valorização das iniciativas de História Pública digital, em que este grupo acabou se tornando ao proporcionar a troca de conhecimento sobre diversos assuntos relacionados à história da cidade do Rio Grande. A grande maioria dos assuntos, inclusive, pouco ou nunca foram trabalhados pela academia. Dessa forma, entendemos a urgência da Ciência Histórica em se apropriar dos espaços digitais tanto como fonte quanto para divulgação.

Cabe também pensar sobre onde e como essas informações estão preservadas. O Facebook é um site que faz parte de um grupo privado. Sendo assim, todos esses dados estão nos servidores da empresa Facebook. Entendemos a importância do uso e divulgação das informações produzidas através dos mais diferentes meios, de forma a não se perderem essas memórias e histórias. Se algum dia o Facebook decidir acabar com o recurso dos grupos ou o Facebook terminar, todos os dados sairão do ar assim como algumas vezes ocorreu quando o site teve

problemas e os usuários não tiveram acesso, causando diversos problemas na sociedade contemporânea que está imersa na cultura da internet⁴⁹.

As postagens compartilhadas no Fatos e Coisas de Antanho possuem como regra geral ter relação com a cidade do Rio Grande. Não são restritas às datas dos temas abordados nas postagens, apesar de predominantemente tenderem ao passado citadino. Os conteúdos das postagens são bastante diversos. Nas regras, assuntos de cunho político, assim como promoções de eventos e *lives* são vetados. Os moderadores são bastante ativos para manter o grupo de acordo com o que as regras se propõem:

(...) então, a partir das estatísticas do grupo, tu podes ver que o grupo não para um minuto sequer. É o tempo inteiro ali no pau. E como tem todas essas regras, a gente tem que tá o tempo inteiro no pau. Porque se tu deres uma cochilada, vacilada, deu. Já aparece um vídeo, já aparece uma publicação de alguma coisa política (...) tu tens que tá o tempo inteiro ligado porque senão tu perdes a linha. Isso aí é uma coisa assim, que eu notei, nos outros grupos de história daqui de Rio Grande. Grupos não, *fan pages*. Tem um grupo aqui de Rio Grande, inclusive era um grupo que eu observava muito, que, eu acho, os administradores devem ter largado. Cara, é propaganda o tempo inteiro. Então, isso aí até enche o saco das pessoas que fazem parte do grupo. E também é mais um dos diferenciais do Fatos e Coisas: não ter propaganda. (Segundo, 2021) [Trecho foi adequado à escrita acadêmica]

A grande maioria das postagens do grupo são de tópicos relacionados à rememoração de eventos e períodos ocorridos no passado. Através dos textos os usuários escrevem suas memórias ou questionam sobre fatos do passado, gerando tópicos de discussões:

⁴⁹ Indisponibilidades de serviços da internet são comuns. Diversas empresas utilizam as redes sociais para vendas de seus produtos. Uma recente indisponibilidade ocorrida no dia 6 de outubro de 2021 registrou prejuízos de mais de 70% do faturamento diário de algumas empresas. Para mais informações ver <https://oglobo.globo.com/economia/negocios/apos-apagao-do-facebook-anunciantes-calculam-prejuizos-25225970>.

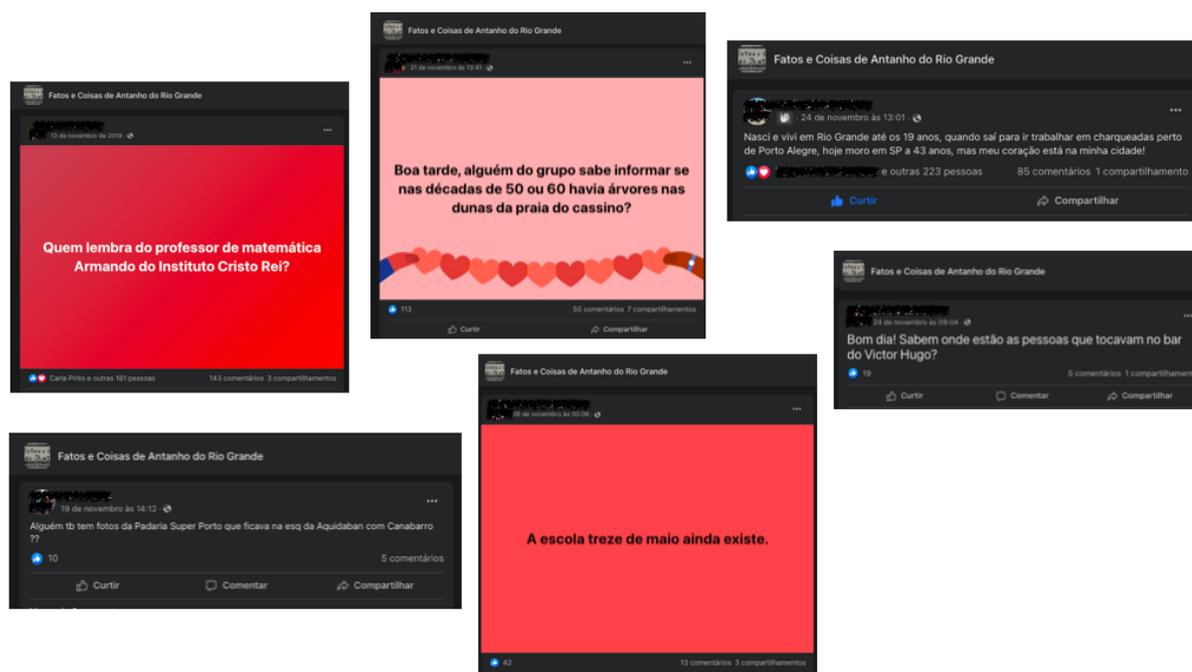


Figura 3: A diversidade dos assuntos do grupo Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande.

Junto aos textos, as postagens com fotografias são os grandes - talvez os principais - gatilhos de memórias dentro do grupo. As imagens também possuem uma variedade de formatos, sendo em sua maioria a digitalização de fotografias que nasceram analógicas. O que é bastante esperado, dado o teor histórico do grupo.

O aumento do acesso à tecnologia por grande parte da população brasileira tornou uma operação simples a digitalização de fotografias analógicas através do processo que podemos chamar de "fotografia da fotografia", onde a imagem física é fotografada através de um *smartphone*, tornando-se um arquivo digital. Este mesmo aparelho será utilizado, depois, para o compartilhamento dele no grupo Fatos e Coisas de Antanho. Essa prática também é utilizada para digitalização de documentos como certidões, jornais, folders, entre outros, que são compartilhados dentro do grupo.

A experiência através do digital difere da experiência física. O processo de produção de uma imagem analógica remete a uma cultura de congelar um tempo espaço, a expectativa de que o resultado desse registro apresente todos os aspectos pensados no momento antes da abertura do obturador e a materialização a partir do papel fotográfico. Essa experiência é apreciada a cada momento que o resultado - a fotografia analógica - chega nas mãos do observador. Existe uma atenção nos detalhes daquele objeto de papel, no que ele diz e também no que ele não diz.

Quanto ao digital, no que toca à experiência de apreciação do que foi congelado, muitas vezes ocorre o que pode ser entendido como o resultado das possibilidades que esse formato oferece. Diferente da fotografia analógica, a digital não tem a preocupação de gastar recursos durante a construção da fotografia. Sendo possível visualizar o resultado de forma imediata e sem custo ao fotógrafo, ela pode ser descartada e logo em seguida fazer uma próxima tentativa. Sem a noção de "gastar filme", é comum que imagens digitais possuam menos conteúdo e significado aos envolvidos, o que faz com que toda a experiência de revisitar a imagem que foi produzida através do processamento de *bytes* de informação também se torne menos significativa para o espectador.

A fotografia analógica que foi digitalizada parece possuir os atributos positivos das duas: produzem uma ampla gama de significados aos visualizadores e sua recepção aos mais variados públicos é potencializada por estar em formato digital. E o grupo Fatos e Coisas de Antanho acaba se beneficiando disso, no sentido de que está em uma plataforma bastante popular, que facilita o compartilhamento de imagens digitais e na qual imagens analógicas podem ser digitalizadas para o livre compartilhamento.

Sendo as fotografias analógicas predominantes nas postagens no grupo, é preciso pensar, também, sobre quem as detém. Somente a partir do último quarto do século XX que o acesso aos aparelhos de produção fotográfica alcançou os públicos mais populares – primeiro, a fotografia analógica; e depois, na primeira década do século XXI, a digital. Durante a maior parte do século XX, a fotografia foi um objeto ímpar, utilizado como presente, digno de preservação e dedicação por parte do portador. Isso ajuda a pensar o público que compartilha imagens próprias com o objetivo de contar algo sobre Rio Grande no grupo Fatos e Coisas de Antanho.

Fotografias de bailes, escolas, lugares e atividades a que uma elite econômica⁵⁰ teve acesso são destaque quando comparadas ao número de postagens

⁵⁰ Para um maior entendimento dos hábitos dessa elite econômica, ver PELISSARI, 2012. **A “mais fina sociedade riograndina” e suas representações: a vida social da elite de Rio Grande - RS (1950 a 1960)**. Porto Alegre, 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

de bailes, escolas, lugares e atividades da população que não fez parte do grupo supracitado. No entanto, não é possível afirmar que os assuntos são pautados por um grupo específico. E mais, dada a grande quantidade de participantes, as postagens se tornam apenas um gatilho para discussões em que muitas vezes se sobressaem assuntos reveladores de apenas uma forma específica de contar a história do Rio Grande.

Essa democratização dos acervos (MAYNARD, 2016, p. 111) dá mais possibilidade para que o contraditório se manifeste e coloque outros elementos em alguns assuntos. No grupo Fatos e Coisas de Antanho não há apenas postagens com memórias saudosistas. A partir da interação plural, algumas mazelas da sociedade rio-grandina também são rememoradas.

A título de exemplo, utilizamos uma publicação bastante popular, com mais de 734 reações e 193 comentários até o momento da escrita deste. A publicação versa sobre uma loja de sapatos marcada de forma positiva à memória da cidade de Rio Grande segundo o usuário que fez a postagem. Entretanto, uma usuária compartilhou uma experiência de racismo na loja e, conseqüentemente, alterou uma possível trajetória de sucesso que a escrita de uma história sobre os comércios na cidade poderia ter.

Em outra publicação, que pretende a exaltação de um dos cafés mais presentes na memória coletiva, uma usuária lembra do machismo enraizado nesses lugares, que através deste veículo multi colaborativo acaba aparecendo e revelando um aspecto da sociedade rio-grandina muito pouco discutido e divulgado.



Figura 4: A diversidade de abordagens sobre os temas no grupo Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande.

As dinâmicas proporcionadas através da internet e, especificamente, das redes sociais, são revolucionárias também na forma como o conteúdo histórico é produzido e consumido. O conhecimento dado através de tópicos aleatórios, com temas livres e discussões variadas não parece ser um desafio para os usuários que procuram conhecimento histórico.

Por outro lado, o algoritmo do Facebook, e das redes sociais em geral, possui o funcionamento baseado no princípio de deixar os usuários o máximo de tempo dentro dele. Com isso, os comentários das postagens costumam ser omitidos e quando mostrados, aparecer apenas o que a rede social chama de “mais relevantes” (com relação ao número de reações ou respostas a ele). Isso pode ser ruim para o debate pois as pessoas no uso do Facebook pouco leem os comentários e quando leem, a probabilidade de ler apenas os mais relevantes é maior, empobrecendo, de alguma forma, o compartilhamento do conhecimento falado no parágrafo anterior.

Na próxima imagem uma demonstração sobre os “Comentários mais relevantes”. A imagem é da mesma postagem anterior em que mostramos a denúncia de racismo no estabelecimento. Nota-se 3 comentários privilegiados pelo algoritmo que versam por assuntos muito distantes da experiência de racismo. A forma como o algoritmo decide qual comentário será mais relevante ainda é obscura. O comentário da denúncia do racismo possui igual (e atualmente maior) quantidade de reações que os comentários selecionados como “relevantes”. No entanto, para localizá-lo, se faz necessário cliques a mais, que na maioria das vezes os visualizadores não darão. Ficando apenas com as informações dos comentários selecionados como “mais relevantes”.

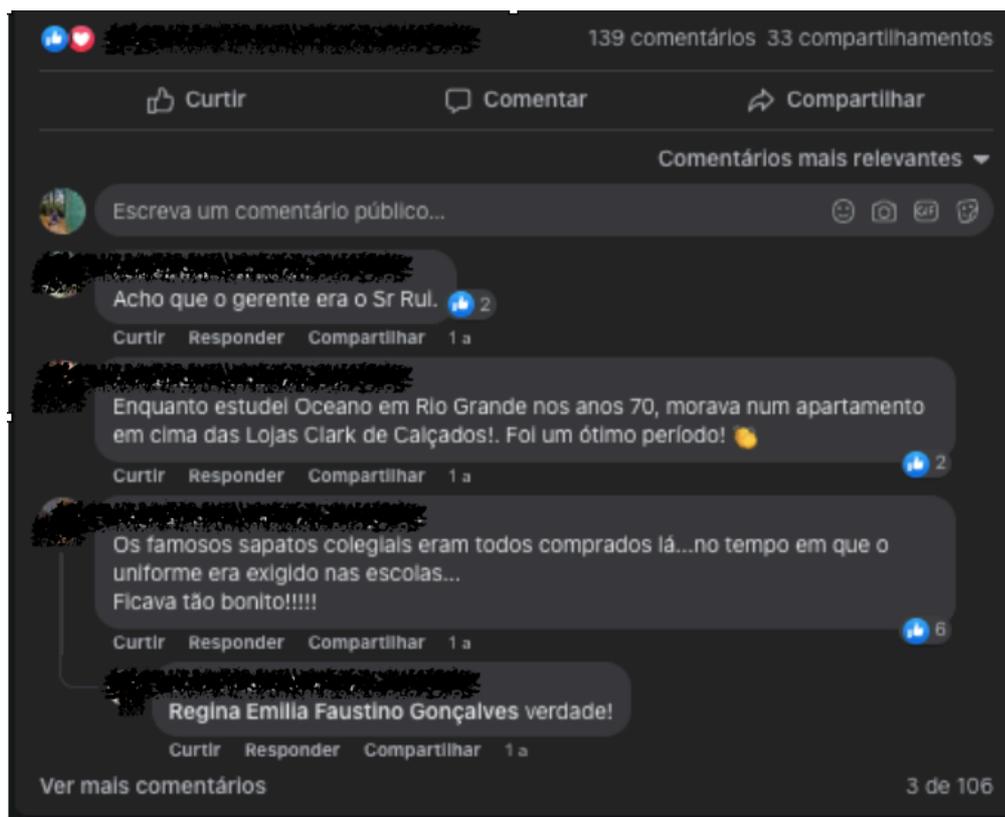


Figura 5 - Imagem da figura anterior que demonstra o formato dos comentários mais relevantes

No grupo Fatos e Coisas de Antanho, apesar de incentivar que todos os usuários expressem seu conhecimento, existem regras que incluem a proibição de alguns assuntos. A expressão política - um tema fundamental para compreensão de qualquer sociedade em qualquer tempo -, por exemplo, é vetada. É limitador que as trocas de informações sobre qualquer aspecto social não considerem a situação política do período.

O período da ditadura militar brasileira (1964 - 1985) foi um processo histórico vivido por grande parte dos usuários que atualmente são partícipes da construção coletiva no grupo Fatos e Coisas de Antanho. No entanto, uma busca simples pelo termo "ditadura"⁵¹ nas publicações traz pouco mais de 60 ocorrências (curiosamente 64 ocorrências no dia verificado, o mesmo ano do golpe militar).

⁵¹Disponível

em: <https://www.facebook.com/groups/1509648409266249/search/?q=%22ditadura%22>. Acesso em 22 nov. 2021.

Além de ser um número quase inexpressivo, o termo aparece em meio a informações sobre símbolos e atos do período militar e nas poucas críticas que não foram apagadas. Também há comentários sobreviventes que utilizam expressões como "revolução de 64", distanciando-o da característica opressiva e violenta dessas duas décadas ditatoriais. Passam um sentido final de que não houve ditadura militar no Rio Grande ou que ela foi branda, o que não é verdade dado significativos estudos da ação desse período sobre a cidade⁵² que mostram a preocupação da ditadura com uma cidade portuária, a opressão de setores militares que atuavam nela e a organização das classes trabalhadoras para o enfrentamento da situação.

Outro caso é o do rio-grandino Golbery do Couto e Silva. Há poucas menções a ele no grupo e elas se distribuem entre a memória de um destacado militar que ocupou cargos de relevância durante o período militar e a memória de um benfeitor da cidade, elencando a participação dele em obras como a criação da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) e a transposição do canal São Gonçalo, de Pelotas, para Rio Grande, resolvendo o problema de abastecimento de água potável que a cidade possuía.

Uma leitura desavisada do conteúdo do grupo, somada com a falta de conhecimento sobre esse personagem histórico, consegue passar um enquadramento heroico para aquele que ficou conhecido como o principal ideólogo da ditadura militar e primeiro chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI): órgão criado em 1964, logo após o golpe, responsável por vigiar e investigar pessoas que se opunham, de alguma forma, à ditadura, transformando seus resultados em processos de cassações de mandatos ou suspensão de direitos políticos, que tiveram como efeito a tortura e o exílio de milhares de pessoas.

Um terceiro caso ficou conhecido como o da "Havan em Rio Grande". Em 29 de julho de 2020 foi inaugurada uma loja da rede Havan na cidade do Rio Grande. O proprietário dessa rede de lojas, Luciano Hang, é um conhecido empresário brasileiro. Ele se tornou uma figura pública pois é um grande marqueteiro do seu

⁵² Ver FRIDERICHES (2013): **Saindo dos trilhos: os ferroviários riograndinos durante a ditadura civil-militar (1960-1970)**. Ver CASTRO (2016): **Na esteira da memória: a questão social e a mobilização dos marinheiros, atuação e repressão na cidade de Rio Grande-RS (1962-1964)**.

empreendimento, marcada pela agilidade com que novas filiais são construídas e pela sua espontaneidade em dar entrevistas criticando os órgãos públicos e a burocracia exigida por eles para viabilizar as construções de estabelecimentos como o seu. Em 2018 declarou seu apoio ao então candidato à presidência da república Jair Bolsonaro.

No mesmo ano, o empresário comprou um terreno para construção de uma loja em Rio Grande. Em 2019, em meio ao processo de licenciamentos do espaço, foram encontrados vestígios arqueológicos que, fazendo cumprir o contrato de licenciamento ambiental no tocante do Instituto Nacional de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), encarregou o empresário de isolar o perímetro de localização dos vestígios para que fossem feitas mais pesquisas e montagem de um projeto de intervenção, não prejudicando o restante do terreno.

Esse embargo foi utilizado como um grande motor político pelo empresário. Apelando às redes sociais, ele fez uma transmissão ao vivo nas suas redes inaugurando um *outdoor* chamado "atrasômetro", no terreno na cidade do Rio Grande. No vídeo, críticas à burocracia e utilização do desemprego como forma de atingir as pessoas, vinculando as demoras para conseguir suas licenças à falta de emprego para a população. Em maio de 2020 o presidente eleito Jair Bolsonaro alterou a administração do IPHAN através de ato administrativo e dois meses depois, no final de julho de 2020, a Havan foi inaugurada na cidade.

No entanto, o que torna esse caso presente nesta dissertação foi a repercussão de uma notícia publicada no dia 15 de dezembro de 2021, em que, em um vídeo do mesmo dia, Bolsonaro afirma que mandou "ripar" os responsáveis pelo IPHAN que haviam interditado a obra da Havan em Rio Grande. Ele fala:

Há pouco tempo, tomei conhecimento que uma obra, uma pessoa conhecida, o Luciano Hang, estava fazendo mais uma loja e apareceu um pedaço de azulejo durante as escavações. Chegou o Iphan e interditou a obra. Liguei para o ministro da pasta: "Que trem é esse?", porque eu não sou tão inteligente como meus ministros. "O que é Iphan?", com ph. Explicaram para mim, tomei conhecimento, ripei todo mundo do Iphan. Botei outro cara lá. O Iphan não dá mais dor de cabeça pra gente. (Bolsonaro, 2021)⁵³

- ⁵³ Ver: "**Bolsonaro diz que "riçou" Iphan após interdição de obra da Havan de Hang**". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=URTncpVqTWc>>. Acesso em 15 jan. 2021.

A notícia foi publicada no grupo Fatos e Coisas de Antanho no dia 17 de dezembro de 2021 e gerou um grande engajamento entre os comentários. No entanto, a pauta notada ficou na dualidade entre apoio e oposição ao governo Bolsonaro. Pouco se falou na preservação e pesquisa arqueológica e quando se falou foi como desestimuladora de um "progresso" cidadão. A publicação foi apagada algumas horas depois pela moderação e, até onde se acompanhou, nenhum comentário versou sobre o ato administrativo público que serviu para o benefício de alianças particulares.

Esse modus operandi é alvo de críticas e questionamento. Muitas vezes os usuários questionam a eliminação de determinadas postagens ou comentários. Certa feita, o administrador da página publicou sobre um dos ocorridos:

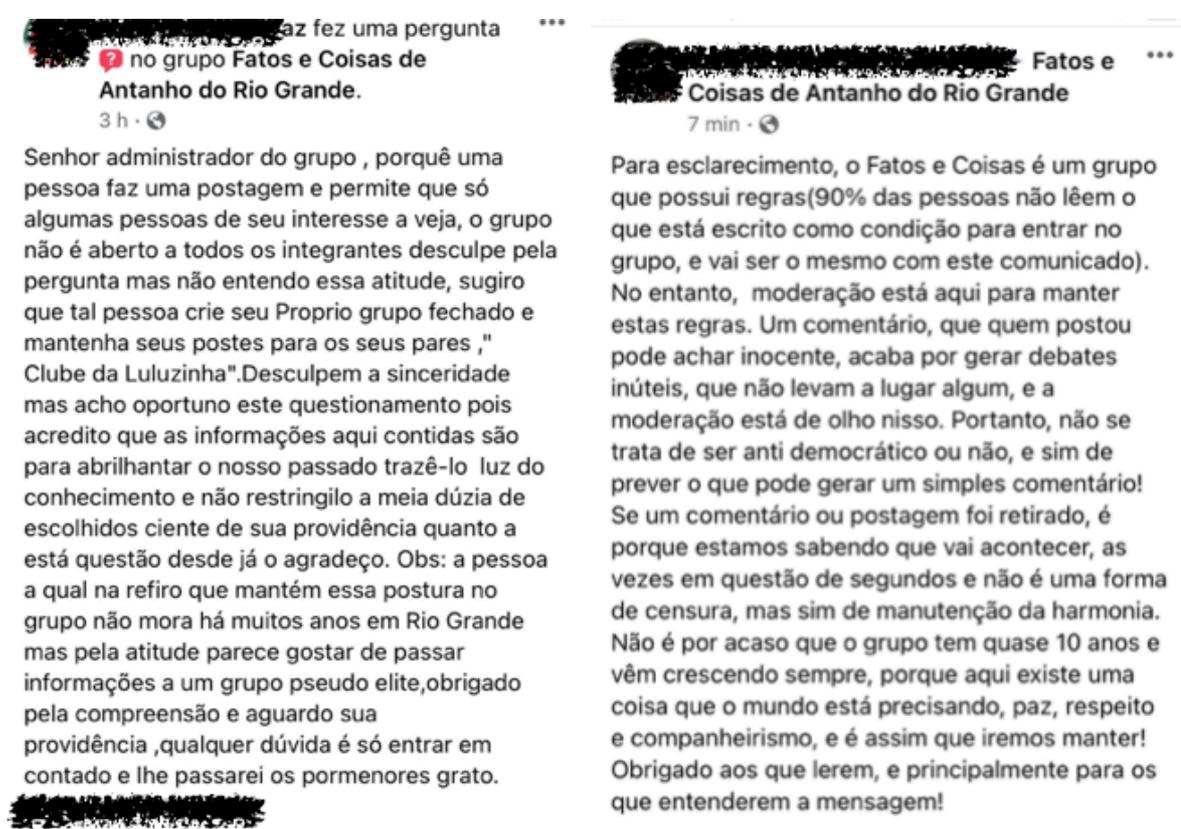


Figura 6 - Debate entre o usuário e administração do grupo com relação à liberdade de publicação

Esses silenciamentos de períodos, personagens e atos políticos mostram o quanto um espaço com recursos para proporcionar uma produção e compartilhamento livres e autênticos de informações pode ser limitador do acesso ao conhecimento através da manipulação humana. Existem também processos automatizados que a própria plataforma Facebook possui para o controle do conteúdo publicado -

geralmente filtros por palavras e imagens que podem fazer referência a crimes. Com isso, é possível perceber as amarras em que estão as informações contidas neste espaço, seus limites.

É a partir dessas características do grupo - que é ao mesmo tempo um espaço que se coloca público na internet, disponível para acesso de todos os usuários, aberto para publicações e comentários, e, no entanto, bastante controlado, com proibições de assuntos específicos e omissão de certos temas em nome de um conhecimento histórico “neutro”, objetivo, dialogando com uma forma positivista da História - que se convida o leitor para refletir sobre a necessidade da atuação historiográfica nesses espaços.

Nessa dissertação foi necessário escolher um dentre os muitos caminhos para atuação historiográfica no espaço digital. No capítulo seguinte o trabalho se dará diretamente com as publicações. Tentando pensar o seu formato e formas de capturar as informações que elas nos dão e, então, aproveitar como pode ser construído o conhecimento histórico dessa modalidade de fonte que surge entre o universo da internet e as redes sociais.

CAPÍTULO 3

Estudo de Caso: "O Carnaval da Colombo"

Antes mesmo de ser definido um capítulo inteiro sobre a metodologia entendia-se a importância da prática no fazer historiográfico digital. Inicialmente foi pensada a seleção de alguns temas a fim de se ter um recorte dentro do vasto leque que o grupo Fatos e Coisas de Antanho oferece, a fim de explorar ferramentas e possibilidades de análises a partir das postagens.

No entanto, tornou-se necessário um novo recorte, que definiu um assunto específico para este trabalho - "O Carnaval da Colombo" -, não descartando a possibilidade de aplicação dos demais assuntos com a mesma metodologia deste ou outras que forem desenvolvidas ao longo do tempo. Optou-se pelo "Carnaval da Colombo" por ser uma prática não mais existente, mas que se faz presente através do compartilhamento das memórias de forma digital.

Ademais, constatou-se que, dentre os temas selecionados, em um primeiro momento (a cultura futebolística e a importância portuária), o Carnaval da Colombo carece de atenção por parte da historiografia da cidade do Rio Grande, se comparado com a produção sobre os temas do futebol e do porto, por exemplo. Por fim, a opção por esse tema tem uma pretensão de fazer jus a uma das grandes virtudes da História Pública que é o de aumentar conhecimento sobre processos históricos mais populares, que muitas vezes possuem registros apenas nas memórias de quem os viveu.

3.1 Carnaval da Colombo

O carnaval é uma festividade europeia, especificamente católica. A prática dele se estende por todas as regiões em que a Igreja Católica se difundiu e possui diversas manifestações através de festas, banquetes e brincadeiras. No Brasil, a sua introdução é datada do período colonial.

A prática dele no Brasil, de início, foi exclusivamente realizada por famílias ricas da sociedade através do entrudo. O entrudo é uma forma de brincar o carnaval, em que as pessoas se encontram nas ruas para atirar água, farinha e ovos umas nas

outras. Também acabou se tornando bastante característico dessa prática se jogarem bolas de cera cheias de água, chamados também de limões de cheiro. A população pobre e as pessoas escravizadas do período não participavam ou ficavam a serviço dessa elite, buscando água, farinha e ovos para eles brincarem o carnaval através do entrudo.

O desenvolvimento da prática do carnaval passará por ressignificações até o formato como conhecemos no presente: organização em blocos, musicado predominantemente pelo samba e símbolo nacional brasileiro. Etapa que transcorre ao longo do século XIX e início do XX e vai tomando este formato ao dialogar com os acontecimentos políticos e culturais das suas diversas fases.

O "Carnaval da Colombo" é a síntese de uma prática que se tornou muito popular durante o século XX na cidade do Rio Grande e é geradora de muitas memórias através dos comentários nas postagens do grupo FCARG. A partir de procedimentos de captura e processamento das informações, carregamos a pretensão de extrair o máximo de informações das interações contidas sobre esta festividade prática. A fim de fazer a análise, serão verificados os conteúdos dos comentários das postagens, gerando uma base de dados a ser processada e explorada.

A origem do carnaval na rua Cristóvão Colombo, com data e ano definidos, não é sabida ao certo. Beatriz Loner (1999, p.122) vai nos indicar que em Rio Grande e Pelotas já existiam carnavais de rua desde os tempos do Império. Isso nos leva à conclusão de que o carnaval de rua em Rio Grande é anterior ao carnaval da Colombo. Outro ponto relevante da leitura de Loner é o conhecimento de blocos carnavalescos rio-grandinos do final do século XIX que não estão presentes no grupo Fatos e Coisas de Antanho.

Em Rio Grande, o importante Clube Congo participou do esforço abolicionista e continuou como ponto de agregação da etnia, após o fim da escravidão, indo sua representação bem além das festas carnavalescas, como comprovou a organização de uma homenagem aos líderes da Revolução Federalista, quando da pacificação do Estado em 1895 (CM 18/09/1895). Outro clube de negros existente em Rio Grande na época da abolição foi o Congresso Mina (Rio Grandense, 16/12/1888). Além destes existiu o Clube Mina, com a participação de negros, mas talvez não de forma exclusiva (ES 02/02/1886)" (LONER, 1999, p.124)

Nas décadas de 20 e 30, surgiram vários grupos carnavalescos negros, vinculados a clubes recreativos consolidados e com característica de serem formados, em sua maioria, por mulheres. Até então, aparentemente os clubes carnavalescos de mulheres eram restritos àquelas fora dos padrões morais da sociedade. Encontraram-se dois blocos de mulheres em Rio Grande na década de 90 que participavam de desfiles na rua. O Clube das positivistas e o Clube das Jardineiras. Apresentavam-se na rua, com "custosas fantasias" ou "sedutoramente trajadas", segundo O Bisturi (13/03/1892)" (p.126)

Informações muito importantes sobre instituições abolicionistas e feministas na cidade de Rio Grande do início do século XX e que - até o momento da escrita desta - carecem de presença no espaço público multi colaborativo que é o grupo.

A partir da percepção da presença de blocos carnavalescos rio-grandinos do início do século XX, politicamente engajados em lutas sociais, somada à não menção dos mesmos nas presentes postagens do grupo Fatos e Coisas de Antanho, dois pontos merecem a reflexão:

- Primeiro, o enorme déficit para o conhecimento do público sobre essas importantes instituições carnavalescas por omissão que pode ser voluntária ou involuntária;
- Segundo, é pensar sobre o cuidado que se deve ter ao se trabalhar com informações da internet. As informações acima sobre os blocos do início do século foram pesquisadas em jornais. Logo, como em toda e qualquer pesquisa, não se deve ignorar formatos de fontes pois não há uma que contenha toda história em si mesma. Por outro lado, a possibilidade de fazer uma postagem sobre essa informação potencializará o conhecimento dela de forma a chegar a um maior número de pessoas do que as que já leram o jornal pesquisado e o texto do doutorado acadêmico.

Retomando sobre o Carnaval de Colombo, através de uma reconstituição histórica sobre o local em que ocorreu o evento, é possível pensar de forma aproximada o período que se deu esse início. A cidade do Rio Grande possui uma

característica histórica de ter tido momentos de grandes booms econômicos⁵⁴, momentos de grandes empreendimentos industriais, grande movimentação de dinheiro circulando e, conseqüentemente, migrações de diferentes lugares do Brasil e do mundo.

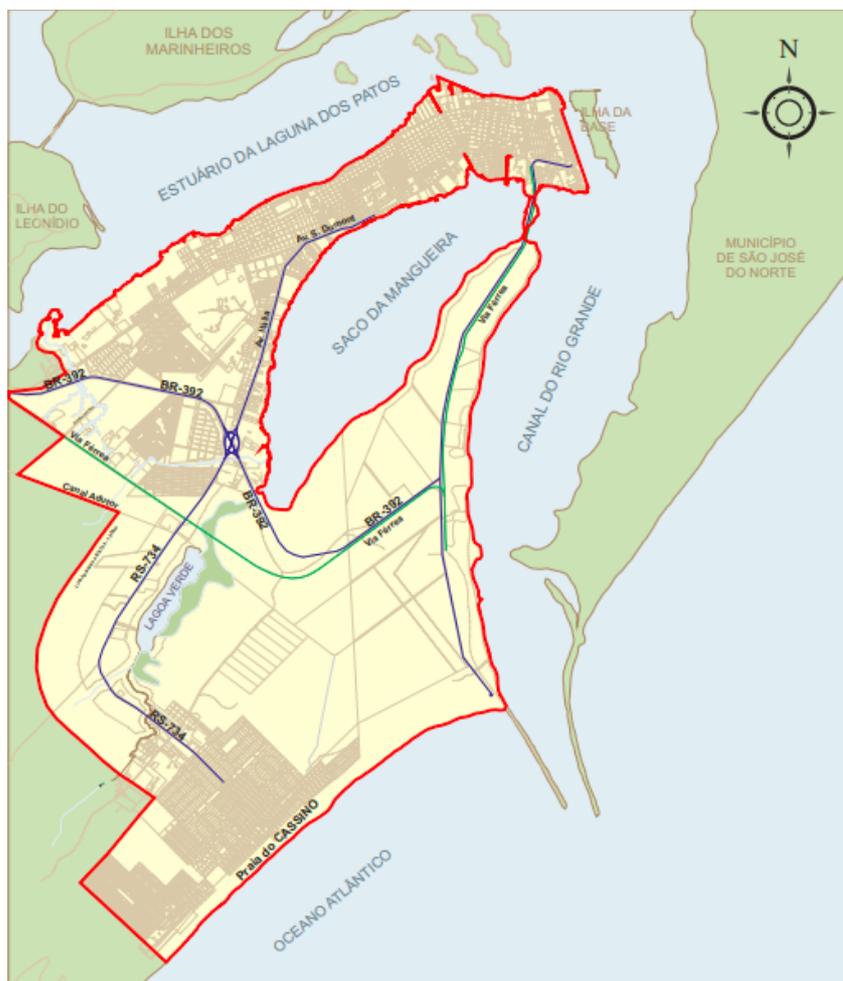


Figura 7: Perímetro urbano da cidade de Rio Grande - 2014

O período do início do século XX é um dos mais marcantes para a história da cidade quando se versa sobre as grandes migrações. A indústria têxtil foi símbolo da economia citadina na época, marcada por várias empresas desse segmento e pela

⁵⁴ Ver TORRES, 2013. **A herança histórica de Rio Grande | GZH**. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/01/luiz-henrique-torres-a-heranca-historica-de-rio-grande-4023163.html>>. 2013. Acesso em: 17 mar. 2021

consolidação da Fábrica Rheingantz, que fora fundada por Carlos Rheingantz, filho de imigrantes alemães, em 1873. Ela despontou, sendo por muito tempo uma das principais empresas do estado do Rio Grande do Sul, colocando a cidade no mapa da indústria brasileira.

Esse destaque gerou efeitos como o crescimento populacional, que vai atrelar-se à expansão urbana. A partir de 1890 a cidade se expande além das trincheiras (MARTINS, 2016. p.116). Empreendimentos vão marcar este período, principalmente a construção da nova fábrica Rheingantz para o lado da "Cidade Nova"⁵⁵. Assim, nasce o bairro Cidade Nova, definido por Ticiano Pedroso (2012) como o primeiro subúrbio operário de Rio Grande.



Figura 8: Perímetro urbano da cidade de Rio Grande - 2014 - área central

⁵⁵ O termo "Cidade Nova" é uma relação lógica relacionada à geografia da cidade. Até o meio do século XIX a cidade iniciava na beira do cais do Porto Velho e findava no canaleta da rua Major Carlos Pinto. Quando o crescimento urbano necessitou avançar os limites do canaleta, passou a ser denominado "Cidade Nova", enquanto até o canaleta era conhecido como "Cidade Velha".

A causa do crescimento do bairro é atribuída às migrações que ocorreram neste período da indústria têxtil. Operários vindos de diferentes lugares formam as bases do bairro, trazendo seus modos de falar, seus modos de compartilhar um local, costumes e toda sua cultura em si. É provável que a difusão da prática do carnaval de rua tenha chegado à cidade do Rio Grande através dos migrantes desse período.

O prédio da Fábrica Rheingantz ocupou um grande território na rua que hoje leva o nome de Avenida Rheingantz. O escritório administrativo está localizado à frente do antigo cemitério⁵⁶, especialmente na ponta do seu terreno, ponta essa que faz uma perpendicular entre as ruas - hoje denominadas – Av. Rheingantz e 2 de Novembro. A rua 2 de Novembro toma toda quadra cemiterial em direção ao bairro Cidade Nova, a sua continuação dá em uma das principais ruas do bairro, chamada Cristóvão Colombo.



Figura 9: Perímetro urbano da cidade de Rio Grande - 2014 - bairro Cidade Nova

⁵⁶ Pensando na lógica da época, o cemitério, que data dos anos de 1855/1856, está localizado no final da cidade.

https://www.riogrande.rs.gov.br/consulta/arquivos/secretaria_servico/plano_diretor/Mapas_do_Plano_Diretor/MAPA-02_PERIMETRO_URBANO_CIDADE.pdf .

A rua é destaque no bairro por ser uma das primeiras a ser calçada, o que proporcionou uma centralização dela em relação ao bairro, Pedroso (2012, p. 108) coloca que

[...] trata-se de uma importante artéria do bairro, onde estão concentrados muitos estabelecimentos comerciais, além de ser um local de intenso trânsito de pessoas. Nos anos iniciais do bairro Cidade Nova, esta rua chegou a ser um marco de referência, pois, a maior incidência de concentração populacional se deu exatamente na área entre o Boulevard Major Carlos Pinto e a Rua Cristóvão Colombo.

Dessa forma, aqui marcamos uma hipótese ainda em pesquisa: a prática do carnaval de rua pela população distante do centro da cidade do Rio Grande nasce nos primeiros anos do século XX, no florescimento de culturas vindas com o *boom* da indústria têxtil. E mais: elege a rua Cristóvão Colombo como ponto central, dadas suas propriedades estruturais relacionadas ao calçamento (inicialmente não presente nas outras ruas) e a centralização do movimento humano que ela proporcionou no período.

É nesse espaço geográfico que foram celebrados os carnavais populares da cidade do Rio Grande durante a maior parte do século XX e que ainda hoje é lembrado pelas pessoas que participaram, alimentando de informações o grupo Fatos e Coisas de Antanho.

Por suas características de blocos, desfiles e fantasias, que serão vistas nas próximas páginas, pode-se concluir que o Carnaval da Colombo ocorreu em um período em que o carnaval já era algo popular, com a participação de pessoas de diferentes camadas econômicas. Iris Germano (1999) apresenta três momentos importantes após a prática do entrudo que o carnaval brasileiro será ressignificado e nos ajuda a compreender o processo ocorrido para o desenvolvimento das práticas identificadas no "Carnaval da Colombo".

O primeiro momento vai se dar com a popularização do entrudo na sociedade da época. Pessoas fora do círculo da elite irão aumentar a sua presença, fazendo com que a prática seja associada pela elite da época como algo selvagem, tendo como grotesca a mistura das pessoas. Esse pensamento vai levar ao desenvolvimento das festas de salão, afastando a elite das ruas:

No final do XIX, a elite importou da Europa costumes como o carnaval de máscaras e de salão, animado ao som das polcas, valsas, xotes e mazurcas. Sociedades carnavalescas foram criadas por esta elite que buscava diferenciar-se do *povo, atrasado e selvagem*, que nas ruas jogava o *bárbaro* entrudo. (GERMANO, 1999, p. 133) [grifo da autora]

O segundo momento de ressignificação se dará nos anos finais do século XIX, recebendo uma forte influência dos valores associados à Proclamação da República e ao imaginário de atos e valores militares da elite da época. Ele Deve ser associado diretamente à criação dos desfiles carnavalescos. Mas um desfile ordenado, organizado, disciplinado e civilizado. Essa forma da elite de brincar o carnaval é, segundo Germano (1999, p.133) um "carnaval civilizado, seco, feito à base de serpentinas, confetes, máscaras e fantasias de gala, em oposição ao bárbaro, molhado e popular entrudo".

A terceira ressignificação vai ao encontro de dois fatores que caracterizam o início do século XX no Brasil, especificamente nos locais portuários que serão, nesse momento, os mais desenvolvidos:

- O primeiro é o crescimento das cidades: no início do século XX vão ser iniciadas as primeiras migrações de população rural para zona urbana. O desenvolvimento urbano somado às possibilidades do - então recente - setor industrial, vão proporcionar a expansão das cidades, criação de novos espaços de moradia e, conseqüentemente, um movimento de colocação das pessoas mais pobres mais distantes do que se elegeu ser lugar de uma elite, nos centros das cidades;
- O segundo fator são as perseguições policiais ao entrudo jogado nas ruas, a criminalização de práticas especificamente da população pobre e negra como a capoeira⁵⁷.

É nesse contexto que as pessoas de fora da elite passaram a adotar uma prática do carnaval mais "comportada", com desfiles próprios organizados pelos populares.

⁵⁷ A prática da capoeira foi considerada uma prática ilegal. Ver: BRASIL, DECRETO Nº 847, DE 11 DE OUTUBRO DE 1890. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 17 mar. 2022.

Neste momento, houve a proliferação de inúmeros blocos, cordões e sociedades populares nas cidades eram marcadas pelos ritmos e danças de origens africanas. A *elite*, a partir de então, retira-se para os salões ou, no caso de desfilar junto com o *povo*, sai em *destaque*, quando a sua posição social ou cultural fica evidenciadas e são realçadas. (GERMANO, 1999, p.134) [grifo da autora]

Durante o século XX, o carnaval brasileiro vai ganhar um ingrediente fundamental: o samba. Surgido nos primeiros anos do século XX no subúrbio da cidade do Rio de Janeiro através das populações de origem no continente africano, o samba vai se popularizar através das classes populares. A partir disso, vai se desenvolver por meio de grupos e escolas de samba, a principal organização de desenvolvimento do gênero nos primeiros anos. Além das escolas de samba, marchinhas de carnaval vão ganhar popularidade, dando amplitude aos desfiles das escolas de samba nas práticas do carnaval (SILVA, 2021).

Em Rio Grande, é possível identificar uma separação econômica na atividade do carnaval, principalmente durante a segunda metade do século XX. A elite festejou o carnaval em lugares fechados. O acesso ao ambiente controlado e isolado se deu através do poder aquisitivo de ser sócio mediante o pagamento. Esses bailes foram bastante registrados através de textos em áreas sociais dos jornais locais⁵⁸.

Enquanto isso, o carnaval de rua, que não terá tamanha atenção da mídia local, vai recebendo mais adeptos e se consolidando na memória dos foliões da classe trabalhadora e também do público mais abastado. Ao contrário do filtro nos salões, o carnaval de rua tinha um caráter menos seletivo, fazendo com que a celebração na rua não tivesse acesso restrito a um grupo específico.

No grupo Fatos e Coisas de Antanho é possível identificar memórias do Carnaval da Colombo por parte de todas essas pessoas, desde os que participavam apenas da festividade de rua, quanto daquelas que brincaram o carnaval na rua e no salão.

⁵⁸ A separação de classes é identificada em jornais locais que comentavam os famosos carnavais dos clubes. Ver PELISSARI, 2012. **A “mais fina sociedade riograndina” e suas representações: a vida social da elite de Rio Grande - RS (1950 a 1960)**. Porto Alegre, 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.



Figura 10: Postagem popular sobre o Carnaval da Colombo

A partir do instante da definição de que a postagem sobre o determinado tópico no grupo era uma fonte, deu-se início à reflexão sobre o que a torna uma ferramenta para auxiliar a construção histórica. Tendo na sua gênese o conteúdo textual, tanto no tópico quanto nos comentários sobre o mesmo, previu-se que seria necessário aplicar metodologias para aproveitar, da melhor forma, as informações ali contidas. Sabia-se, também, que as imagens que acompanham as postagens sobre o Carnaval da Colombo são de grande importância e também precisariam de uma forma lógica para extrair conhecimento.

A História é tradicionalmente uma ciência que se apropria de métodos de pesquisa de outras áreas do conhecimento ao invés de ser criadora dos próprios. Nessa dissertação utiliza-se ferramentas que, inicialmente, são aplicadas à análise do discurso das Ciências Sociais e na captura de informação digital, bastante usadas no Marketing digital e Análise de Dados.

3.2 Ferramentas e utilizações para compreensão do conteúdo das postagens

A escolha dos comentários relacionados a postagens sobre o "Carnaval da Colombo" no grupo da rede social Facebook, Fatos e Coisas de Antanho, foi feita

através da identificação dos principais assuntos que circulam entre as participações dos usuários. Por ser uma prática presente há muitos anos, os comentários versam no pretérito e possuem um tom saudosista. O interessante é que as memórias se cruzam e a análise dos dados destaca palavras que direcionam a assuntos que ajudam na reconstrução do que foi o evento de forma didática.

Por conta da massa de informações se apresentar de forma textual, optou-se pela análise de conteúdo como a técnica mais adequada. Com a forma frequentista⁵⁹ de atribuição de pesos nos conjuntos de palavras que formam as frases que contêm as ideias (nesse caso, as memórias) dos usuários, a utilização de software para facilitação da análise de um grande volume de informações adiciona mais agilidade e permite uma maior credibilidade quanto ao conteúdo que pode ser contabilizado com mais exatidão.

Laurence Bardin (2016) desenvolve a análise de conteúdo em algumas etapas que são bastante utilizadas em trabalhos de História e nas demais Ciências Sociais: a organização, a codificação, a categorização e a inferência, que é a conclusão dos resultados à luz do que foi analisado. Refletindo-se sobre as etapas, foi iniciada uma pesquisa em softwares que tenham por objetivo contemplá-las de forma total ou separadamente.

Para coletar os dados a fim de examiná-los, foram estudadas formas mecânicas de capturá-los. Após o escândalo da Cambridge Analytica, o Facebook alterou suas políticas de acesso às informações e desativou sua interface (API⁶⁰), que disponibilizava a coleta de algumas informações presentes na rede social. Uma das desativadas foi a API que retornava os comentários de uma determinada publicação.

Uma das pretensões desse trabalho era o desenvolvimento de uma ferramenta para facilitar futuras pesquisas, mas no tempo da escrita dessa não se concretizou. Nesse sentido, foi feito um trabalho manual de coleta de dados. Primeiro fez-se

⁵⁹ A forma frequentista é utilizada para localizar termos que frequentemente aparecem juntos dentro de um determinado corpo de texto.

⁶⁰ API é o acrônimo de *Application Programming Interface*, que em tradução livre pode ser entendido como uma interface para o desenvolvimento de aplicações. Empresas que pretendem que os serviços externos a ela acessem dados e funcionalidades dela costumam disponibilizar uma interface (API) para permitir que isso seja possível.

necessário conhecer a mecânica de pesquisa do Facebook, especificamente como se dá a pesquisa dentro do grupo. Este foi o primeiro delimitador.

Depois constatou-se que a pesquisa pela palavra "colombo", sem a companhia de "carnaval", "rua" ou outras palavras que poderiam acompanhar para delimitar; ou adicionar nome completo da rua: "Cristóvão Colombo", seria a melhor opção - dado que não é conhecido outro fato com essa palavra na cidade do Rio Grande diferente do Carnaval da Colombo. Também se constatou que, dessa forma, a amplitude de assuntos que tangenciam o Carnaval da Colombo ganha em variedade. E assim ficou definido o segundo delimitador.

Nesse sentido, a pesquisa teve muitas postagens nos resultados. A fim de fazer uma primeira separação delas, um terceiro delimitador foi utilizado antes da retirada das informações do site: marcar todas as postagens que possuem a palavra "carnaval", para se ter a certeza de que a postagem versava sobre carnaval e em meio aos assuntos o "colombo" esteve presente.

Para ilustrar de forma algorítmica para o entendimento e possível implementação automatizada, o que aconteceu foi:

1. Acesso à página de pesquisa dentro do grupo;
2. Digitação de "colombo" na caixa de pesquisa;
3. Clique para carregar os resultados;

A partir dos resultados:

1. Marcar a palavra "carnaval" através da opção de localizar palavra do navegador;
2. Abrir todas as postagens marcadas;
3. Copiar a descrição, comentários e imagens de cada postagem;

A pesquisa foi realizada no dia 15 de janeiro de 2021⁶¹ e foram localizadas 61 ocorrências em 27 postagens e 404 comentários. A Figura 1 ajuda a visualizar como a pesquisa descrita foi feita no ambiente do grupo no Facebook:

⁶¹ Os resultados dessa análise são um "retrato" do conhecimento sobre o tema na data. Como o grupo se mantém ativo e com postagens diárias, é possível que algum tópico trabalhado no Fatos e Coisas não apareça nos resultados aqui apresentados.

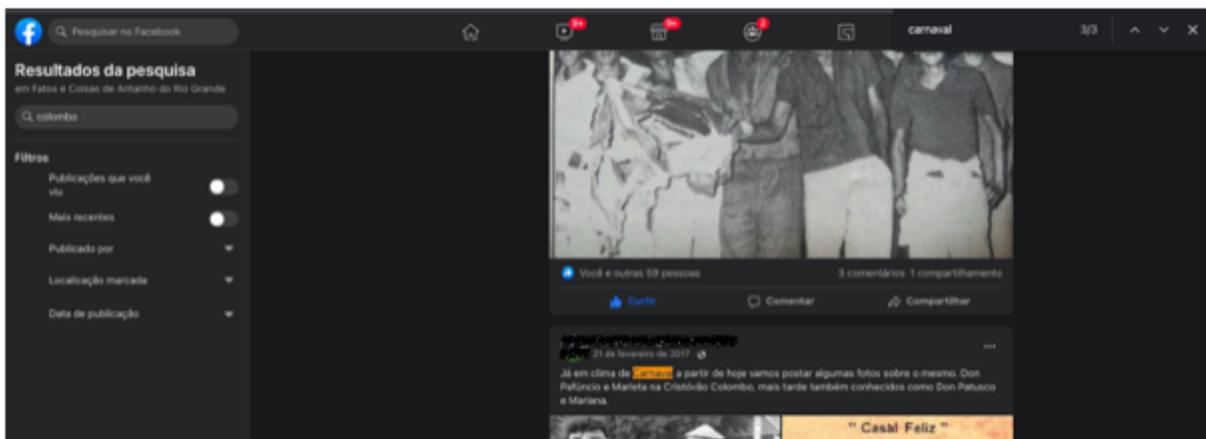


Figura 11: Demonstração da pesquisa na página do Facebook

Após a coleta dos dados de escrita da postagem e dos comentários, como optou-se por fazer um trabalho manual, foi realizado o acesso a todas as 27 postagens e copiou-se os 404 comentários localizados, que foram armazenados em um arquivo de texto simples e os comentários separados a cada linha nova.

No arquivo, fizemos o processo de preparação dos dados:

- 1) Inicialmente, todas as palavras foram passadas para minúsculo, com o objetivo de não ter problemas de diferenciação entre palavras com a primeira letra maiúscula e outra não;
- 2) Por conta de preocupações apenas com o texto puro, foram retirados também caracteres da internet, *emojis* e textos de onomatopeias (por exemplo "hahaha", "kkkkk", que indicam risadas virtuais);
- 3) Por fim, foram removidas palavras que exercem funções sintáticas nas construções de frases, como o "que", o "pois", o "também", entre outras.

Dessa forma, concluiu-se que já se tinha uma boa base de dados, além dela estar minimamente tratada, facilitando as futuras análises.

A análise do conteúdo das postagens é uma etapa bastante importante do levantamento das memórias compartilhadas entre os usuários do grupo Fatos e Coisas de Antanho. Atualmente existem muitas ferramentas computacionais que se propõem à facilitação da análise dos conteúdos. Em sua grande maioria, as ferramentas analisam o conteúdo na forma textual. Elas facilitam e entregam agilidade

a um trabalho que pode se tornar muito custoso, a depender do volume a ser analisado.

Como em qualquer software de um leque de opções, ~~em todas~~ existem pontos bons, outros nem tão bons e pontos de atenção. Alguns são desenvolvidos para um nicho específico, e sendo assim, ao mesmo tempo que muito bons para uma utilização, tornam-se descompassados para outros tipos de problemas que se quer resolver. A própria compreensão de que o software é uma ferramenta e não uma conclusão é um importante ponto de atenção. Dar o resultado do processamento não-humano como uma solução na área de Humanas é, no mínimo, problemático.

É possível afirmar que as automações de algumas tarefas de análise dão bastante agilidade à etapa. Ademais, também induzem o pesquisador a ter uma melhor organização dos dados a fim de que o software funcione corretamente e, dessa forma, a pesquisa adquira mais rigor e transparência a quem vai consumi-la. A automação também permite diferentes análises, já que o pesquisador pode visualizar os dados organizados de diferentes formas e no tempo de um clique. Essa velocidade também se aplica à facilidade de se ter diferentes entradas de dados ao software e à verificação das mudanças, ou não, nos resultados.

De fato, o software agiliza algumas etapas da pesquisa histórica como a contagem de termos, de categorias e assuntos, a relação entre os temas que estão presentes nas fontes, fazendo com que historiadores mais tradicionais concluam que o software substitui uma parte do ofício. Aqui, se faz necessário marcar, novamente, que os resultados indicados pelos softwares dão pistas e não conclusões. O software é sempre uma ferramenta para o historiador. Outro ponto importante é que nunca deixa de ser necessário que o pesquisador conheça sua fonte e assim possa fazer melhores perguntas (as entradas) para o software, o que faz toda a diferença em uma pesquisa.

Por fim, conhecer o software que se está utilizando, quem produziu, como foi feito, como funciona, qual o problema que se propõe resolver, ou seja, a crítica da ferramenta, é uma etapa fundamental do ofício da História Digital. Essa etapa se mostra importante pois demonstra que o pesquisador não está sujeito ao que a máquina diz, além de fornecer transparência sobre os resultados apresentados e,

consequentemente, os rumos que a pesquisa tomou ao longo do seu desenvolvimento.

Durante esta dissertação foram pesquisadas algumas aplicações antes da decisão de qual seria utilizada para análise dos conteúdos. No Anexo I adicionamos uma pequena descrição de algumas das que foram testadas e analisadas. A arbitrariedade da lista foi guiada por pesquisas em artigos relacionados à pesquisa qualitativa em História. Viu-se que existem outros softwares que se propõem analisar dados textuais de diferentes formas, gerando diferentes resultados.

De longe a lista de softwares existentes é maior do que os analisados. O que se procurou foi uma utilização de forma exploratória, elencando pontos-chaves de cada ferramenta para análise dos dados. Notou-se similaridade quanto à mecânica dos analisados: entradas predominantemente textuais, análises de texto baseadas em categorias de análise definidas pelos usuários, frequência das palavras e similaridade entre os termos, e saídas gráficas das análises que podem ser apresentadas de forma didática ao público geral.

Dependendo da necessidade do pesquisador e também da possibilidade de acesso (pois a maioria é paga), alguns softwares oferecem formas de captação dos dados diretamente da web e integração com outros sistemas. Existe uma variedade grande de algoritmos para o processamento que amplia a variedade de demonstrações que são possíveis dos dados.

Para o uso dos historiadores, os softwares cumprem um requisito fundamental que está presente em 100% das fontes historiográficas: analisam textos. Aqui coloca-se uma totalidade no conteúdo textual, pois fontes não textuais como fotografias ou esculturas, por exemplo, requerem do pesquisador a prática da descrição escrita.

Por fim, chegou-se à seguinte tabela, que contrapõe os softwares analisados e as necessidades da pesquisa: licença preferencialmente gratuita, plataformas UNIX (Linux ou macOS) e entrada de dados textuais, com o objetivo de poder organizar os comentários sobre as postagens:

Software\Necessidade	Licença	Plataformas	Entrada de dados
Alceste	Pago	Windows, macOS	Textual

Atlas.ti	Pago	Windows, macOS	Textual, Web
IBM SPSS	Pago	Windows, macOS, Android, iOS, Web	Textual, Web
Iramuteq	Gratuita	Windows, macOS	Textual
MAXQDA	Pago	Windows, macOS	Textual, Web
NVivo	Pago	Windows, macOS	Textual
Voyant Tools	Gratuita	Web	Textual

Tabela 1 - Relação dos Softwares\Necessidades

A partir disso, concluiu-se que a melhor opção para este momento da pesquisa era a utilização do **Iramuteq**, pois se enquadra nos requisitos de software para análise qualitativa dos dados, possui licença gratuita e é possível executar em sistema operacional disponível para pesquisa. Além disso, possui a entrada de dados no formato textual, de modo a comportar o corpo textual composto pelos comentários das postagens no grupo Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande, e também possui modelos de análise que se mostraram bastante úteis para indicar caminhos para esta pesquisa.

3.2.1 Um pouco mais sobre o Iramuteq

O software foi idealizado em 2008 por Pierre Ratinaud, no laboratório LERASS (Laboratório de Estudos e Pesquisas Aplicadas em Ciências Sociais) da Universidade de Toulouse. Propõe-se análises multidimensionais de textos e questionários - a propósito IRAMuTeQ é um acrônimo de "Interface R para Análises MULTidimensionais de TEXTos e Questionários"⁶². Foi desenvolvido pelo próprio Pierre Ratinaud, além de Sébastien Déjean, também da Universidade de Toulouse, e de David Skalinder, da Mash Strategy. O idioma original do software é o francês. Atualmente, o Iramuteq possui uma tradução para português, que se deve ao Laboratório de Psicologia Social

⁶² Algumas letras foram colocadas intencionalmente em maiúsculas para representar o acrônimo. Originalmente em francês: "Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires".

da Comunicação e Cognição da Universidade Federal de Santa Catarina (LACCOS/UFSC), especificamente a Brígido Vizeu Camargo, que é a pessoa que está nos créditos como tradutor. O software também possui tradução para o inglês e para o espanhol.

A ferramenta utiliza o conceito de software livre, possui a certificação GNU/GPL. Essa licença indica uma garantia implícita de comercialização ou adequação a um uso particular. Isso faz com que possa ser estudado, executado, alterado e distribuído, além de garantir que qualquer aplicação derivada do Iramuteq tenha a mesma licença de software livre que ele tem. Fortalecendo, dessa forma, a pesquisa e o ensino baseados em software livre.

No momento da escrita desta, o software estava na versão "0.7 alpha 2", que foi disponibilizada em novembro de 2020. Para seu desenvolvimento foram utilizadas as linguagens de programação Python e R. Ambas as tecnologias estão bastante em voga no que se refere a softwares para processamentos de dados estatísticos. Tanto o Python quanto o R possuem muitas funções para processamento de dados que vêm sendo desenvolvidas pela própria comunidade que utiliza as linguagens, desenvolvem funções novas, que acabam sendo incorporadas nas versões mais recentes delas. O Iramuteq foi desenvolvido em Python e utiliza pacotes estatísticos presentes na plataforma R para o processamento dos dados.

3.3 Análises com Iramuteq

O Iramuteq oferece a entrada dos dados de maneira textual ou por tabelas. Para a análise nesta dissertação, optou-se por utilizar a entrada dos dados de maneira textual, pois o volume dos dados é formado pelos comentários relacionados a publicações com recortes nos temas que são apresentados - no caso do presente trabalho, o "Carnaval da Colombo".

Os dados foram colhidos de forma manual nas publicações relacionadas ao tema e armazenados em um arquivo de texto simples, inicialmente tratados como um corpo textual único que se chamou: `Carnaval_da_Colombo_um_grande_comentário.txt`.

Esse corpo textual tem o objetivo de ter o mínimo de interferência do pesquisador, por isso acabou ficando com um formato de um comentário único, um grande comentário que consiste em uma concatenação de todos os comentários captados nas postagens. Apenas os tratamentos obrigatórios para entrada deles no Iramuteq foram efetuados:

- revisão para que erros de digitação não sejam tratados como palavras diferentes;
- revisão da pontuação e retirada de parágrafos;
- revisão de uniformidade de siglas;
- revisão de verbos que utilizem pronomes. O manual do Iramuteq recomenda que eles devem estar na forma de próclise, pois o dicionário não prevê as flexões verbo-pronominais: ex: no lugar de “tornei-me”, a escrita deve ser: “me tornei”;
- revisão de números, mantendo sua forma em algarismo;
- revisão de caracteres não autorizados no corpo do texto: aspas (“), apóstrofo (’), cifrão (\$), hífen (-), porcentagem (%) e asterisco (*);

Todos os tratamentos são recomendações da utilização do software presente no tutorial disponibilizado pela página oficial do Iramuteq. Esta etapa é a mais importante do processo pois a "harmonização" dos dados garante resultados mais objetivos nas análises. Aqui também se destaca a atenção à retirada de caracteres imagéticos como os *emojis*, que são bastante comuns nos conteúdos das redes sociais.

É também uma etapa um pouco trabalhosa e requer cautela para apagar termos do conteúdo textual, enquanto faz uma substituição genérica pelo editor de texto, cuidados para não colocar palavras não existentes e organizar os termos de acordo com seu sentido (para isso é de grande importância o conhecimento do conteúdo dos dados).

A título de exemplo, nesta análise são comuns trechos como "o carnaval ocorreu na caramuru". "Caramuru", neste contexto, refere-se a uma rua chamada Caramuru, que fez parte do trajeto carnavalesco estudado, e não o personagem português que veio para o Brasil no início do século XVII. Dessa forma a substituição

mais indicada será definir caramuru como rua, com objetivo de não se ter termos distintos que se referem ao mesmo fim.

A próxima etapa foi a de adicionar um cabeçalho ao corpo textual único. O tutorial indica que a forma de fazer a marcação do cabeçalho se dá através de 4 asteriscos (****) na linha que antecede o corpo do texto. Nesse primeiro corpo de texto também não foram utilizadas as marcações de categorias. Caso fosse esta a opção, a forma de se fazer é colocar na mesma linha do cabeçalho já adicionado, marcando cada categoria com um novo asterisco, ficando o cabeçalho com as categorias da seguinte forma:

```
**** *primeira_categoria *segunda_categoria *terceira_categoria
```

Após a importação do corpo textual, o software já mostra as informações iniciais e gerais sobre a etapa. São mostrados dados como:

- o nome do corpo textual;
- o idioma configurado;
- a codificação dos caracteres;
- os diretórios de origem e destino do arquivo gerador corpo textual;
- informações sobre a data e o tempo levado para processamento do texto;
- o número de segmentos de texto utilizados pelo Iramuteq para análise;

Na imagem abaixo é demonstrada uma configuração de quarenta (40) palavras para cada segmento de texto. É um número configurável. Quarenta (40) é o indicado padrão pelo software. Foram testados valores menores e maiores, mas se percebeu que, para esse tipo de texto (comentários na rede social), a média que gerou melhores resultados para compreensão dos temas abordados foi o segmento de até quarenta (40) palavras.

O software considera pontuações de final de frase e verbos que indiquem mudança de oração (consequentemente novos segmentos de texto). Portanto, quarenta (40) é um número limite que é informado ao software para indicar o tamanho das frases.

Também são mostrados:

Após a importação de um corpo textual, as análises já são possíveis. A primeira gerada é a mais básica, mas muito importante: a Análise Estatística, que basicamente vai apresentar uma contabilização das unidades de texto.

Nas análises lexicais clássicas, o programa identifica e reformata as unidades de texto, transformando Unidades de Contexto Iniciais (UCI) em Unidades de Contexto Elementares (UCE); identifica a quantidade de palavras, frequência média e número de hapax (palavras com frequência um); pesquisa o vocabulário e reduz das palavras com base em suas raízes (lematização); cria dicionário de formas reduzidas, identifica formas ativas e suplementares (CAMARGO; JUSTO, p. 515).

Em qualquer análise que é gerada, o Iramuteq coloca uma tela de definições a serem selecionadas pelo usuário:

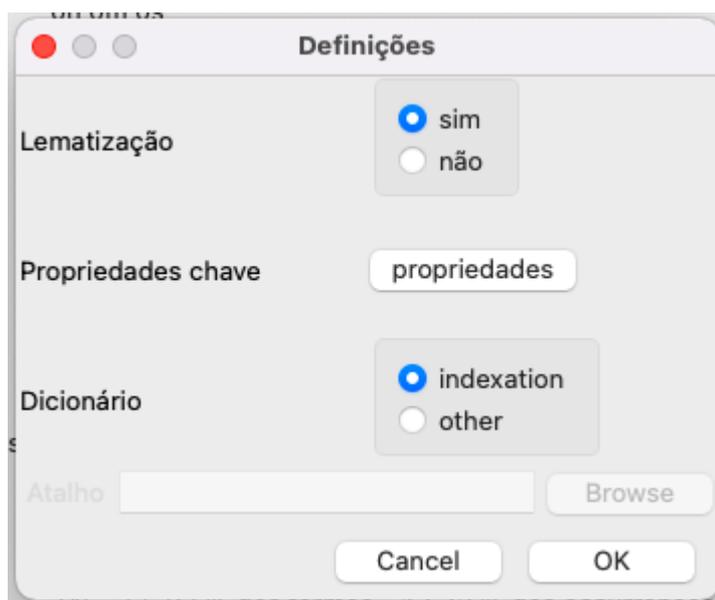


Figura 13: Tela de definições do Iramuteq

As definições se organizam em:

- A utilização ou não da Lematização: É a união de sinônimos, o agrupamento das palavras de acordo com a sua raiz semântica, considerando o dicionário, como informada na citação acima;

- As propriedades-chave: São as classes gramaticais que serão analisadas. É possível configurar em não utilizar a classe, utilizar como uma forma ativa ou utilizar como uma forma suplementar;
- O Dicionário: se será utilizado o do próprio software ou outro;

No caso aqui escolhido, será utilizada a Lematização pois não se está procurando especificidades do vocabulário e sim ligações entre os termos, conjuntos de ideias-chave. Também serão utilizadas as propriedades-chave que são padrão, considerando adjetivos, advérbios, pronomes, verbos e palavras não reconhecidas (úteis para adicionar ao vocabulário) como forma ativa e as demais classes de palavras (artigos, verbos de ligação) como forma suplementares. Quase todas as classes gramaticais são utilizadas para análise.

Sobre o dicionário, optou-se por fazer uso padrão do software. Não foram investigados outros dicionários, mas notou-se que a configuração padrão contempla os objetivos após a verificação dos resultados das análises.

O resultado da Análise Estatística mostra o resultado matemático do número de ocorrência das palavras, separado em abas das palavras ativas, as suplementares, as que ocorrem apenas uma vez e o total:

Resumo	Actives forms	Supplementary forms	Total	Hapax
Forma	Freq.	Tipos		
6_gac	1	nr		
77anos	1	nr		
7anos	1	nr		
abraçar	1	ver		
abraço	2	nom		
abreu	1	nom		
abrir	3	ver		
abrw	1	nr		
aca	1	nr		
acabar	5	ver		
achar	7	ver		
acompanhar	1	ver		
adiante	1	adv		
adolescente	1	adj		
adorar	9	ver		

Figura 14: Análise estatística no Iramuteq

As análises presentes nas abas são bastante úteis para verificar alguns pontos que podem ter passado despercebidos no momento da harmonização do texto.

É possível isolar alguma palavra da lista e gerar um novo corpo textual a partir dos segmentos de texto em que elas estão presentes. Essa ferramenta é muito útil aos pesquisadores que precisam dar mais atenção a algum termo específico. É possível gerar um novo corpo textual só com os segmentos de texto de um determinado termo. Dessa forma, é possível fazer todo grupo de análise em separado, explorando o vocábulo em específico e suas descobertas.

Na Análise Estatística, por mostrar em formato de lista, ocorre uma facilitação da visualização de palavras erradas ou de palavras repetidas, mas escritas de formas diferentes. Na imagem acima, por exemplo, foram capturados algumas dessas falhas que prejudicam a harmonização, como palavras por ora juntas, por ora erradas e ora termos deslocados.

Como esse tipo de análise mostra as palavras separadas entre as ativas e suplementares, fica mais fácil ao pesquisador melhorar o corpus textual. É importante que todas palavras ativas estejam totalmente corretas pois são elas que darão origem a todas as outras análises que o software oferece. Para as palavras suplementares, uma forma interessante de utilizar a tabela é verificar se tem alguma palavra que pode se tornar importante e a sua classe está com menor relevância na análise para, então, trocar.

Após a execução da primeira análise foram notadas correções necessárias. A partir dessa experiência, percebeu-se que uma mecânica interessante de uso é higienizar apenas depois de gerar a Análise Estatística. Dado que as palavras são demonstradas de forma tabular e fica mais fácil de identificar a desarmonização. Nesse modo é possibilitado ordenar as palavras, por exemplo. Mecânica não possível na leitura flutuante que é feita no corpus antes da exportação.

Como apenas a primeira análise foi gerada, este é o melhor momento para correções do corpo do texto de entrada, para que os resultados fiquem cada vez mais refinados. O corpus textual foi importado novamente, o que possibilitou dados mais corretos e claros para o avanço às próximas análises, que são mais complexas e com apelo visual mais abrangente. Essa segunda importação dos dados tornou-se

definitiva dada a qualidade dos resultados após as adequações a partir da primeira importação.

A próxima análise feita é o Método de Reinert, também conhecido como Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Essa análise é tida como a principal do Iramuteq pois - até o momento da escrita desta - ele é o único software gratuito que possui esse tipo de análise.

Este método foi proposto por Max Reinert ao desenvolver o software ALCESTE. Ele consiste em classificar os segmentos de texto a partir dos seus vocábulos. Com isso, o método faz uma comparação entre os conjuntos de vocábulos e seus segmentos de texto e identifica os vocábulos que são mais próximos nos segmentos de texto, criando conjuntos de palavras que, no corpus textual, possuem uma relação mais íntima. Esses conjuntos são chamados de classes no Iramuteq.

A fundamentação teórica do algoritmo de Reinert é inspirada nas propostas de Benzécri (1992), para análise léxica. Ela consiste em analisar leis de distribuição de vocábulos em um corpus textual qualquer. Não se trata de uma análise sintática, mas sim uma verificação dos termos presentes nos textos, da forma como eles se organizam e os elementos constitutivos deles. Isso é o que Reinert (1990) chama de análise dos “mundos lexicais” (CERVI, 2018, s/p).

As primeiras informações que a geração informa são, além das básicas - número de textos, de segmentos, palavras ativas e suplementares -, o tempo que se levou para geração, os números de segmentos analisados de acordo com os parâmetros (utilizou-se o parâmetro padrão que é a presença de palavras que aparecem pelo menos duas vezes). Como resultado, foram criadas seis diferentes classes (agrupamentos) e 82.76% dos segmentos foram classificados (o que é uma média boa se observado o mínimo recomendado pelo método: 75%). Isso significa uma maior qualidade no resultado da análise, no sentido que conseguiu se aproveitar quase 83% dos segmentos de texto.

Outras abas são disponibilizadas - Perfis e AFC. A segunda aba ("Perfis") mostra os dados das classes em formato de tabela. Dessa forma, dados como as frequências das palavras na classe de que ela faz parte e no geral, a porcentagem na classe no geral, são mostrados. Esse tipo de análise se mostra bastante útil para verificações específicas em palavras pelas quais o pesquisador tem um maior

interesse, pois são ilustrados os contextos quantitativo e qualitativo delas, dentro do corpo textual. Na análise aqui proposta, essa aba não é de grande valia pois se tem por objetivo examinar as classes como um conjunto de subtemas. Esses conjuntos são entendidos nesta dissertação como o grupo de vocábulos a que remontam as memórias mediadas pelas fotografias postadas no grupo Fatos e Coisas de Antanho.

A terceira aba, "AFC" (Análise Fatorial de Correspondência), será verificada nas próximas páginas. Ela mostra em um plano cartesiano a aproximação e a distância entre os vocábulos de todas as classes.

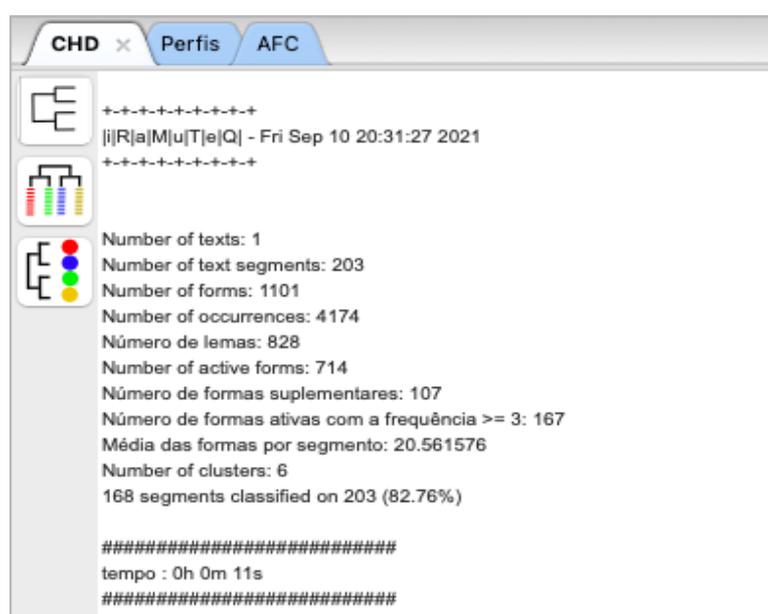


Figura 15: Abas Perfis e AFC do Iramuteq

Na nossa análise, a distribuição a partir do Método de Reinert ficou organizada da seguinte forma:

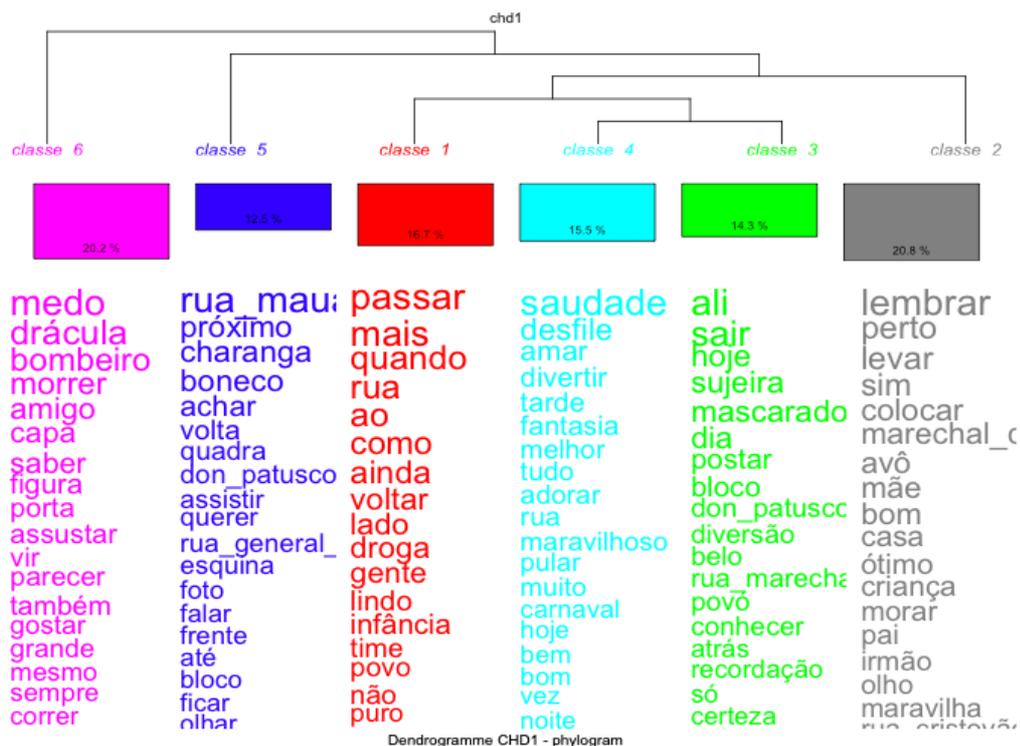


Figura 16: Dendrograma do corpus textual Carnaval da Colombo no Iramuteq

O Iramuteq gerou seis (6) conjuntos de palavras que possuem maior aproximação nos segmentos de texto avaliados. É importante colocar aqui que, na análise pelo Método de Reinert, a frequência da palavra geral não é o quesito principal para distribuição. O seu aproveitamento dentro dos segmentos de texto calculados possui um peso maior. Dessa forma, temos uma análise mais qualitativa aqui, no sentido de que as classes geradas mostram os vocábulos que mais se aproximam e não necessariamente o vocábulo que tem uma maior frequência. Conseqüentemente, indicando para o pesquisador alguns subtemas que estão presentes no corpo textual.

Analisando o dendrograma⁶³ podemos verificar que a classe 6 (em rosa) está sozinha na divisão hierárquica. Vocábulos como "medo", "drácula", "morrer", indicam um assunto isolado quanto aos demais. Conhecendo as fontes, as memórias sobre o "Drácula", um dos personagens mais populares do Carnaval da Colombo, é lembrado por pessoas que na época eram crianças e a figura do personagem de

⁶³ Dendrogramas são diagramas representados no formato de uma árvore. Ele é de fácil visualização quando se objetiva compreender as ligações de aproximação entre os termos analisados.

terror causava sentimentos de medo de morrer. A palavra "bombeiro" também se faz presente. Mais uma vez, a pesquisa nas fontes ajudou a demonstrar que a palavra tem sentido nessa lista pois quem vestia a fantasia de Drácula era Maureci Mattos, que atualmente é um bombeiro reformado. O homem que deu vida ao personagem aparece em muitas homenagens no grupo. Segue uma imagem que demonstra uma delas e a quantidade de 101 comentários na data que foi acessada.



Figura 17 - Homenagem à Maureci Mattos, o "Drácula" do carnaval entre 1969 e 2013.⁶⁴

A segunda classe mais afastada é a 5 (em azul). Ela possui vocábulos como a "rua mauá", "charanga⁶⁵", "boneco", "don_patusco_e_mariana". Outro conjunto de

64

Disponível

em:

<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/3174528529444887/>. Acesso em 15 de jun. de 2022.

⁶⁵ Segundo o dicionário Aurélio (2021), a palavra significa "Pequena banda de música composta somente de instrumentos de sopro, e às vezes também de tambores ou timbales."

palavras bastante interessante de ser analisado pois, de fato, existiu um bloco chamado "Don Patusco e Mariana", em que dois bonecos "Dom Patusco" e "Mariana" eram as mascotes. Esse bloco foi formado na rua Mauá, uma das ruas perpendiculares à rua Cristóvão Colombo, onde ocorriam os carnavais. No grupo FCARG foi localizada uma fotografia que mostra os bonecos mascotes do bloco em uma cena com muitas crianças e adultos, em uma possível apresentação do bloco.

Dada a quantidade de pessoas que aparecem na cena, o chão que mostra que a fotografia ocorreu no meio da rua, e a decoração com bandeirinhas que atravessam de um poste a outro, é possível concluir que a cena ocorreu em meio aos festejos do carnaval.



Figura 18: Fotografia digitalizada, postada no grupo Fatos e Coisas de Antanho (2014) sobre o bloco "Don Patusco e Mariana (sem data da imagem original)".



Figura 19: Postagem no grupo Fatos e Coisas de Antanho (2020) sobre o bloco "Don Patusco e Mariana".

Avançando para a classe 2 (em cinza), alguns verbos: "lembrar", "levar", "colocar", "morar", além de palavras que remetem a família: "avó", "mãe", "casa", "criança", "pai", "irmão" são observados. A indicação da rua Marechal Deodoro, que também é parte do bairro Cidade Nova e era um dos caminhos que percorriam os blocos carnavalescos, também faz parte dessa classe. Percebe-se aqui a atividade carnavalesca na forma de um lazer praticado em família, abrangendo todas as etapas de que pode ser composta. Os verbos dão um tom saudoso quando percebidos juntos aos substantivos familiares, e a rua surge como um vocábulo, ao mesmo tempo, isolado e conjunto. Isolado, pois não segue o mesmo campo semântico das demais; conjunto, pois uma rua também é objeto de memória e tem sua historicidade a partir dos seus diversos usos e significados para quem a rememora.

As classes 1, 3 e 4 (respectivamente as cores vermelho, verde e azul claro), podem ser analisadas em conjunto, dada a proximidade hierárquica apresentada na análise pelo Método de Reinert. Enquanto a classe 1 indica um saudosismo bonito de um tempo passado, com verbos "passar" e "voltar", as palavras "lindo", "infância", "time", "povo" e "puro" junto com a palavra "droga", indicando uma das causas da não boniteza do tempo passado, a classe 3 elenca itens entendidos de maneira mais

diversas. As palavras "sujeira", "hoje", aparecem dentro de um contexto das palavras "sair", "bloco", "mascarado", "Don Patusco", "diversão", algo que pode induzir a analogias passado x presente, também muito presentes em memórias. Sobre as memórias, a classe 4 é a classe mais "positiva" com relação às palavras: "amar", "divertir", "melhor", "maravilhoso", "bem", "bom", compartilham contexto com palavras como "saudades", "desfile", "fantasia", "rua", "pular", "tarde" e "noite". Informando um certo enquadramento sobre a forma, os modos, o local, além da lembrança positiva de rememorações do "Carnaval da Colombo".

Uma cena comum do Carnaval da Colombo são as crianças. Em destaque na Figura abaixo, a presença delas de fantasia em meio à rua com carro e muitas pessoas.



Figura 20- A presença de crianças no carnaval. (Final da década de 1950).⁶⁶

⁶⁶ Disponível em:

<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2090246277873123/>. Acesso em 15 de jun. 2022.

A postagem que compartilhou a fotografia informa que é do final da década de 1950, período de grande expansão da indústria pesqueira em Rio Grande e início do *Baby Boom*. A indústria pesqueira proporcionou muitas oportunidades de emprego para as famílias de baixa renda por conta da mão de obra não especializada. Essas pessoas vão ter neste período um maior acesso aos bens de consumo e, conseqüentemente, mais segurança econômica que também vai refletir no aumento da prole. O crescimento da população infantil nesse período é um destaque na presença do Carnaval.

A imagem abaixo, também da década de 1950, mostra a rua Cristóvão Colombo ainda sem asfalto e com casas de madeira que não existem mais. Nela também são percebidas muitas meninas em um desfile organizado, devidamente uniformizadas com chapéis e vestidos.



Figura 21 - O desfile carnavalesco na década de 1950⁶⁷

Outra forma de visualizar os termos que o software oferece é através de um plano cartesiano. Ele é disponibilizado na aba AFC, comentada nas páginas

⁶⁷ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2346394795591602>>. Acesso em 15 jun. 2022.

anteriores. Nesse modo, há uma facilidade para visualizar os vocábulos entre as classes que foram formadas, melhorando a percepção dos conteúdos dos segmentos de texto analisados.

Uma informação bastante clara para a compreensão é a aglomeração dos termos das classes 1, 2, 3 e 4 em um mesmo quadrante, como se pudessem fazer parte de uma única classe. Essa indicação convida a uma verificação mais íntima dessas quatro classes, colocando: em primeiro plano, o tom de lembrança, presente nas 4 classes; em segundo, as memórias positivas de blocos, públicos, personagens; e em terceiro plano, um reconhecimento, por parte dos comentários, das condições que impossibilitam a realização desse tipo de evento.

Outra informação sobre o plano cartesiano é a distância contextual que as lembranças relacionadas à figura do bombeiro que se fantasiava de Drácula possuem, com relação à charanga feita pelo bloco "Don Patusco e Dona Mariana" da rua Mauá. Uma hipótese pode ser relacionada com percepções geracionais. Enquanto para as crianças a memória possui uma relação mais próxima de sentimentos intrínsecos e básicos ao ser humano como o medo, adultos rememoram itens um pouco mais elaborados, por exemplo os locais e as ações dos tempos passados - essa assertiva por enquanto ainda é uma hipótese que merece ser mais bem discutida para melhor elucidação do ocorrido. O dado que se tem é a distância entre esses grupos de vocábulos.

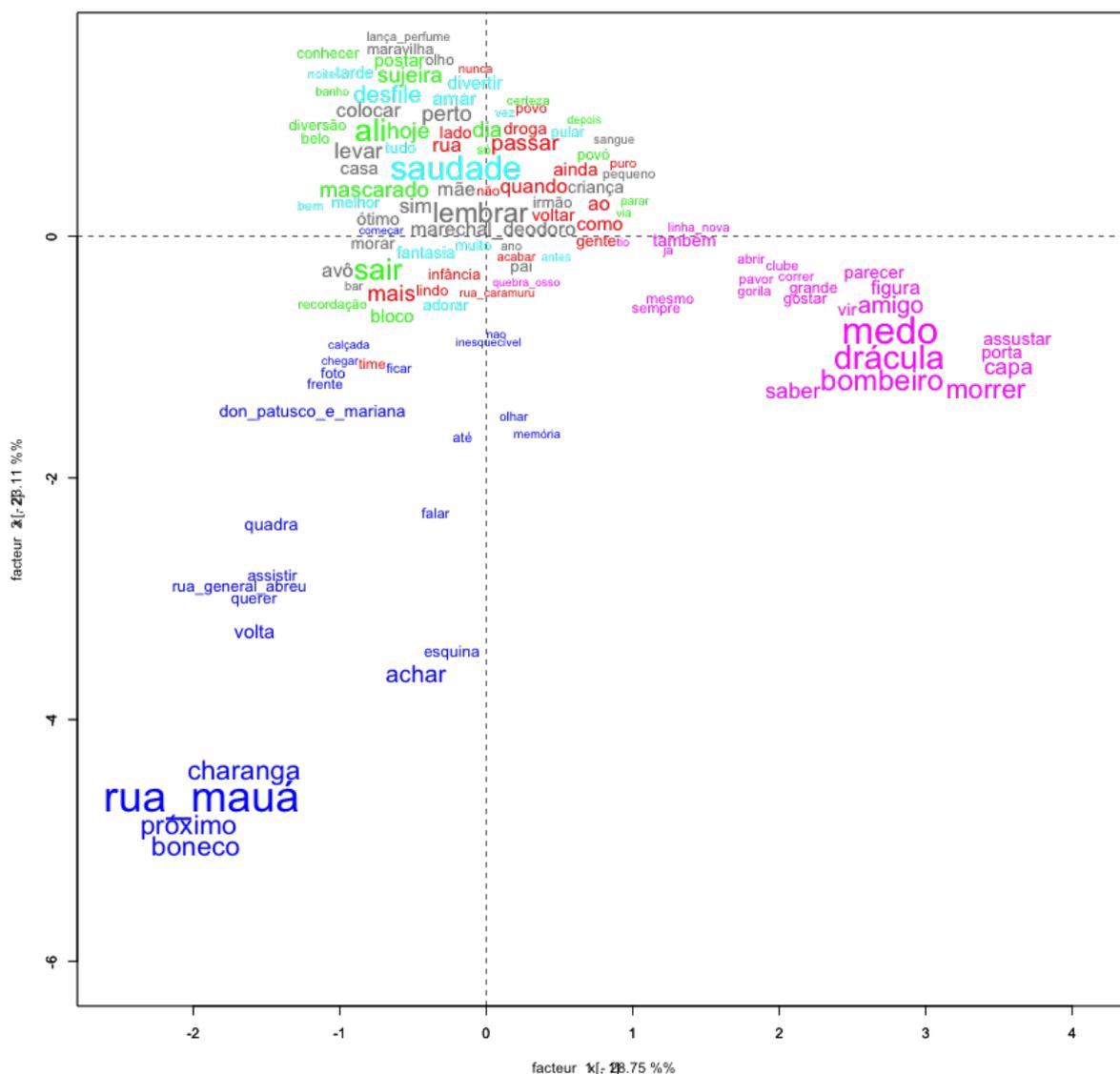


Figura 22: Dendrograma no plano cartesiano no Iramuteq.

Avançando nas análises, a seguinte se chama Análise de Similitude. Ela tem por objetivo dar ao pesquisador uma visualização geral do texto no que tange à presença das palavras e suas ligações entre elas. A visualização é bastante próxima de um sistema circulatório e é essa a intenção: as palavras mais utilizadas são colocadas como centrais e maiores - arteriais - enquanto as menos utilizadas são conectadas por linhas menores, no formato de veias que ligam aos pontos mais extremos das comunidades.

Nas configurações de geração da análise existe a possibilidade de marcar para juntar as palavras em comunidades e de colocar uma coloração nessas comunidades, inclusive na intersecção delas, permitindo um ganho na qualidade da visualização de quais palavras se relacionam com maior frequência.

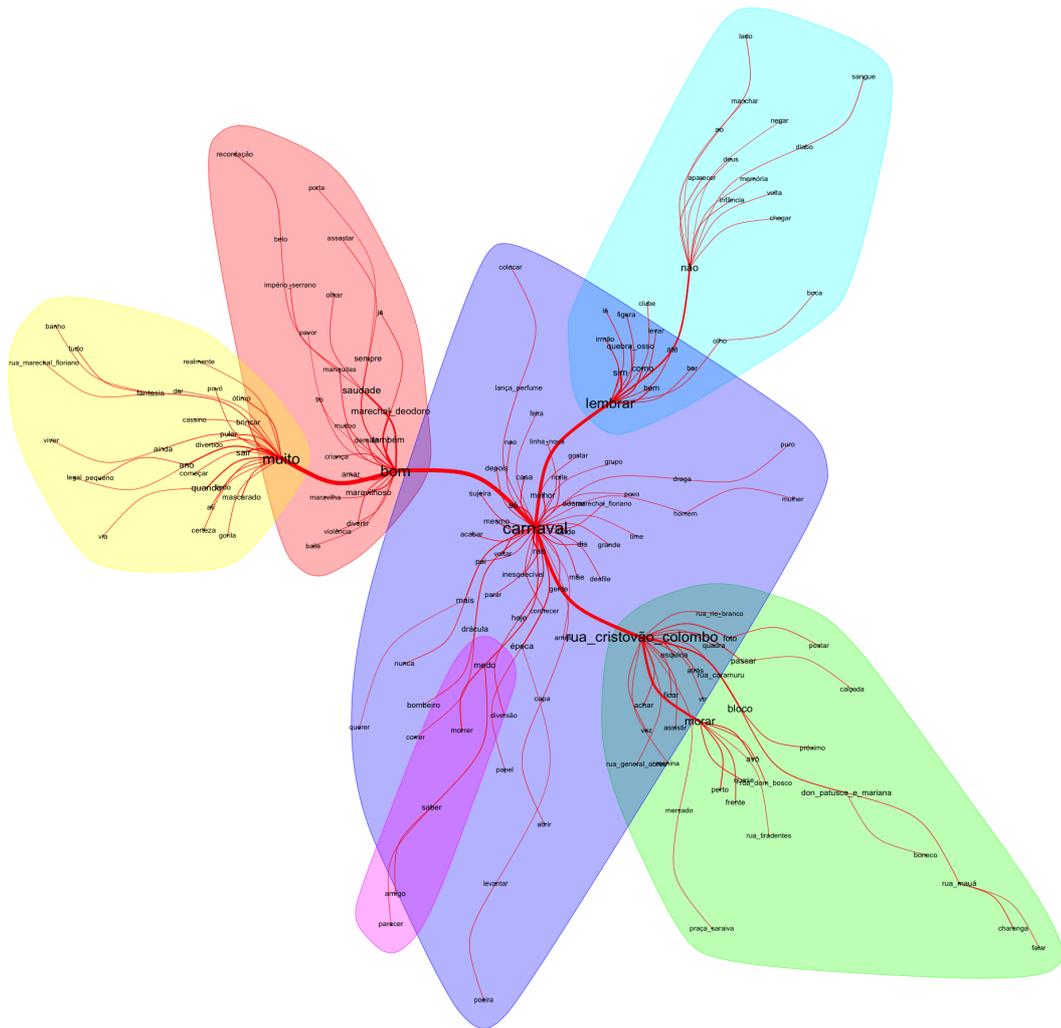


Figura 23: Análise de Similitude feita através do Iramuteq

A última forma de análise é a Nuvem de Palavras. O software faz uma análise quantitativa das palavras em geral e define o tamanho delas em conformidade com a sua frequência no corpo textual, quanto maior a frequência, maior ela estará. Esse tipo de análise é bastante simples se comparada com a Análise de Similitude ou o Método Reinert, porém ela tem um apelo visual ainda importante na percepção dos

"assuntos do corpo textual", designando bons direcionamentos para a pesquisa em vocábulos.

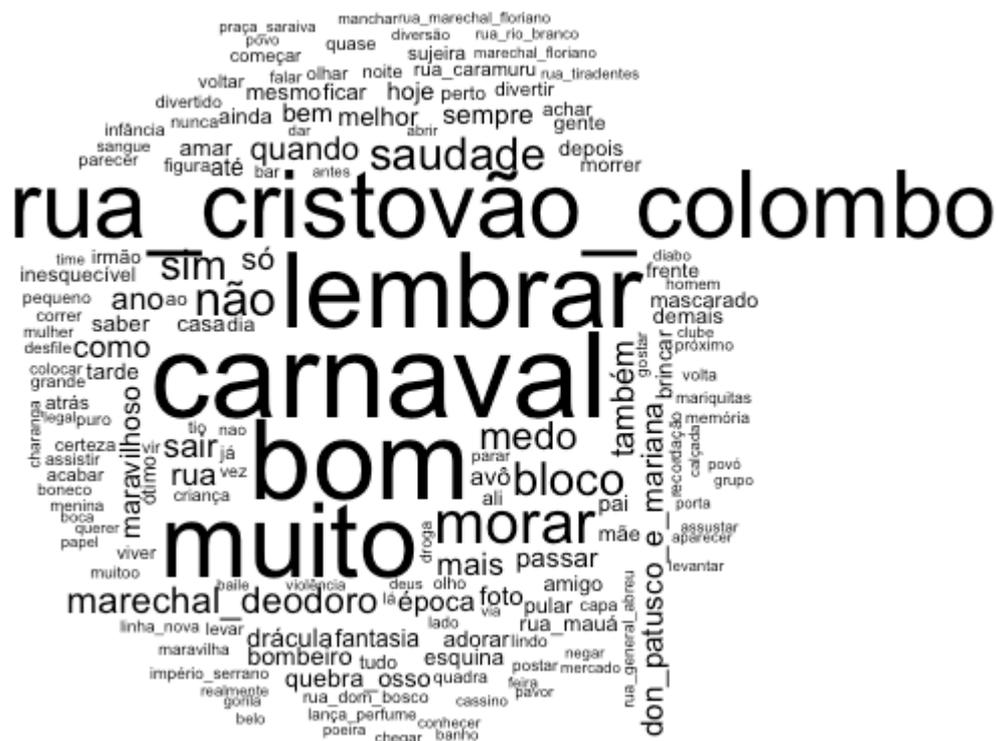


Figura 24: Nuvem de palavras gerada através do Iramuteq

A utilização de softwares para análise de conteúdo é uma realidade nas Ciências Humanas. Porém, em dado momento do desenvolvimento da pesquisa nas ferramentas, foi sentida a falta de diálogo com pesquisadores das Humanidades, principalmente no que diz respeito às formas de representar os dados analisados. Por outro lado, é inegável que as ferramentas trazem bem mais benefícios à pesquisa de Humanidades do que problemas. Sendo assim, conclui-se que é necessária a apropriação dos softwares pelos pesquisadores, de modo que, a médio e longo prazo, possam ser implementadas mais utilidades para as diversas formas possíveis da área das Humanas.

3.3.1 Considerações sobre as análises

Antes mesmo dos resultados das análises automatizadas esperava-se que o conteúdo produzido pelo grupo tivesse uma grande influência dos saudosismos. Fotografias são grandes gatilhos de saudosismos ainda que observada de forma solitária. A adição de pessoas na observação é proporcional do volume do peso desse substantivo refletido nos comentários, a forma que o usuário possui de manifestar-se sobre a observação.

A imersão no leque de ferramentas deu conta do entendimento sobre a variedade de soluções computacionais possíveis. Compreender que, por mais que algumas tenham mais recursos ou possuam um custo monetário para sua utilização, as ferramentas analisadas são neutras. Neutras, pois nas opções pesquisadas os algoritmos utilizados ao processamento dos dados são especificados, deixando que a entrada dos dados fornecidos pelo usuário seja o limitador dos resultados, sem interferências externas ou de algum tipo de inteligência artificial que tendencie a pesquisa para algum lado pré-estabelecido.

Do conhecimento sobre cultura da internet, a consolidação do Facebook e a proposta do grupo Fatos e Coisas de Antanho, devemos fazer a pergunta em que Candau (2010, p.25) provoca os cientistas das Humanidades: Qual pode ser a realidade desse compartilhamento de lembranças ou representações do passado? Os resultados deflagrados pelo Iramuteq auxiliam o entendimento a partir de algumas tendências que se anunciam a partir do processamento do conteúdo dos comentários e dos resultados de grupos de palavras que indicam realidades possíveis das memórias compartilhadas.

Vocábulos "pai", "mãe", "avó" nos indicam a presença bastante marcada da família nesses ambientes e a intensidade como o "de tarde" aparece também informa sobre o período do dia em que ocorria. Termos relacionados a lugares (marechal, bosco, caramuru, mauá) - com exceção de marechal, referente à rua Marechal Floriano, que fica no bairro Centro e foi onde ocorreu o carnaval "oficial" - ou a outras ruas próximas, quando não se ligam diretamente à rua Cristóvão Colombo. Isso dá um tom bastante local à prática, que não se isolava na rua Cristóvão Colombo, mas

acontecia em um conjunto de ruas que acabaram se tornando referências quando se fala sobre o evento do Carnaval da Colombo.

Termos relacionados aos sentimentos (medo, amava, saudade, adorava, diversão), indicam as vivências mais íntimas das pessoas compartilhadas naquele tempo/espço. O evento Carnaval da Colombo foi muito vivo para quem frequentou e isso acaba transparecendo a cada leitura de sentimento que transborda em forma de comentário.

Os personagens folclóricos também são descobertos através dos dignos registros a partir das memórias dos participantes. Alguns deles davam nome aos blocos que passavam: a "Marilú" e o "Don Patusco e Mariana" são exemplo; outros eram mascotes: o Gorila do bloco "Quebra-Osso". E outros, sem uma identificação com um ou outro bloco, como o Vampiro e o Drácula, juntaram-se aos demais como importantes símbolos para caracterização dessa celebração.

Desses termos, é possível concluir uma sociabilidade pautada na diversão e pluralidade de pessoas reunidas em torno de uma rua que, apesar de calçada, fazia parte de uma área periférica da cidade do Rio Grande em torno do século XX. Uma festa popular, aberta, com a participação de personagens que ainda ocupam espaço na memória social das pessoas e com forte apelo ao saudosismo. A presença intensa do nome dos blocos também indica a forma como ocorria essa sociabilidade. É possível, também, atribuir ao período da tarde e à participação familiar, com a memória relacionada a parentes próximos (pai, avó).

A partir disso, constatou-se que essas variadas informações históricas transmitidas através do grupo possuem um caráter muito mais saudosista/elitista do que de produção de uma história sobre o evento "Carnaval da Colombo". Quando dispostas no grupo elas possuem mais um sentido de rememoração de um evento entre um grupo pré-definido (as pessoas que brincaram o Carnaval da Colombo) do que um sentido histórico, de revelar para os usuários que não tiveram contato com esse ocorrido a importância dessa manifestação popular para o presente do carnaval cidadão.

A partir desses resultados em um formato mais lógico, deseja-se que o leitor tenha uma percepção do que constituiu desse evento de forma mais objetiva. Pelo fato de as fontes serem comentários de saudosistas, esse fator se mostrou com

bastante intensidade. No entanto, as apresentações nos gráficos chamam atenção para muitas características importantes sobre o Carnaval da Colombo como o nome dos blocos, o período que ocorria, o roteiro das festividades e os personagens mais lembrados.

Os termos também remontam aos diferentes períodos de ressignificações do carnaval brasileiro que Germano (1999) traça. O Carnaval da Colombo foi um típico resultado da última delas, no início do século XX, onde elites e populares compartilharam um espaço comum a partir de um acordo que não estará escrito, presente no *modus operandi* dos foliões. Algo que dialoga com a liberdade dos antigos entrudos e com o formato organizado dos desfiles e seus atributos coloridos. Tudo isso musicado pelos blocos, pelas fantasias e outros símbolos que nesse caso, em específico, não se define como exclusivo de um ou outro grupo social.

A sociabilidade enquanto natural ou não ao humano é sempre um exercício de desnaturalização daquilo que parece espontâneo. A análise dos comentários dos usuários enquanto partícipes de uma associação organizada - o grupo Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande - para rememorar algum assunto - o "Carnaval da Colombo" -, tornou o exercício mais prazeroso. As festas populares estão tacitamente na memória social como se sempre estivessem ali, dando uma ideia de algo próprio daquele lugar, originário dali. No entanto, é necessário destrinchar essa forma de pensar, analisando os fatos e as memórias, e ajudar na reconstrução do conhecimento, sem cair no senso comum.

CONCLUSÃO

Os historiadores Rogério Rosa Rodrigues e Viviane Borges (2021) fazem uma reflexão sobre os processos históricos não findados que caracterizam a História do Tempo Presente. A partir de uma crônica de Guimarães Rosa, chamada "A terceira margem do Rio", os autores escrevem sobre a "terceira margem do tempo". Entendendo o tempo como um rio, que no seu curso encontra e desencontra águas de outros tempos:

Fazer história pública e buscar parceria com a história do tempo presente implica manter-se atento aos desvios, aos ritmos e às margens dos tempos do passado que não passa, do presente que ora parece estacionais, ora parece escapar rumo ao futuro incerto, ora, por fim, se vê invadido por correntezas providas de águas remotas estacionadas em outros afluentes. Em todos os casos, existe o perigo de ser levado pelas correntezas e pelos burburinhos do momento, ou enganado pelo silêncio das águas que correm, lentamente. É no entre margens que historiadores(as) da história pública e do tempo presente desejam intervir. (RODRIGUES; BORGES, 2021, p. 8)

É nesse entre margens que essa pesquisa se propôs a intervir, procurando dissertar sobre algumas das condições que se apresentam para os historiadores do século XXI e as possibilidades que surgem à produção do conhecimento histórico. Entende-se que a opção pelo recorte temático sobre a cidade do Rio Grande – RS e, especificamente, o grupo Fatos e Coisas de Antanho foi uma decisão assertiva, que acabou por demonstrar a necessidade da participação dos historiadores nos meios digitais.

O grupo Fatos e Coisas de Antanho se mantém e provavelmente se manterá ativo no Facebook enquanto a rede social for popular. Logo, as construções de narrativas sobre a cidade do Rio Grande a partir dele também estão em curso. O que indica que os parâmetros que buscam a compreensão dos eventos, processos e pessoas ali compartilhados são diferentes daqueles parâmetros aplicados em construções historiográficas que não possuem interferência no presente, como nos casos de uma pesquisa em arquivos físicos.

A possibilidade de réplicas e trélicas que a ferramenta de comentários nas postagens possui é uma maneira de melhorar o conhecimento sobre um determinado tema. No entanto, a própria rede social Facebook dificulta o desenvolvimento do contraditório quando seus algoritmos priorizam comentários com mais interações

através dos "comentários mais relevantes". Fazendo com que alguma informação que questione a verdade imposta através da postagem seja omitida por falta de curtidas, respostas e outros parâmetros não divulgados pela empresa Facebook.

Parâmetros como a crítica da tecnologia da internet, do papel das redes sociais na sociedade e reflexão sobre a possibilidade que os usuários possuem de publicar informações sobre a história de uma comunidade sem a mínima preocupação com sua veracidade - na maioria das vezes, utilizando-se apenas da sua experiência de vida para produção de narrativa sobre algum tema que lhe é posto - são particularidades que os pesquisadores precisam ter sempre em mente quando forem trabalhar com esse tipo de fonte, em que as narrativas pesquisadas são compartilhadas de forma instantânea com mais de 40 mil usuários.

Insiste-se nesse ponto pois o *modus operandi* da grande parte dos usuários não é de procurar mais informações, ainda que em uma mesma página (como a leitura de todos os comentários). O que foi percebido, em sua maior parte, é um movimento robotizado de leitor passivo. Essa mecânica não se mostra isolada – muito pelo contrário -, entendemos que é uma chave para a compreensão sobre o conhecimento que chega às pessoas que participam do grupo por gostar de história e, especificamente, da história da cidade do Rio Grande.

A pesquisa não termina nessa dissertação, esperamos que ela possa ser bastante aproveitada para novos estudos em diferentes redes sociais, no próprio Facebook e, ainda mais, no grupo Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande. A vastidão de temas que o grupo proporciona e a forma como esse conhecimento é construído são grandes possibilidades para futuras pesquisas.

Nesse texto, pretendeu-se fazer uma imersão na História Pública digital e na memória fotográfica, pilares considerados aqui muito importantes para compreensão do sucesso das redes sociais no planeta e enquanto grandes possibilidades para a construção historiográfica do tempo presente. Essa imersão acabou convergindo com o conhecimento da área da história do desenvolvimento dos computadores e da internet ao longo dos anos que nos levou à condição atual: mergulhados na cibercultura. Quanto à relação da ciência histórica com as tecnologias digitais, atualmente se percebe o crescente volume de publicações que discutem temas da História utilizando dos meios digitais em todas as etapas da pesquisa historiográfica

e de modo cada vez mais diversificado, seja em métodos ou temas. Essa dissertação buscou colaborar com a historiografia brasileira, nesse sentido.

A pesquisa em um veículo que pode se dizer "novo" na Historiografia procura estimular que outros pesquisadores sejam encorajados a aplicarem os métodos utilizados e aprimorá-los conforme a sua necessidade. As redes sociais são um grande fenômeno do contemporâneo, não apenas pela grande febre mundial que acabaram se tornando. Mas, principalmente, porque importantes setores da sociedade como política, jornalismo, educação, marketing, entre outros, foram totalmente transformados com a existência delas.

A internet já vinha cumprindo este papel desde finais do século XX e início do XXI. Mas a chegada das redes sociais, como as entendemos atualmente - a partir de 2004 - somado ao sucesso dos *smartphones* - a partir de 2007 -, potencializou essas transformações de forma tão rápida que, menos de duas décadas depois desses acontecimentos, a sociedade está enraizada no universo digital - cenário totalmente diferente de 20 anos atrás e parece que tudo está convergindo em direção a ele.

A multi colaboração, tão presente nas soluções da Web 2.0, adicionou agilidade, transparência e uma maior interação dos usuários com os conteúdos. É inegável que as publicações online possuem uma força de difusão jamais vista na história das mídias. Ainda assim, é fundamental não esquecer que nem todos os conteúdos possuem o privilégio de ser acessíveis por qualquer pessoa com uma conexão. Esse é um dos grandes perigos de que esses espaços não sejam ocupados pelos historiadores. É preciso criticá-los também.

O acesso aos bens de consumo como computadores, *smartphones* e planos de internet teve um grande *boom* no início do século XXI no Brasil e no mundo, mas sempre foram privados. Nesse sentido, por mais que crises econômicas não tenham afetado diretamente o acesso à internet das populações mais pobres, o conteúdo acessado pelas pessoas - independentemente da situação econômica - muito provavelmente teve a sua produção possibilitada pelo poder econômico de quem a produziu e o acesso que esta pessoa possui às tecnologias.

No capítulo 3 foi demonstrado que a pesquisa no digital não exclui a pesquisa analógica. Percebeu-se que uma parte importante de informações sobre o carnaval de rua na cidade do Rio Grande não está presente nas publicações locais com mais

interação sobre assuntos históricos sobre o município. O que sinaliza a necessária atividade da crítica dos conteúdos que se tem acesso, por mais que - muitas vezes - pareça que a internet possua todo conhecimento da humanidade.

A História Digital pode ser considerada uma renovação historiográfica que emergiu e vai se lapidando conforme as novas necessidades da sociedade interconectada. A cultura digital precisa de mais atenção da Historiografia. Dentre os muitos leques que a ciência histórica pode beneficiar-se estão, além da potência do compartilhamento do conhecimento direcionado a um público heterogêneo - que desafia o pensar, tradicionalmente treinado para produção aos pares acadêmicos -, a variedade de conteúdos através dos inúmeros acessos atualmente disponíveis na internet e as questões culturais que produzem o "homo digitalis" (HAN, 2019). A pesquisa nesses meios possibilita o acesso a muitos dados que teriam o entrave geográfico. Facilita também o contato com a diversidade de discursos, ideias e memórias.

O desenvolvimento que ocorreu entre o projeto de pesquisa e a dissertação é por si um exemplo. Processo que iniciou poucos meses antes do início da pandemia de Covid 19, tinha o objetivo geral de investigar a história da cidade do Rio Grande através do discurso presente nas fotografias do acervo da Fototeca Municipal, assim como das exposições promovidas por esta. A situação pandêmica fechou a Fototeca, além dos acervos públicos, bibliotecas (tradicional recursos dos historiadores). Mesmo assim, o trabalho conseguiu oxigênio na exploração dos dados presentes em postagens do grupo do Facebook chamado Fatos e Coisas de Antanho. Consequentemente, levou à pesquisa e desenvolvimento de teorias e metodologias do historiador no meio digital, mas mantendo o objetivo geral de analisar os discursos que se propagam sobre a história do Rio Grande.

Sobre os discursos, podemos afirmar que o grupo se propõe desde o surgimento a ser bastante conservador. Isso é reafirmado nas regras publicadas na sua página inicial e no diário monitoramento executado pelos seus administradores. O conservadorismo também aparece nos assuntos abordados. Boa parte deles faz apologia ao período que o Brasil viveu sob a ditadura militar (1964-1985) apesar do assunto em si quase não ser debatido. O enaltecimento aparece em muitos

comentários que exaltam “tempos de segurança”, “tempos de respeito”, entre outros valores.

Notou-se também que o acesso às fotografias que são compartilhadas é uma questão fundamental para compreensão dos temas. As pessoas que mais publicam são pessoas nascidas nas primeiras décadas da segunda metade do século XX, que tiveram a possibilidade de ter câmeras fotográficas e acesso a fotógrafos profissionais em uma época na qual esses bens de consumo eram bastante inacessíveis à grande parte da população.

Isso explica expressiva presença de assuntos como os bailes em clubes privados, a reverência à vida cultural de uma elite econômica e a exaltação de personagens citadinos que conviveram com essa elite. Os assuntos que buscam exaltar os mais populares, como os trabalhadores, também possuíam muita interação de pessoas que se identificam nas fotografias e no ofício. Porém, é notável que o nome do dono da empresa, ou do gerente do setor sempre apareça mesmo quando a imagem informa sobre o trabalho em si.

Contudo, o garimpo por informações no grupo pode levar o pesquisador ao conhecimento de práticas que merecem mais destaque na carga da história da cidade e que têm no Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande um espaço para o seu desenvolvimento. Entre muitos assuntos, nesta procuramos dar o destaque ao “Carnaval da Colombo”, importante acontecimento que se mantém na memória de grande parte da população rio-grandina.

Essa dissertação registra para a Historiografia “Dom Patusco”, “Mariana”, o “Drácula”, a “Marilú” e o “Gorila” do bloco “Quebra-Osso”. Personagens folclóricos importantíssimos para compreensão da cultura carnavalesca e popular rio-grandina. Junto com eles, o formato como o carnaval aconteceu e a forma de aproveitá-lo que as pessoas deram, as ruas mais populares por onde passaram os foliões. Tudo isso feito através de um computador com acesso à internet.

O fazer historiográfico do século XXI não será absorvido pelo digital. Contudo é imprescindível que o historiador se aproprie dos meios digitais. Não apenas o seu ofício tem mais a ganhar do que perder, mas toda a sociedade, que sempre vai precisar da História, seja pelo simples entretenimento ou pela necessidade humana de libertar-se do passado:

Movimentos que buscam mudar o mundo frequentemente começam com a reescrita da história, permitindo reimaginar o futuro. Se você quer que trabalhadores façam uma greve geral, que as mulheres assumam que são donas do próprio corpo ou que minorias oprimidas exijam direitos políticos, o primeiro passo é recontar sua história. A nova história vai explicar que "nossa situação atual não é nem natural nem eterna. As coisas uma vez já foram diferentes. O mundo injusto que conhecemos hoje foi criado apenas por uma série de eventos ocasionais. Se agirmos com sabedoria, poderemos mudar este mundo e criar um muito melhor". É por isso que marxistas recontam a história do capitalismo, que feministas estudam a formação das sociedades patriarcais e que afro-americanos rememoram os horrores do tráfico negreiro. O objetivo não é perpetuar o passado, e sim libertar-se dele. (HARARI, 2016, p. 67)

Ao estudar a sociedade rio-grandina através das suas expressões digitais, essa dissertação procurou pelo sentido que os próprios usuários da internet dão a Rio Grande através do compartilhamento de fatos, dados e sentimentos. Pode-se afirmar que, além de uma cidade de "Rio Grande que poucos conhecem" - como nos fala a descrição do grupo Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande -, é também um "Rio Grande expressado no digital".

A atuação dos historiadores nos meios digitais é muito importante dada a variedade de narrativas e – muitas vezes – não verdades que são compartilhadas. Não que o historiador seja o dono da verdade, mas certamente vai trabalhar um acontecimento de maneira compromissada com a veracidade dos fatos.

O recorte do tema do "Carnaval da Colombo" é um entre muitos outros que podem - e devem - ser mais pesquisados por historiadores profissionais. São temas que possuem uma grande importância para a identidade de um grupo, de uma cidade, de uma região e que, na maioria das vezes, não foram aproveitados em trabalhos dos historiadores, mesmo que evidências deles estejam presentes no material impresso - a tradicional ferramenta do historiador - como documentos, jornais, revistas, entre outros materiais não digitais.

A apropriação dessa ferramenta de colaboração histórica, que tem no entretenimento um dos seus principais pilares, teve como meta garimpar informações que provavelmente não estariam no tempo presente se a pesquisa fosse apenas nos meios tradicionais.

Além disso, ser mais uma contribuição na libertação de um passado da cidade do Rio Grande tão marcado pelo peso do privilégio de quem tem a caneta, a serigrafia ou a editora, e que produz – consequentemente - discursos que omitem ou silenciam vozes, atos e a cultura da população economicamente mais pobre e que agora tem no espaço digital um lugar para registrar suas contribuições na História da cidade mais antiga do Rio Grande do Sul. Cabe aos historiadores digitais perpetuá-las!

Fontes:

Páginas da Internet:

- Grupo "**Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande**". Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho>>. Acesso em 12 nov. 2020.
- Vídeo "**Institucional 280 anos do Rio Grande**". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=emLnCs7Z2FQ>>. Acesso em 12 nov. 2020.
- Site "**WE ARE SOCIAL**". Disponível em: <<https://wearesocial.com/blog/2020/07/digital-use-around-the-world-in-july-20/>>. Acesso em 12 nov. 2020.
- Vídeo - "**Bolsonaro diz que "ripou" Iphan após interdição de obra da Havan de Hang**". Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=URTNcpVqTWc>>. Acesso em 15 jan. 2021.

Links das postagens utilizadas para captação dos dados:

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2899988376898905/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2090246277873123/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2849368438627566/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2598790090352070/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2772023176362093/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2425850397646041/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2346394795591602/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2280221932208889/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2119302051634212/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/1897815650449521/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2699119216985823/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2835800769984333/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2371659693065112/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2699145816983163/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2592380600993019/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2625452984352447/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2324547984442950/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2584605085103904/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2905600336337709/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2807063822858028/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2844938115737265/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2821301158100961/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2808866522677758/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2842260456005031/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2786129798284764/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2829978863899857/>>

<<https://www.facebook.com/groups/fatosecoisasdeantanho/permalink/2866009640296779/>>

Referências Bibliográficas:

ABREU, Mauricio. **Sobre a memória das cidades**, In: CARLOS, A.F.; SOUZA, M. L. e SPOSITO, M. E. (orgs.). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. Contexto, São Paulo: Contexto, 2011. , p. 19-39. Disponível em: <<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1609.pdf>>. Acesso em 12 nov. 2020

ALESSI, Lucie Menegon. Inteligência Artificial na Economia Criativa e Direitos Autorais. In: **Os impactos das novas tecnologias no Direito e na Sociedade**. Aline Mapelli, Marina Giongo, Rita Carnevale (orgs.). Erechim: Deviant, 2018.

ANKERSMIT, Franklin Rudolf. **A escrita da história: a natureza da representação histórica** / Franklin Rudolf Ankersmit; tradutores: Jonathan Menezes... [et al.]. – Londrina: Eduel, 2016

BARROS, José D'Assunção. **A história serial e história quantitativa no movimento dos Annales. História Revista**, v.17, n.1, 2012. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/21693>>. Acesso em: 30 set. 2020.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo. Traduzido por: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro**. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BEZERRA, D. B. FRIO, P. **O Museu das Coisas Banais entrevista o antropólogo Jöel Candau**. Youtube, 11 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MNb7xM60HEM>>. Acesso em 28 nov. 2021.

BITTENCOURT, Ézio. **Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades & cultura no Brasil Meridional**. [s.l.] Ed. Furg, 1999.

BLOCH, Marc. **Apologia de História ou o Ofício do Historiador**. São Paulo: Zahar Editor Ltda, 1997.

BRASIL. **Lei nº 12.965 de 23 de abril de 2014**. Institui o Marco Civil da Internet. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm. Acesso em 3 de jan. 2022.

CALDEIRA NETO, Odilon. **Breves reflexões sobre o uso da Internet em pesquisas historiográficas**. 8 out. 2009. Disponível em: <<http://hid0141.blogspot.com/2009/10/breves-reflexoes-sobre-o-uso-da.html>>. Acesso em: 29 set. 2020.

CAMARGO, B. V.; JUSTO, A. M. IRAMUTEQ: um software gratuito para análise de dados textuais. **Temas em Psicologia**, v. 21, n. 2, p. 513–518, dez. 2013.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. 1. ed. 1. reimpressão. São Paulo: Contexto. 2012.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Café História: Divulgação científica de História na internet. In: PASTOR, Bruno Leal Pastor de Carvalho; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. **História pública e divulgação de história**. Letra e Voz, São Paulo: 2019. p.105-122.

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. Faça aqui o seu *login*: os historiadores, os computadores e as redes sociais *online*. **Revista História Hoje**, São Paulo, v. 3, n. 5, p. 165-188, 2014. Disponível em: <<https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/126>>. Acesso em: 29 set. 2020.

_____. História Pública e Redes Sociais na Internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. **Revista TransVersos**, v. 7, n. 7, p. 35–53, 30 set. 2016.

_____. História Pública e redes sociais na internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo. **Revista Transversos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 7, p. 35-53, set. 2016. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/25602>>. Acesso em: 30 set. 2020.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Tradução: Maria Luiza X. De A. Borges. Editora Zahar: Rio de Janeiro: 2001.

CASTRO, R. W. P. DA S. **Na esteira da memória: a questão social e a mobilização dos marinheiros, atuação e repressão na cidade de Rio Grande - RS (1962-1964)**. 25 abr. 2016.

CERVI, E. U. **Análise de conteúdo automatizada para conversações em redes sociais online: uma proposta metodológica**. n. 48, p. 26, 2018.

BITTENCOURT, Ezio. Elementos à História Cultural da Cidade de Rio Grande. In: _____. **Sob Um Olhar Urbano, Sociabilidade, Cultura & Teatro no Brasil Meridional**. Porto Alegre: PUCRS, 1998. v. 3 (Dissertação de Mestrado). Este material encontra-se disponível nas seguintes bibliotecas: FURG, em Rio Grande; PUCRS e Ciências Sociais e Humanidades/UFRGS, em Porto Alegre.

CESAR, Willy. **A cidade do Rio Grande: do big bang a 2015**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2016.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CONSTANTE, Bruno Erbe. **O uso da mídia social Twitter como fornecedora de fontes primárias e sua utilização em um caso específico**. Revista Aedos, Porto Alegre, v. 12, n. 26, ago. 2020. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/103155/57985>>. Acesso em 10 de fev. 2022.

CRINGE. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/cringe/>>. Acesso em: 27/02/2022.

ESPACIALIDADES, E. E. R. Entrevista: Dilton Cândido Santos Maynard: **Revista Espacialidades**, v. 14, n. 1, p. 88–95, 2 set. 2018.

ETCHEVERRY, C. M.; FRIO, B. R.; NERY, O. S. A questão da memória nos fotografos ficcionais de Italo Calvino, Adolfo Bioy Casares e Julio Cortázar. **Discursos Fotográficos**, v. 10, n. 17, p. 139, 16 dez. 2014.

FAKE NEWS. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/fake-news/>>. Acesso em: 27/02/2022.

FERRAZ, Luiz Paulo; BIONE, Rodrigo Bione. **A história que ocupa os espaços públicos da cidade**. [Entrevista concedida a] Bruno Leal Pastor de Carvalho. In: PASTOR, Bruno Leal Pastor de Carvalho; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. **História pública e divulgação de história**. Letra e Voz, São Paulo: 2019. p.133-138.

FRIDERICHS, L. E. **Saindo dos trilhos: os ferroviários riograndinos durante a ditadura civil-militar (1960-1970)**. 8 abr. 2013.

GERMANO, Iris. “O Carnaval No Brasil: Da Origem Européia à Festa Nacional.” *Caravelle (1988-)*, no. 73, **Presses Universitaires du Midi**, 1999, pp. 131–45. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40854710>>. Acesso em 31 jan. 2022.

GIANNANTONIO, C. M. Book Review: Krippendorff, K. (2004). *Content Analysis: An Introduction to Its Methodology* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage. **Organizational Research Methods**, v. 13, n. 2, p. 392–394, 1 abr. 2010.

GINZBURG, Carlo. **História na Era Google**. *Fronteiras do Pensamento*, 29 nov. 2010. (Conferência). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wSSHnqAbd7E>> (Vídeo); Acesso: 5 abr. 2021.

GOULART, Saulo. **O Último Século: os Grandes Temas em Grandes Imagens**. Casa do Saber. 2019.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. 2ª ed. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1990.

HAN, Byung Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis, Rio de Janeiro : Vozes. 2017.

_____. **No enxame: perspectivas do digital**. Tradução: Lucas Machado. Petrópolis, Rio de Janeiro : Vozes. 2018.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. Tradução Paulo Geiger. 1º Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

HASHTAG. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2022. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/hashtag/>>. Acesso em: 27/02/2022.

HOBBSAWM, Eric J. **Introdução: A invenção das tradições**, In: HOBBSAWM, Eric J; RANGER, Terence (orgs.). A invenção das tradições; tradução de Celina Cardim Cavalcante. - 10ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

LUCCHESI, A. **Digital history e Storiografia digitale : estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011)**. Mestrado—Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

KNAUSS, Paulo. **Museus para se pensar o presente em perspectiva histórica**. [Entrevista concedida a] Bruno Leal Pastor de Carvalho. In: PASTOR, Bruno Leal Pastor de Carvalho; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. História pública e divulgação de história. Letra e Voz, São Paulo : 2019. p.139-153.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica / Boris Kossoy. - 4. ed.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

LAITANO, Bruno Grigoletti. **(Con)figurações do historiador em um tempo marcado pela disrupção tecnológica**. Esboços, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 170-186, maio/ago. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2020.e67217>>. Acesso em 5 abr. 2021.

_____. **Postando o passado: a difusão da memória da ditadura civil-militar brasileira na internet através do canal do YouTube da Comissão Nacional da Verdade**. 2018. 82 f. Trabalho de Conclusão de Curso - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

LANIER, Jaron. **Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais**. Tradução: Bruno Casotti. 2018. Editora Intrínseca Ltda. Rio de Janeiro.

LOPES, Poliana; DE ARAÚJO, Denise Castilhos. **O Twitter como fonte de História Oral: análise da @vozdacomunidade na ocupação do Complexo do Alemão**. In: revista brasileira de história da mídia vol. 05, n.02, jul./dez. 2016 p. 188-204 disponível em: <<https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4690>>. Acesso em: 29 Set. 2020

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Barbardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LENZI, Tereza, MENESTRINO, Flávia. **Pioneiros da fotografia em Rio Grande. Índícios de passagens e permanências. Relato de uma pesquisa histórica**. Revista Memória em Rede, Pelotas, v.2, n.5, abr. / jul. 2011. Disponível em <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/9531>>. Acesso em 5 de abril de 2021.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1997.

LONER, Beatriz Ana. **Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888 - 1937**. 1999. Tese. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, out. 1999.

MACHADO, Ana Carolina. **História digital em tempos de crise: as demandas do tempo imediato e suas implicações no trabalho dos historiadores**. Revista Aedos, Porto Alegre, v. 12, n. 26, ago. 2020. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/104233>>. Acesso em 10 de fev. 2022.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida. Debates políticos na internet: a perspectiva da conversação civil. **Opinião Pública**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 164-187, abr./mai. 2006. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/democraciadigital/marques2006.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2020

MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873-1990) / Solismar Fraga Martins. - 2. ed. revisada e amplificada**. Rio Grande: FURG, 2016.

MAUAD, Ana Maria. Como as fotografias visualizam a história pública? In: MAUAD, A. M.; SANTHIAGO, R.; BORGES, V. T. (org.) **Qual história pública queremos? What public history do we want?** São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 17-22.

_____. **Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas**. *Maracanan*, vol. 12, n. 14, p.33-48, 2016.

MAUAD, Ana Maria; CARDOSO, Ciro Flamarion. **História e Imagem. Os exemplos da fotografia e do cinema**, In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

MAUAD, Ana Maria; LOPES, Marcos Felipe de Brum. História e Fotografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. **Passado eletrônico: notas sobre história digital**. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 2, p. 103-116, jul/dez. 2016.

MENESES, Ulpiano T. B. - História e imagem: iconografia/iconologia e além. In: Cardoso, Ciro Flamarion & Vainfas, Ronaldo (Eds.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MONTEIRO, Charles. Construindo a história da cidade através de imagens. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nária Maria Weber; ROSSINI, Miriam de

Souza. **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em história cultural**. Porto Alegre: Asterisco, p.148-169, 2008.

ORLOWSKI, Jeff. **O Dilema das Redes**. 2020. Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/81254224>> Acesso em: 27 jan. 2022.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História, São Paulo, n. 10, 1993.

NOIRET, Serge. **História Pública Digital**. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v.11, n.1, p. 28-51, maio. 2015. Disponível em <<https://revista.ibict.br/liinc/article/view/3634>>. Acesso em 30 de set. 2020.

PAPAREIA. **Blog "Papareia"**. Disponível em: <<http://guaiecapapareia.blogspot.com/p/pagina-inaugural.html>>. Acesso em 22 out. 2021.

PEDROSO, T. D. **Cidade Nova: Narrativas do cotidiano no subúrbio operário de Rio Grande - 1950**. Pelotas, 2012. Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

PELLISSARI, Mariana Kruger. **A “mais fina sociedade riograndina” e suas representações: a vida social da elite de Rio Grande - RS (1950 a 1960)**. Porto Alegre, 2012. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PIASSAROLLO, Daiane dos Santos. **Histórig, memória e fotografia: reconhecimentos e re-memorações sobre o passado / Daiane dos Santos Piassarollo**. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande - FURG. Rio Grande: 2019.

PIAUI. **Derrubem as estátuas: Quem reclama da “cultura do cancelamento” está cego para cultura do outro**. Miguel Lago. Revista Piauí. Edição 168, setembro de 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/derrubem-as-estatuas/>> Acesso 2 jan. 2021.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro., vol. 5, n. 10, 1992.

POSSAMAI, Zita Rosane. **Cidade Fotografada: memória e esquecimento nos álbuns fotográficos – Porto Alegre, décadas de 1920 e 1930**. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: 2005.

_____. **O circuito social da fotografia em Porto Alegre (1922 e 1935)**. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.14. n.1. p. 263-289. jan.- jun. 2006. Disponível em

<https://www.scielo.br/j/anaismp/a/pJVn89QkKqJgBP5bkPLkRTF/?format=pdf&lang=p>
>. Acesso em 30 set. 2020.

QUEVEDO, Willian A. C.. **El concepto de sociabilidad como referente del análisis histórico.** *Investigación & Desarrollo*, Universidad del Norte Barranquilla, Colombia, v. 23, n. 1, enero-junio, 2015, p. 1-37. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/268/26839041001.pdf>>. Acesso 11 nov. 2020.

RODRIGUES, Icles. **História no YouTube: Relato de experiência e possibilidades para o futuro.** In: PASTOR, Bruno Leal Pastor de Carvalho; TEIXEIRA, Ana Paula Tavares. *História pública e divulgação de história.* Letra e Voz, São Paulo: 2019. p. 73-92.

RODRIGUES, Rogério Rosa; BORGES, Viviane. **A terceira margem do tempo: Cruzamentos possíveis entre história pública e história do tempo presente.** In: RODRIGUES, Rogério Rosa; BORGES, Viviane. *História pública e história do tempo presente.* Letra e Voz, São Paulo : 2021. p. 7-15.

SANTOS, F. C. DOS; CYPRIANO, C. P. Redes sociais, redes de sociabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 29, n. 85, p. 63–78, jun. 2014.

SCHMIDT, Benito. Qual a relação da história pública e a profissionalização do historiador? In: MAUAD, A. M.; SANTHIAGO, R. ; BORGES, V. T. (org.) **Qual história pública queremos? What public history do we want?** São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 17-22.

SHIRKY, Clay. **Como a mídia social pode fazer história.** TED Talks. Jun. 2009. Disponível em <https://www.ted.com/talks/clay_shirky_how_social_media_can_make_history#t-110067>. Acesso em 30 set. 2020.

SILVA, Karen Pereira da. **Grupo “História de Guaíba”: uma iniciativa de História Pública Digital no Facebook.** *Revista Aedos*, Porto Alegre, v. 12, n. 26, ago. 2020. Disponível em <<https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/104229>>. Acesso em 5 de abr. 2021.

SILVA, Daniel Neves. História do Carnaval no Brasil. **Brasil Escola.** Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/carnaval/historia-do-carnaval-no-brasil.htm>>. Acesso em 15 de janeiro de 2021

SIMMEL, G. (1983), “**Sociabilidade, um exemplo de sociologia pura ou formal**”, in E. Moraes Filho (org.), *Georg Simmel: sociologia.* São Paulo, Ática.

SCHWAITZER, L. S. LGPD E Acervos Históricos: impactos e perspectivas. **Archeion Online**, v. 8, n. 2, p. 36–51, 28 dez. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Na Magia do Click: Fotografia como engenho e arte, produto e produção da história do País. In: KOSSOY, Boris; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **História**

do Brasil Nação: 1808-2010: um olhar sobre o Brasil: a fotografia na construção da imagem da nação. 1833-2003. Editora Objetiva: Rio de Janeiro. 2012.

SORJ, Bernardo. Internet, espaço público e marketing político. Entre a promoção da comunicação e o solipsismo moralista. **Novos Estudos**, São Paulo, n. 76, p. 123-136, nov. 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/nec/a/FNBTrzzY4ynYFVbwDWR4Lpr/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 29 set. 2020.

Tem profissional de História Aí?. **Episódio 13 - Entrevistada: Entrevista Ana Maria Mauad (UFF)**. Entrevistadores: Tatyana de Amaral Maia e Leonardo Fetter da Silva. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/3qFy7SeR1MRmeCoro1GLG1?si=Ui6xfo cSCyRaGHBmdjcvA>>. Acesso em: 5 abr. 2021.

Tem profissional de História Aí?. **Episódio Especial #2 - Arquivo [Parte I] Entrevista Thiago Lima Nicodemo (APESP/UNICAMP) - 2021**. Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/5D3TesKoKoPP52NpLMH7vo?si=C- ugy7e2RCGfuVEBfITAoA>>. Acesso em: 10 out. 2021

TÉO, M. R. Desequilíbrio de histórias parte I: um problema do campo das humanidades (?). **Revista Tempo e Argumento**, v. 10, n. 23, p. 358–380, 18 abr. 2018.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992

TORRES, Luiz Henrique. **Rio Grande: imagens que contam a História / Luiz Henrique Torres. 2 ed. revisada e amplificada**. Rio Grande : Pluscom Editora, 2018.

TORRES, L. H. A cidade do Rio Grande: escravidão e presença negra. **BIBLOS**, v. 22, n. 1, p. 101–117, 17 dez. 2008.

TORRES, L. H. **A herança histórica de Rio Grande | GZH**. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/01/luiz-henrique-torres-a-heranca-historica-de-rio-grande-4023163.html>>. 2013. Acesso em: 17 mar. 2022.

TREJO DELARBRE, Raúl. **Internet como expressão e extensão do espaço público**. Matrizes, vol. 2, núm. 2, 2009, pp. 71-92 Universidade de São Paulo São Paulo, Brasil. Disponível em <<https://www.redalyc.org/pdf/1430/143012791004.pdf>>. Acesso em 29 set. 2020.

TRINDADE, Rebeca; SIMAS, Izabela; FRANCISQUINI, Renato. Liberdade de Expressão e Fake News. **A terra é redonda**. 21 de ago. de 2020. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/liberdade-de-expressao-e-fake-news/>>. Acesso em: 30 de set. de 2020.

VARELLA, F. F.; BONALDO, R. B. Todos podem ser divulgadores? **Estudos Ibero-Americanos**, v. 47, n. 2, p. 31 ago. 2021.

Anexo I – Análise dos softwares para análise de conteúdo textual

- Alceste

Alceste (Analyse Lexicale par Context d'un Ensemble de Segments de Texte) é um software francês, especificamente da cidade de Toulouse, que foi desenvolvido entre uma parceria privada chamada IMAGE (Informatique, Mathématiques, Gestion) e o Conselho Nacional de Investigação Científica francês (CNRS). Ele possui suporte para diversas línguas (inclusive o português) e a possibilidade de utilização nos sistemas operacionais Windows e macOS.

O seu funcionamento se dá através do processamento estatístico textual, podendo receber entradas somente neste formato. O software processa de forma segmentada e homogênea a entrada. Essa entrada é avaliada com relação ao dicionário que o software possui (português é uma das opções), podendo o usuário atualizar o dicionário, se for o caso.

Após o processamento, o Alceste oferece resultados gráficos que sintetizam as principais ideias da entrada textual. Além disso, os resultados são mostrados em uma visão mais global ao usuário, para comparar, selecionar, editar, ampliar, exportar resultados diferentes em direção a uma redação de relatório final. Existe também o módulo de análise fatorial gráfica, que permite visualizar, filtrar, refinar, confirmar e interpretar os principais resultados.

- Atlas.ti

O Atlas.ti é o software para análise qualitativa dos dados mais bem-sucedido da atualidade. Desenvolvido desde 1987 em Berlim, atualmente é utilizado por empresas bastante conhecidas como Microsoft e a Nasa, além de universidades bem-conhecidas como Harvard e Stanford, ambas dos EUA.

Ele é executado nos sistemas operacionais de computador Windows e macOS e fornece um aplicativo de smartphone que pode ser operacionalizado nos sistemas iOS e Android, além de suporte ao armazenamento na nuvem dos projetos e acesso via navegador, o que facilita a mobilidade das pesquisas e amplifica a gama de usuários do sistema operacional Linux, por exemplo, que não possui um aplicativo para ele.

Sua mecânica segue um padrão de entrada de dados textuais, seja por meio de textos escritos em si ou por meio de anotações sobre arquivos de áudio, imagem, ou vídeo, que podem ser importados pelo software para compor a biblioteca da pesquisa.

Um diferencial é a possibilidade de importar dados do Twitter, que amplia os campos dos pesquisadores. O software possui uma organização em códigos, que são marcações possíveis aos arquivos que são importados. Estes códigos norteiam o processamento de forma que os resultados se dão de uma forma sistematizada com relação a eles.

Diversas saídas são possíveis através do Atlas.ti. O software possui uma grande variedade de gráficos estatísticos e analíticos. Além do mais, é possível fazer ajustes nos resultados de forma a visualizar diferentes cenários de modo bastante intuitivo. O software possui uma boa UX (User Experience - termo utilizado para definir a experiência positiva do usuário após a utilização do software). Por fim, exportação dos resultados também é um ponto do software, com possibilidades tanto físicas (impressões) quanto digitais (planilhas, apresentações, cartazes e outros).

- IBM SPSS

O IBM SPSS é um software voltado às análises estatísticas. Originalmente a sigla SPSS significava “*Statistical Package for the Social Sciences*” - pacote estatístico para as ciências sociais -, portanto, ele foi pensado com a finalidade de aplicação nas ciências sociais. É o software de análise qualitativa e estatística da IBM, uma das grandes empresas da história da computação.

Atualmente o software disponibiliza uma série de ferramentas para importação e análise dos dados, e o software está ampliando horizontes sociais chegando ao marketing. O software promete a utilização de algoritmos estatísticos diferenciais e redes neurais. Dessa forma, sua gama de soluções é pensada bastante para o conhecimento do tipo de público presente nos dados e seus hábitos. Essas utilizações se aproximam mais da Antropologia do que da História em si, porém a sua utilização abre um leque de possibilidades para História através dos modelos matemáticos que o software ajuda a construir.

Um diferencial sobre esse software é a sua fácil integração com outros sistemas. No site oficial, sugere-se que se conecte com softwares que fazem big data. Essas implementações são feitas em linguagens de programação de software livre como as linguagens Python e R.

- Iramuteq

O Iramuteq é um software francês para análise qualitativa de dados textuais. É gratuito e com o código fonte aberto. Ele se baseia na mecânica de corpos textuais, que podem ser categorizados por um ou mais termos. Essa categorização permite um refinamento dos resultados do processamento pelos termos indicados.

De todos os softwares analisados, o Iramuteq foi o que se mostrou mais complexo para configurar a entrada dos dados pela primeira vez. Para entrada faz-se necessário um arquivo de texto simples com série de formatações que vão desde a identificação obrigatória de um cabeçalho, até a retirada de caracteres especiais para garantir que o processamento será executado. Um ponto positivo é que o software possui dicionário em português, permitindo uma análise mais qualificada dos dados neste idioma.

O software permite a observação dos dados de diferentes formas: nuvem de palavras, análise de similitude, Classificação Hierárquica Descendente (CHD) e Análise Fatorial por Correspondência (AFC). A CHD também é conhecida como Método de Reinert. Originalmente presente apenas no software Alceste, a sua lógica de cálculo da classificação foi disponibilizada na linguagem R. Como o Iramuteq utiliza essa linguagem na sua implementação, foi possível adicionar mais essa função nas possibilidades de análise e acabou se tornando um diferencial do Iramuteq: a possibilidade de utilização da CHD de forma gratuita.

- MAXQDA

O MAXQDA é um dos softwares para análise qualitativa mais bem-sucedidos do mercado. É desenvolvido desde 1989 pela empresa VERBI, de Berlim, e atualmente está disponível para os sistemas operacionais Windows e macOS, além de possuir aplicativo que pode ser utilizado em smartphones que possuem os sistemas operacionais iOS ou Android.

Ele organiza vários tipos de documentos (textos, áudios, vídeos, imagens), mas sua base principal é o texto. Dessa forma, aquele documento que não é textual precisa ser descrito com o objetivo de que possa fazer parte da análise. Suas análises são definidas através de códigos criados pelos usuários. Nisso, faz-se necessário o conhecimento prévio dos documentos a fim de alimentar o software com estes metadados e preencher, assim, as codificações que serão úteis nas análises além ajudar na organização dos documentos.

O MAXQDA também possui tecnologia de OCR (Reconhecimento Óptico de Caracteres), que pode ser bastante útil na extração de dados de documentos que possuem caracteres. Ainda não existe um uso consolidado da tecnologia pelos historiadores. Foi visto que no próprio software o reconhecimento precisa de mais desenvolvimento, especificamente em fontes com letras escritas à mão, dada a variedade de formas com que as letras podem ser representadas. Jornais antigos são os principais documentos utilizados com essa tecnologia.

Outro ponto relevante do MAXQDA é um espaço de anotações diárias sobre a pesquisa. Esse espaço dentro do software é bastante útil pois mantém a centralização nele sobre o processo de desenvolvimento, o registro das movimentações que foram feitas durante o período da pesquisa, gerando um conteúdo que pode ser utilizado na escrita dos trabalhos.

As análises baseiam-se no conteúdo escrito e nos códigos. É possível cruzar dados dos códigos, visualizar a densidade entre eles, a fim de identificar pistas para as informações que os documentos estão trazendo. A ferramenta também possui o recurso de nuvem de palavras, bastante didático para visualizar a frequência dos termos e posicionar o analista no que está aparecendo mais ou menos nas fontes.

- NVivo

O NVivo é um software australiano de análise qualitativa. É utilizado por profissionais das mais diversas áreas, como de marketing, esportiva e criminal, acadêmica, entre outras.

O seu funcionamento também fica em torno do conteúdo textual. Possui a possibilidade de importar arquivos de áudio, vídeo, tabelas, conteúdo da web e e-

mails, sendo os documentos não textuais condicionados à descrição do usuário para utilização no processamento das informações. Ferramentas de marcação, áreas de anotações, além de criação de categorias pelo usuário também são possíveis, a fim de criar métricas de organização dos conteúdos importados.

A visualização e exploração dos resultados será através de tabelas, gráficos, nuvens de palavras e diagramas. Possui a possibilidade de exportação de resultados para planilhas e editores de texto. Também é possível integrar os dados com aplicações de pesquisa como o *SurveyMonkey* e o *EndNote* que são utilizados para gerenciar bibliografias.

- Voyant Tools

O Voyant Tools é uma solução web, disponibilizada de forma gratuita, que tem como objetivo fazer uma análise de conteúdos textuais importados pelo usuário. Na sua apresentação no site oficial se tem a informação de que é desenvolvido com a finalidade de facilitar práticas de leitura e interpretação aos estudantes das humanidades digitais e para o público em geral.

A ferramenta é bastante intuitiva e possui um dicionário em português, que permite ao usuário que importará textos nesse idioma ter uma análise mais refinada sobre as funções sintáticas das palavras, o que dá mais qualidade à análise. Infelizmente, no momento da pesquisa a página com exemplos de utilizações reais da academia estava fora do ar. De qualquer forma, foi possível fazer alguns testes na ferramenta de forma bastante intuitiva com a visualização bem facilitada.

Por ser disponibilizada de forma online, essa ferramenta não fica limitada ao sistema operacional do computador para ser utilizada. Outro ponto bastante relevante é a licença de software livre e que seus códigos podem ser acessados através do *GitHub*⁶⁸, podendo o usuário com conhecimento da linguagem de programação

⁶⁸ O *GitHub* é um repositório de controle de versão de códigos de programação online utilizado, predominantemente, por desenvolvedores de softwares em projetos públicos e privados. A sua popularidade se deu pela centralização de um local em que se pode compartilhar soluções e projetos entre os usuários de forma gratuita. Aos poucos outras áreas, como a das ciências sociais, está utilizando o *GitHub* para compartilhar projetos de aula em formatos de programação e ferramentas digitais que possam auxiliar outros pesquisadores no seu ofício.

JavaScript personalizar a ferramenta, modificando funções existentes ou adicionando novas.

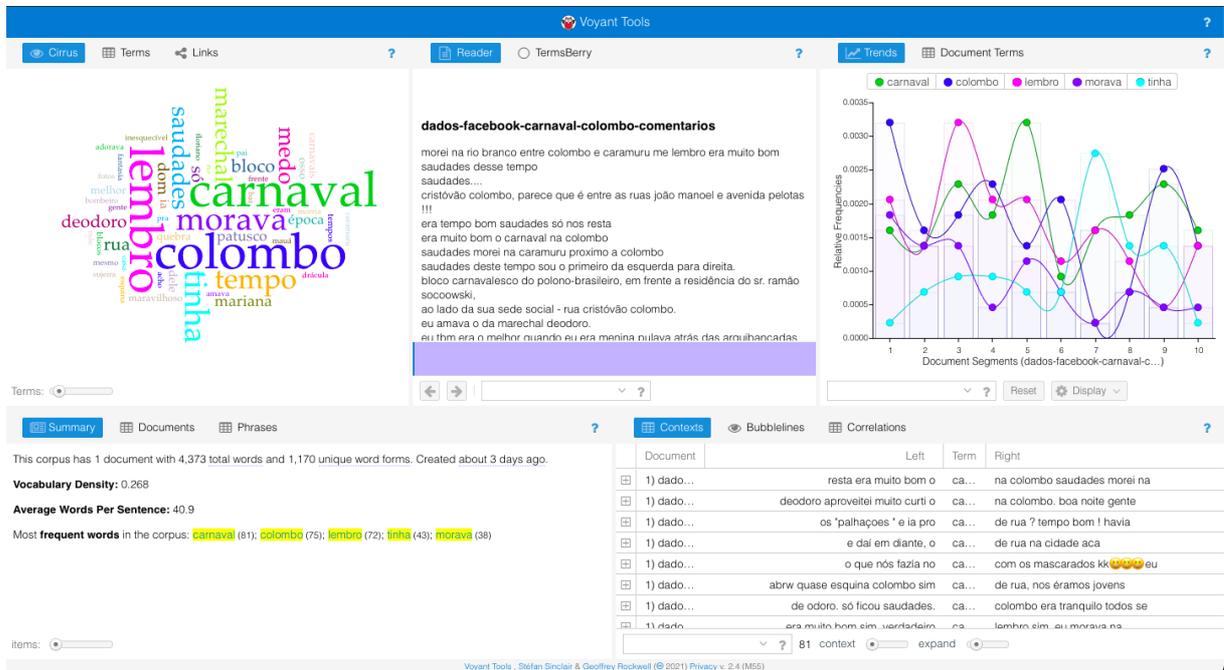


Figura 25: Exemplo do painel do Voyant Tools após adição de um corpus textual sem tratamentos

Apêndice A – Transcrição da entrevista com Ronaldo Morgado Segundo

Entrevista com Ronaldo Morgado Segundo, ocorrida no dia 8 de março de 2021 a partir das 19h. Realizado de forma virtual através da plataforma Google Meet.

[ENTREVISTADOR], Bruno dos Santos Bengochea.

[ENTREVISTADO], Ronaldo Morgado Segundo.

[00:00:00]

[ENTREVISTADOR]

Começando a gravar agora, aqui. São 19 horas. Ronaldo, qual é a sua ligação com a fotografia e com a cidade de Rio Grande?

[ENTREVISTADO]

Cara, eu comecei na fotografia em 1989, primeiro como amador, obviamente, e depois eu fui me especializando na fotografia. E aí em 1992, eu ganhei um concurso, foi o primeiro concurso "De olho em Rio Grande", que foi feito pela, pelo lugar que hoje é a fototeca. Esqueci o nome do local. Na Coronel Sampaio, esquina com Marechal, ali. Esqueci o nome agora. Aquele prédio, lá, abandonado. E aí, a partir daí, eu fiz alguns trabalhos, claro, que a fotografia, pra mim, pra eu poder me sustentar naquela época, eu precisava trabalhar com a fotografia. Para poder comprar equipamentos, essas coisas todas. E ao mesmo tempo ia fazendo meu lado da fotografia que é o lado artístico. E no final das contas, meu último trabalho como fotógrafo profissional, foi um trabalho que eu fiz para o Marchetotti, em que eu tive que fotografar todos os monumentos do Rio Grande. Que na verdade não deu para fotografar todos monumentos porque Rio Grande tem muitos monumentos. Eu tenho o álbum ali, não sei nem te dizer quantas fotos tem naquele álbum, tá lotado. Ainda foi com negativo, no papel, né. E aí, a partir daí eu comecei a fotografar detalhes do Rio Grande. Por exemplo, eu tinha - infelizmente mudando de uma casa para outra, acabei perdendo essa foto - uma foto da escadaria do saca rolha. Quando fecharam o saca rolha, só ficou a escadaria e eu fotografei a escada do saca rolha. E eu fui fotografando muitos prédios que hoje já não existem mais. Eu nunca fui - até esse período ainda não era um historiador, de fato. Sempre fui apaixonado por história, mas estava fazendo

informática, que era o que o comércio da época exigia. Mas a história sempre foi uma paixão. E eu fui fotografando o Rio Grande, os prédios, essas coisas, e acabou que eu tenho um acervo de fotos do Rio Grande de antes e to no Rio Grande de agora. Por exemplo, o saca rolha, que é um prédio que não existe mais, eu tinha foto da escada dele. Antes da foto da escada dele não tinha foto nenhuma. É uma pena que antes eu não tenha fotografado a cidade com mais fervor como passei a fotografar. Por exemplo, a Riachuelo, mesmo, eu vi prédios da Riachuelo caindo, que poderiam ter sido fotografados e hoje estariam registrados. Mas é que é aquela coisa: na época a gente não pensa, aí depois quando a gente evolui, mentalmente, pensa "pô, porque não fiz isso", né? Mas, essa era minha ligação entre a fotografia e, posteriormente, a fotografia e Rio Grande.

[ENTREVISTADOR]

Sobre a página "Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande", quais foram as motivações para criação desse grupo?

[ENTREVISTADO]

A página, na realidade, surgiu a partir de uma brincadeira. A partir de uma sacanagem. Porque um outro grupo daqui de Rio Grande, eu fiz um comentário em que eu fazia uma comparação com uma coisa que aconteceu em Porto Alegre no século XIX. E depois eu fiz a. Eu passei aquilo alí que aconteceu em Porto Alegre para o Rio Grande Atual. Só que o moderador do grupo leu só a primeira parte, viu que era Porto Alegre, retirou o comentário, e eu reclamei. E aí o cara. E aí eu peguei: "Oh cara, porque que tu tirou o comentário? Porque, afinal de contas meu comentário tinha a ver com a cidade." E aí o cara resolveu ler, e aí ele viu que tinha e aí a postagem foi feita. E aí, a partir daí começaram a surgir outras pessoas comentando "Ah, porque você não faz uma página só com as lendas de Rio Grande, lendas urbanas de Rio Grande". Eu disse: "bah, que legal. Vamos fazer uma página". E aí eu acabei pegando o nome da coluna do jornal Rio Grande, que era uma coluna que eu gostava muito de ler, que era o "Fatos e Coisas de Antanho". E aí o grupo começou com as lendas urbanas. Mas aí depois eu peguei e disse: "tchê, as lendas urbanas não. Vamos fazer um grupo de história". Isso na minha cabeça, né? Não comentei com os outros que queriam as lendas urbanas. Eu tava dentro da minha cabeça. E aí eu peguei, me cerquei de

historiadores de Rio Grande, que já faziam parte dos meus amigos no facebook. Comecei a convidar eles para o grupo e daí comecei a fazer as pesquisas. Claro que, primeiro, foi o google. Do Google, passou para livros. De livros, junto com comentários das pessoas que me cercavam ali. E assim o grupo foi evoluindo. O grupo, pra te dizer a verdade eu achei que esse grupo não ia passar de 400 pessoas. Porque, como era um grupo de história. E estava sendo um grupo de história bem tradicional, mesmo, eu achei que não iria crescer. Mas em menos de um ano o grupo já tinha mais de 1000 pessoas. Inclusive isso aí criou problemas até com outros grupos de história que tinham em Rio Grande. Porque eles se sentiram ofendidos, porque o grupo decolou muito rápido. E o grupo decolou rápido, principalmente por causa das regras. Que ali é proibido falar de política, ali é proibido agredir as pessoas. Ali tem uma série de proibições. Tem mais proibições do que concessões. Isso aí fez um diferencial. O pessoal que já tá cansado, de saco cheio de estar entrando em grupos que o pessoal se pega a pau e fala mal um do outro. Ali eles encontraram um grupo que eles podiam passar o seu conhecimento e opinião sem que fossem agredidos. E aí o grupo começou a decolar.

[ENTREVISTADOR]

A página vai completar 7 anos e conta com mais de 36 mil usuários. Atualmente, diariamente ocorrem postagens e interações. Como você avalia esse período de existência da página ao longo dos anos? Algum momento ela pareceu “esquecida” pelos usuários?

[ENTREVISTADO]

Não. Nenhum momento. Cara, é que assim, as pessoas entram [pausa pois desligou a máquina/Ronaldo]. Então, o que eu tava te falando, da interação com o grupo, né. Logo que os caras entram no grupo, eles entram assim: com todo pique. Porque é aquela coisa assim: começa a procurar os troços no google. Por isso tem muitas publicações ali que são repetidas, e eu vou deixando essas publicações repetidas porque, assim, é do interesse que a pessoa procure. Mesmo que seja uma coisa repetida. Porque, pelo menos, assim ó, o cara tá se interessando em procurar a história da cidade. Então não vou pegar lá e dizer: "Não, meu amigo, isso aí já tá publicado, tá lá os arquivos do grupo, procura". Não. Ao contrário, deixa repetir, toca

bala. Porque é justamente para estimular essa coisa do interesse, das pessoas que participam do grupo de absorver um pouco da história do Rio Grande. E assim, o grupo não para em nenhum momento. Tu publica uma coisa assim, cara, tu vai publicar, assim as 2:30 da manhã, tem um lá pra curtir o que tu publicou. Tu publicou as 4 da manhã, tem um lá pra curtir ou até fazer comentários. Tu pública de tarde, o cara tá lá e curte. Então é uma coisa assim, o grupo não para. Ele é 24 horas por dia movimentado. Tem momentos que ele tem, dependendo da postagem que é feita, tem momentos que tem picos, tem momentos que ele tem movimento mais baixo, né? Tem momento que ele tem mais publicações, tem momentos que tem menos publicações. Tem uma variação ali. O grupo está com 36.400 pessoas e, assim, membros ativos, é que a parte de estatística do google é meio complicada porque tem 36.400 pessoas aí considera que tem 30.200 pessoas ativas. Só que dessas 30.200 pessoas que estão ativas, elas fazem parte dos 36.400. De repente um entra esse mês, mas ele não entrou no mês passado. Então, é uma coisa que é meio, a estatística é meio complicada. Mas a estatística que diz assim, da variação de publicações e de interação das pessoas com o grupo, essa aí a gente pode seguir tranquilo. Também mostra, assim, as publicações que têm mais curtidas, que tem mais gente seguindo, ele mostra toda essa parte. Então, tu pode ver assim, a partir das estatísticas do grupo, tu pode ver que o grupo não pára um minuto sequer. É o tempo inteiro ali no pau. E como tem todas essas regras aí, a gente tem que tá o tempo inteiro no pau, porque se tu der uma cochilada, validada, deu. Já aparece um vídeo, já aparece uma publicação de alguma coisa política, já aparece vídeo de um pai de santo, o troço é, tu tens que tá o tempo inteiro ligado ali porque senão tu perde a linha. Isso aí é uma coisa assim, que eu notei, nos outros grupos de história daqui de Rio Grande. Grupos, não fan pages. Tem um grupo aqui de Rio Grande, inclusive era um grupo que eu observava muito. Eu acho que os administradores devem ter largado ele. Cara, é propaganda o tempo inteiro. Então, isso aí até enche o saco das pessoas que fazem parte do grupo. E também é mais um dos diferenciais do Fatos e Coisas: não ter propaganda. Nem que seja um pedido, por exemplo: "ah o fulano lá tá precisando de uma doação de sangue". Ai o cara pode chegar e dizer "há mas o cara é incenssível". Não, não é que seja insensível, é que se eu abrir pra isso aí, eu tenho que abrir pra uma série de outras mudanças. Então, não dá pra tu ter flexibilidade, porque se eu

tiver a flexibilidade pra um eu vou ter que ter flexibilidade pra todo mundo. Alí eu tenho que ser bem ditador, mesmo. Tem que ser firme com as regras o tempo inteiro, porque senão tu perde o comando.

[ENTREVISTADOR]

Qual a sua percepção do valor da página enquanto uma ação para difusão do conhecimento histórico?

[ENTREVISTADO]

Olha, eu acho, assim, eu vejo o universo acadêmico de história do Rio Grande, ele é muito rico. Eu vejo trabalhos ali do Francisco, do Torres, da Beatriz Thiesen, são trabalhos maravilhosos. Mas, infelizmente esses trabalhos acabam ficando presos só no meio acadêmico e não chegam ao grande público. E, mesmo que cheguem ao grande público, a linguagem que é utilizada - não tanto pelo Torres, porque o Torres é um pouco mais popular na escrita dele. Mas, por exemplo, se tu pega o Francisco, ele tem uma linguagem pouco didática, e que às vezes isso aí não atinge o povo. Então, como eu tenho acesso aos livros do Francisco, tenho acesso aos livros do Pedro Mentz. Acesso a livros do Torres - do Torres eu tenho todos os livros dele. Então tenho um pouquinho mais de conhecimento didático, consigo lidar melhor com esse tipo de escrita. Por exemplo, o Willy César, quando ele escreveu o livro "Do Big Bang a 2015", ele escreveu aquele livro de uma forma bem popular. Eu não concordo com algumas coisas que o Willy César escreveu, mas o Willy César era um grande amigo meu, ele sabia que eu não concordava com alguns pensamentos dele, mas a gente teve uma relação de respeito. E eu peguei uma linguagem que é visual. E a linguagem visual mexe muito com o ser humano, hoje, no facebook. Porque o facebook é visual. E hoje, infelizmente as pessoas estão com preguiça de ler. Tu pode ver isso nas próprias publicações do facebook. Tu bota uma foto lá, e a pessoa não sabe o que é aquilo, eles mesmo perguntam: "Ah, o que é isso aí?" Ai a pessoa responde, vai vendo aquele monte de respostas, e depois, lá embaixo, um diz assim: "o que é isso?" já mostra que a pessoa não leu o restante. Então tu já vê assim: mesmo que o trabalho realizado pelos professores de história conseguisse atingir uma linguagem mais popular, dificilmente essas pessoas comprariam um livro desses historiadores. Então o Fatos e Coisas acabou se tornando uma ferramenta que,

através da imagem, a gente pudesse contar a história do Rio Grande de uma forma mais simples. E que eles conseguem atingir e interagir de uma forma mais fácil. Por exemplo, assim, a versão do Fatos e Coisas que tem no youtube, não atingiu nem 400 pessoas. Tem 300 e poucas pessoas inscritas só. E por mais que eu coloque os vídeos no grupo, como marcação, aviso para as pessoas irem. Pra tu ter uma ideia, a questão christie que eu coloquei agora, teve 50 visualizações. Em compensação o da Mangacha teve quase 900 visualizações. Porque aí também tem os interesses. Porque eles vão pegar a questão christie, o que é isso? E aí eles não se interessam em ver o vídeo pra saber o que é a questão christie. E dessas 50 pessoas que entraram, a média de tempo que eles ficaram no vídeo, não chegou a 3 minutos. Isso que dizer, assim, tu faz um vídeo que é um pouco mais didático, não interessa. Se tu faz um vídeo que fala de uma casa popular de Rio Grande, pra gente não dizer outra palavra, um cabaré. Se tu pega e tu fala sobre a Mangacha, aí os caras tem um interesse muito grande. Tem aquela aura em torno da Mangacha e tudo. Então, a Mangacha foi um vídeo que chamou bastante atenção. O vídeo da Mangacha só perde pra um vídeo: que é o do forte Jesus Maria José. Até porque esse vídeo é um pouco controverso. Porque ali eu falo que o forte não foi onde dizem que é. Ele é um vídeo controverso, então ele tem um pouquinho mais do que o da Mangacha. Mas o da Mangacha tá chegando. Chegando perto dele. Mesmo os vídeos, que tu tem muito mais conteúdo, muito mais informações, mas ele não atinge o público. Porque o público quer ver fotos. E das fotos eles contam a história. E outro detalhe que deixei rolar ali. E na época um dos caras que me ajudaram disse pra mim: "olha cara, tu tá deixando o Fatos e Coisas num lugar que a gente não pensou". Ai eu disse "qual lugar". E ele disse "o pessoal está postando fotos particulares, postando histórias particulares". Ai eu disse pra ele "mas minha intenção é essa mesmo". Porque a partir da história popular, a gente pode construir a história de Rio Grande. O cara vai tá contando lá: "eu ia nos bailes de carnaval do saca rolha", e aí daqui a pouco um já diz "tu te lembrás que tinha aquele local assim, assim assim...". Então tu já começa a falar de coisas que a gente não tem mais o registro visual. E está ali, escrito. Eu espero que o facebook renda bastante tempo no ar. Porque o conteúdo que tem ali no Fatos e Coisas é um conteúdo muito rico e com muita informação, como tu mesmo tá utilizando para o teu trabalho, pode ser utilizado para vários trabalhos. Ali tem muito

assunto, então é uma coisa assim que os caras pegam e botam fotos do casamento da bisavó. Por exemplo, eu coloquei uma foto do casamento da minha bisavó, que é de 1915, tirada pelo Giovannini. É uma foto de mais de 100 anos. 106 anos. Aí tu vê aquilo ali, outro já pega "ah mas meu bisavô já tirou uma foto com o Giovvanini", e aí bota a foto da bisavô dele. E assim vai indo. Teve um que perguntou pra mim: "Ahh mas não tem foto da Mangacha por dentro?" Ai eu disse: "Olha, até agora as poucas fotos que achei são fotos fechadas, que pegam só as pessoas, não pegam a Mangacha. Até porque não sei se, de repente era uma ordem da dona Ludovina, ou era uma questão de privacidade que eles prezavam alí". Mas em compensação, assim, tem fotos da Mangacha. Mas só que são fotos fechadas. Eu, por exemplo, soube desse modal que a Mangacha tinha com cartas e cartões postais que eram enviados praticamente para o mundo inteiro. Eu fiquei sabendo disso através de uma pessoa que frequentava a Mangacha. Mas só que visualmente a gente não tem uma foto disso aí. Ai tu imagina se a gente tivesse uma foto dessa parede? Mostrando que a Mangacha era conhecida no mundo inteiro. E aí tu começa vê assim "cara mas um cabaré de Rio Grande é conhecido no mundo inteiro". Isso ai tu vai passando e tu vai vendo. Claro, eu to me detendo mais à Mangacha, porque esse é um assunto que gera bastante assunto ali no Fatos e Coisas, até por uma questão, assim, de que muita gente tem curiosidade o que era a Mangacha, como era a Mangacha, quem frequentava a Mangacha, como é que eram as mulheres que trabalhavam lá. Claro, estou me detendo mais nela. Mas é uma coisa que assim, isso ai tudo chama atenção. E daqui a pouco tem gente assim que posta uma foto do clube, ahh "qual era o nome daquele clube, tchê, que eu já vi uma foto e foi muito legal porque a foto mostrava todo o clube e também tinha uma coisa interessante porque esse clube tinha uma corda no meio que separava o brancos dos negros. Braço é Braço, o nome. Tinha uma corda que separava os brancos dos negros. Só que a foto foi tirada em uma época que os brancos e os negros já se misturavam. Mas a corda tava lá. A corda tava lá. Então, assim, é interessante de tu ver isso aí. Os brancos e os negros estavam se reunindo, as pessoas que estavam comentando eram brancos e eram negros, cara um contando suas histórias. Mas na foto tu vê a segregação. Aquela faixa alí que não podia misturar. Então assim, na hora de dançar, na hora de conversar, aquela corda não existia. Mas na hora de tu sentar na tua mesa, aquela corda existia. De um lado

era só os brancos, de outro eram só os negros. Então é uma coisa assim, que a foto mostrou. Só que isso aí, assim ó, ninguém se deu conta disso aí. E aí, claro, como fotógrafo, eu não vejo uma foto, eu analiso uma foto. Ai eu já vi aquela corda alí e já fui perguntar fui perguntar pro meu pai "tchê, porque que tinha aquela corda dentro do braço é braço". Aí o pai disse, que é para os pretos não se misturarem com os brancos. Por exemplo, eu cheguei a pegar o Águia Branca na época em que não entrava negro. Cara, isso aí foi há 30 anos atrás. Em termos históricos é nada. E não entrava negros. Eu fui a baile de carnaval e eu fiquei com uma guria, e eu tava beijando a guria e chegou o segurança e separou porque não podia beijar a guria dentro do clube. Isso a 30 anos atrás. Então são coisas que a gente pensa: "não, mas isso aí lá na década de 1960, 1950, isso aí era normal. Ai quando tu fala que na década de noventa isso acontecia, vão dizer "não pode, como é que acontecia?" e tinha.

[32:13:42]

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Bruno dos Santos Bengochea, matrícula nº 20103281 declaro para todos os fins que o texto em forma de (X) Dissertação de mestrado ou () Tese de Doutorado, intitulado “Fatos e Coisas de Antanho do Rio Grande: Facebook, memória fotográfica e História digital”, é resultado da pesquisa realizada e de minha integral autoria. Assumo inteira e total responsabilidade, sujeitando-me às penas do Código Penal (“Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos”).

Pelotas, 28 de junho de 2022.

A handwritten signature in black ink that reads "Bruno Bengochea". The signature is written in a cursive style with some capital letters.

ASSINATURA